Lucas Guimarães

Desenterrando os tesouros de Deus



Os princípios da verdadeira oração ensinados por João Calvino

Lucas Guimarães

DESENTERRANDO OS TESOUROS DE DEUS

Os princípios da verdadeira oração ensinados por João Calvino

São Paulo - 2012

Copyright © 2012 by José Antônio Lucas Guimarães

Revisão: Roberto C. G. de Castro
Foto da capa: Os gêmeos Guilherme e Gustavo, filhos de Anderson e Valquíria. Usadas com devida permissão.

G963d Guimarães, José Antônio Lucas, 1972-

Desenterrando os tesouros de Deus: os princípios da verdadeira oração ensinados por João Calvino / José Antônio Lucas Guimarães. – São Paulo: Ixtlan, 2012. 137 p.

ISBN: 978-85-63869-86-9 (edição impressa)

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada. 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações com indicação da fonte.

S|umário

Dedicatória
Agradecimentos
Introdução
1. O que é a oração?
2. O lugar da oração
3. Necessidade e benefícios da oração
4. Por que orar se Deus já sabe?
5. As quatro regras da oração
6. A oração da fé
7. Classificando a oração
8. Necessidade da oração individual e coletiva
9. Perseverança na oração
10. Ferramentas para desenterrar os tesouros
Considerações finais
Referências bibliográficas
Sobre o autor

Cor meum tibi offero Domine, prompte et sincere!

Meu coração te ofereço, Senhor, pronto e sincero!

Frase que acompanha emblema, simbolizado por uma mão segurando um coração, que aparece nas obras de João Calvino.

D|edicatória

À minha mãe Margarida Lucas. Suas orações têm sido prova do amor de Deus por mim.

A|gradecimentos

A Deus, por me receber como filho e suplicante;
À Neide Lucas, minha esposa, pelas orações e encorajamento;
Ao prof. Dr. Roberto C. G. de Castro, que prontamente revisou o texto;
Ao meu irmão Raimundo Lucas e às minhas irmãs Maria Edir e Edineuza Lucas. O amor de vocês é um chamado à gratidão a Deus;
À Igreja Presbiteriana de São Vicente, lugar onde se proferiu os estudos desse livro;
À Congregação Presbiteriana Deus Conosco em Limoeiro do Norte (CE), que permanentemente tem intercedido por mim.

I|ntrodução

A oração não foi somente um dos temas centrais nos escritos de João Calvino. Sua vida de fé e prática tem as marcas da oração. Calvino foi chamado de jejuador inveterado.[1] Posso imaginar o porquê de sua preocupação com o jejum. Para ele, "o jejum é a preparação para a oração."[2] Sua vida de oração era, por demais, abundante. Poucos, no entanto, conhecem esse lado de Calvino. Poucos também sabem que foi devido à sua vida na presença de Deus que o fez marcar sua geração e seu tempo. Contudo, é mais fácil manter o preconceito em torno de sua pessoa e olhá-lo como alguém de espírito amargo. Este ensaio pretende, além de estudar o tema proposto, revelar esse Calvino que traz em sua vida as marcas da prática da oração e do jejum.[3] Ele procura também mostrar a riqueza da espiritualidade e devoção contidas em seus ensinos e em sua vida.

É com essa intenção que estudo a prática da oração em Calvino: a convicção da centralidade da oração na vida espiritual para o desenvolvimento da nova pessoa em Cristo. Se a oração ocupa um lugar tão privilegiado na consciência e na espiritualidade, por que é tão negligenciada?

Quando destaco a consciência e espiritualidade, tenho em mente as muitas definições que já brotaram na literatura e pregação cristã quanto à oração. A oração é a chave – dizem os que procuram enfatizar sua centralidade – para a cura, ao avivamento e às bênçãos de Deus. Todos sabem da importância da oração; muitos sabem defini-la, mas poucos a praticam como um viver dinâmico na presença de Deus. Estamos diante de uma geração que desaprendeu a orar! Então, é preciso que se aprenda novamente a orar, o que, segundo Emil Brunner, teólogo suíço: "Só é possível aprendê-lo no silêncio e na meditação."[4]

Consciente de que a oração e o estudo sério desse assunto são necessidades urgentes para a igreja – devido às distorções e aos ensinos deturpados nessa área –, pretendo deixar aqui os sentimentos e orientações de João Calvino, reformador do século XVI, quanto ao exercício da verdadeira oração. Tenciono, também, deixar as marcas de meus sentimentos em diálogo com aqueles.

Para atingir o alvo, tentei não produzir mais um estudo teológico

sobre os ensinos de João Calvino. Pretendo refletir sobre o tema a partir das declarações em seus escritos. Essa reflexão quer trazer a espiritualidade contida na temática segundo o pensamento desse reformador. Com esse objetivo, tento produzir um texto leve, próprio para quem quer entrar no quarto da devoção. Como um texto a partir de Calvino, sinto-me na liberdade de buscar outras fontes para enfatizar certas afirmações. Se o leitor considerar que uso Calvino como pretexto para falar sobre oração, apenas posso desejar que ele seja também pretexto para outras tarefas tão necessárias para nós, como essa de refletir e viver a prática da oração.

Se o presente estudo quer ser um diálogo a partir dos escritos de Calvino, convém ter a liberdade de interpretar, comentar e ampliar os questionamentos e afirmações encontrados ali. Devo ressaltar que o presente estudo segue, principalmente, a grande obra do reformador, *As Institutas da religião cristã*.[5] Ele não é uma pesquisa pormenorizada em todas as suas obras para análise de cada declaração sobre oração. Tenho, no entanto, a certeza de que captei a essência do tema. Dessa forma, considero que o propósito tem sido satisfatório em sua delimitação.

Este estudo teve início quando me encontrava no seminário, propriamente na disciplina sobre a vida e o pensamento de João Calvino. Posteriormente, tive oportunidade de ministrar série de estudos sobre esse tema. Essas ministrações não apenas ampliaram o material. Elas me deram a oportunidade de aprofundar vários aspectos do estudo a partir das reflexões nascidas da interação com a igreja.

O melhor dos altares e a melhor das igrejas se erguem no coração. Tudo o que nele for edificado será intenso. No coração encontra-se o pulsar da vida e o palpitar da paixão e do apaixonante. Tudo nele é pleno e pulsante!

Na Carta aos romanos, Paulo faz-nos pensar o corpo como sacrifício santo, vivo e agradável a Deus (Rm. 12.1). Ele, escrevendo às Igrejas de Corinto e de Éfeso, denominou o corpo de morada de Deus e santuário (templo) do Espírito Santo (1Co. 3.16-17 e Ef. 2.21-22). Se somos o templo do Espírito Santo, o nosso coração deve tornar-se o altar desse templo.

O coração transformado em altar é a garantia de que a fé, a esperança, e a vida de louvor e adoração levarão o pulsar de nosso ser e a força contagiante da nossa vida.

O altar é o centro do templo e do toque da divindade. Ele é realidade humana e quer ser o lugar onde são oferecidas as ofertas aos céus. É o lugar da entrega e do recebimento!

Um altar erguido no coração é uma convergência de duas forças. A humana que presenteia os céus com a intensidade de seu ser e oferece o corpo para morada de Deus; e a divina que visita a intensidade humana e a transforma em força para a vida ao habitar em nós.

Façamos nossa aquela declaração de Agostinho de Hipona: “Minha alma é morada muito estreita para te receber: será alargada por ti Senhor. Está em ruínas: restaura-a!”[6] Ele expressava desta forma por entender que a imensidade da glória e da graça de Deus é tão grande que nosso ser não poderia contê-las. Seria necessário que Deus alargasse as paredes do coração apertadas pela pecaminosidade humana!

Torne seu coração um verdadeiro altar erguido para ofertas a Deus, Senhor do templo, e para receber a glória do Deus que visita constantemente o altar erguido no coração. Em pouco tempo, você verá que não somente o coração, mas a vida, o lar e a família pedem para ser também um altar dedicado a Deus.

Acima de tudo, desejo que o leitor encontre o caminho para o desejo de viver a doçura da comunhão com Deus e da conversa com ele. Eu creio que o Espírito usará imensamente o texto que segue para converter o nosso coração à bondade de Deus e ao seu amor. Quando isso acontecer, entrar no quarto e secretamente orar ao Pai será o mais excelente divã para a alma cansada e o mais aconchegante lugar para aquele que se sabe amado de Deus.

Seja bem-vindo à descoberta do instrumento que Deus nos dá para desenterrar seus tesouros. Meu desejo é que você comece, através da oração, a desenterrar esses tesouros e seja rico na pessoa de Cristo e nas virtudes e graça nele contidas, pois como disse Eugene Peterson, “as orações não são ferramentas para fazer ou obter, mas para ser e tornar-se.”[7] Assim, seja e torne-se abundante no Senhor.

1|

O que é a oração?

Como definir a oração? Para iniciar, posso afirmar que toda definição sobre oração torna-se ultrapassada quando oramos. A definição da oração encontra-se em sua prática. Oração é orar! Então, o que significa essa busca por delimitar a oração através de definições? Na realidade não são definições, mas sentimentos em relação a ela.[8] Na essência da oração encontra-se o enigma da intimidade com Deus: "Entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (Mt. 6.6). É por isso que falo sobre oração não a partir do substantivo, mas do verbo, pois fica claro que ela não é momento de ócio, mas de trabalho, prática e plena ação. Karl Barth, teólogo suíço, declara: "Oração é verdadeiramente uma obra."[9] Nesses termos, Emil Brunner, também teólogo suíço, ressalta: "Orar é a coisa mais ousada e mais humilde que uma pessoa pode fazer."[10] Aqui convém seguir a recomendação de Calvino, quando nos orienta a labutarmos "mais para sentir Cristo vivendo em nós do que para descobrir a natureza de tal comunicação."[11]

A grandeza e graça da oração encontram-se na prática da presença de Cristo, de forma a torná-lo sentido e amado. Calvino recomenda apego a essa presença. Ele não exclui a busca de formulação de uma teoria da oração. Sua intenção é mostrar que falar sobre oração não é o mesmo que orar. A melhor exposição sobre oração é uma oração exposta diante de Deus!

Como Calvino define a oração? Quais seus sentimentos em relação a esse tema? Um dos capítulos mais extensos das *Institutas* é aquele dedicado à oração.[12] Esse enorme espaço que Calvino dedicou à oração vem somente provar que, para ele, a oração é essencial à vida do cristão. O capítulo XX do livro III traz como título a seguinte expressão: "Da oração, que é o principal exercício da fé e mediante a qual recebemos diariamente os benefícios de Deus."[13] Nesse capítulo, Calvino define a oração como:

> ...uma espécie de comunicação entre Deus e os homens,

> mediante a qual entram no santuário celestial, recordam-lhe suas promessas e instam-lhe a que lhes mostrem, na realidade, quando a necessidade o requer, que o que temos crido, simplesmente em virtude de sua Palavra, é verdade e não mentira nem falsidade.[14]

Essa definição de Calvino, além de ser uma das mais completas e edificantes sobre oração, destaca quatro verdades sobre ela.

Primeira, que *a oração é uma comunicação entre Deus e os homens*. Devo ressaltar a expressão "espécie de comunicação". A variedade dos meios de comunicação é enorme. Em nossos dias, vivemos a revolução da comunicação: cartas, telefones, faxes e e-mails. A oração é um meio de comunicação. Na base dessa comunicação está a noção de relacionamento e comunhão. É na linguagem da comunhão que acontece a oração. Ela não acontece através de "línguas estranhas" e ininteligíveis, mas na linguagem da intimidade. Na oração encontram-se pai e filho: dois amigos que têm tudo para conversar, aprender, relacionar-se e estarem juntos. Ou como andarão dois juntos se não estiverem ambos de acordo (Am. 3.3)? Como uma espécie de comunicação, os elementos básicos são os mesmos: remetente e destinatário.

Segunda, que *mediante a oração entramos no santuário celestial*. A oração, como uma espécie de comunicação, consegue um feito que é próprio dela. Por ela, somos envolvidos pela presença de Deus e entramos no Santo dos santos para além do véu. Somos transferidos ao ambiente de Deus para viver a maravilhosa experiência de falar com ele, como um filho fala ao pai. Calvino exclama: "Inestimável é o privilégio de que desfrutamos, mediante o evangelho, de livre acesso a Deus."[15] Na força do Evangelho, que gera em nós confiança, desenvolve-se a oração. O Evangelho abre o caminho da presença de Deus e a oração encaminha-nos ao santuário do Altíssimo!

Terceira, que *através da oração entramos para recordar suas promessas*. Toda comunicação é motivada por uma necessidade: de gratidão, de relacionamento ou busca de socorro. Não é diferente na oração. A necessidade básica da oração são as promessas de Deus para nossa vida. Recordar não quer sugerir que Deus esqueceu-se do que prometeu, mas que nós não esquecemos o que nos foi prometido. Na oração dizemos a Deus que cremos em suas promessas!

E, finalmente, *que pela oração entramos na presença de Deus para instar e pedir insistentemente que ele nos mostre que aquilo que temos crido,*

quanto ao prometido através de sua Palavra, é verdade. Pedimos, através da oração, que Deus livre-nos da incredulidade e da suspeita quanto à sua fidelidade. Temos crido nas promessas de Deus e esperamos recebê-las, pois pedimos conforme a sugestão da Palavra. O que pedimos a Deus é que ele torne em realidade as suas promessas em nossa vida. Algumas pessoas usam a expressão "fazer prova de Deus", como se pudessem coagir Deus. Dizem que, se Deus prometeu, deve cumprir. Logo, têm por direito "fazer prova de Deus", ou seja, pegar Deus pela palavra e colocá-lo contra a parede. Calvino, quando define a oração, não aponta para um "fazer prova de Deus". Ele sugere que o suplicante, na oração, peça a Deus que suas promessas tornem-se realidade em sua vida devido à sua carência de socorro e dos favores divinos. Instar não é forçar a Deus. Se ele prometeu é porque está graciosamente pronto a nos assistir em nossas necessidades. A teologia da prosperidade vê Deus na semelhança dos deuses da mitologia greco-romana. Eles deveriam ser convencidos e aplacados de sua ira para obter seus favores. A Bíblia nos apresenta Deus como aquele que é "galardoador para com todos os que o buscam" (Hb. 11.6). A graciosidade faz parte do ser de Deus!

A oração existe como meio de levar o suplicante a Deus. Diante dele, o suplicante declara sua fé nas promessas divinas e sua plena dependência e necessidade delas. Isso ele faz com persistência, não porque Deus se esqueça facilmente do que prometeu. Seu instar é devido à sua fome e sede dessa verdade em sua vida. O suplicante é semelhante à criança em busca do leite materno. Chora e persiste, até ter o seio da mãe, não porque considere que a mãe o abandonará, mas devido à necessidade de seu leite.

Acompanhando a definição da oração, Calvino exorta-nos a não esperar nada que não tenha sido ordenado a pedir pela oração, pois é através dela que "encontramos e desenterramos os tesouros que se mostram e descobrem a nossa fé por meio do Evangelho."[16] Que maravilhosa graça é essa que nos é apresentada! O Evangelho faz a fé descobrir o tesouro, e a oração dá-nos acesso a ele. Tantos padecem de pobreza espiritual porque resistem em ter um encontro com o Evangelho! Nunca descobrem os tesouros de Deus. Em Cristo deveriam ser ricos, mas vivem sob a pobreza do desânimo, murmuração e inquietação.

Jesus, através de parábolas, para enfatizar o que acontece quando se descobre o valor do Reino de Deus, comparou a alguém que encontrou um terreno em que havia um tesouro e, também, a uma pessoa que encontrou uma pedra preciosíssima. Ambos foram e venderam tudo para obter o tesouro

e a pedra (Mt. 13.44-46)! No Evangelho de Cristo encontramos os tesouros das promessas de Deus. Esse é o campo do precioso tesouro! Para obtê-lo é necessário o esforço do desprendimento. Feliz é aquele que encontra os tesouros das promessas de Deus. Mais bem-aventurados são aqueles que, desprendidos de toda beleza e sedução das coisas daqui, desenterram os tesouros e vivem a sua riqueza!

O Evangelho mostra-nos os tesouros. A fé descobre o valor dos tesouros de Deus – suas promessas. É a oração que os desenterra! De nada adiante receber o Evangelho com alegria e, pela fé, descobrir que as promessas de Deus são valiosas se não tivermos a mesma disposição para desenterrar os tesouros de Deus. Isso se fará suplicando dia e noite por suas bênçãos, promessas e vontade divina.



Veja que Evangelho, fé e oração cumprem funções que se complementam e formam estágios obrigatórios ao crescimento do cristão nos favores de Deus. O Evangelho é o mapa do tesouro. A fé é quem interpreta o mapa e estabelece o local de seu esconderijo. A oração é o instrumento que cava e desenterra o tesouro. Primeiro encontra-se o mapa, depois o decifamos e, finalmente, o desenterramos.

O Evangelho é o mapa que descreve todo o roteiro para encontrarmos as benditas promessas de Deus para nossa vida. Sem fé somos incapazes de compreender as promessas e esperar que a nossa felicidade esteja nelas. Uma vez crentes, começamos a buscar as promessas de Deus com devoção, empenho, temor e confiança. Deus, por sua graça, começa a aplicar suas promessas à nossa vida. A vida em abundância, que Jesus prometeu, torna-se realidade!

Não posso deixar de destacar que, para Calvino, a oração é o principal exercício da fé. Isso porque essa é a definição que se tornou clássica em relação à oração. Calvino vê na oração um meio para que a fé não caia na sonolência e enfraqueça. Aqui entramos no duplo significado da expressão inicial de Calvino – *a oração, que é o principal exercício da fé*. Isso implica em duas verdades. A primeira é que a fé inspira a oração e estimula a sua prática; e a segunda é que o hábito da oração mantém e fortalece a fé.[17]

É impossível existir verdadeira fé sem que dela brote a oração, pois a "fé é a inspiradora da oração."[18] Seguindo essa lógica, somos levados a afirmar que Calvino coloca a oração dentro da realização da fé. A oração é o principal feito da fé: "Como a fé nasce do Evangelho, igualmente por ela somos instruídos a invocar a Deus", ou seja, a orar.[19] A partir dessa afirmação conclui-se que: *somente oramos porque cremos*. Ora, como buscaremos o invisível se não cremos nele? A oração, em si, já é uma declaração de fé. Emil Brunner, teólogo suíço, tratando a respeito da oração, segue esse mesmo sentimento ao afirmar que:

> A fé vive da oração; sim, a fé essencialmente não é outra coisa do que orar. No momento em que cremos realmente, já estamos orando; e onde cessar a oração naturalmente também a fé cessará. [20]

Orar não é outra coisa senão praticar a fé. Quanta oração, tanta fé; pouca oração, pouca fé.

A oração, como exercício da fé, é fé em ação, em movimento. Ela é demonstração de fé. Orar é colocar a fé na "academia" para torná-la forte, habilidosa e saudável. Não colocar a fé para exercitar, através da oração, é deixá-la num "sedentarismo espiritual". Como diz Paulo a Timóteo: "Exercita-te, pessoalmente, na piedade, pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1Tm. 4.7b-8).

A fé gera a oração. Essa é uma verdade que não se pode discutir. O escritor da Carta aos hebreus mostra-nos que, para se aproximar de Deus, é necessário a crença em sua existência e que ele "se torna galardoador dos que o buscam" (Hb. 11.6). A fé gera a crença em Deus e nos seus favores. Ela é apresentada como uma necessidade básica, pois estimula a aproximação e a busca a Deus, ou seja, a prática da oração.

Por outro lado, a fé que gera a oração necessita dela para manter-se

firme. Se, no primeiro estágio, é a fé que gera a crença em Deus e leva-nos a buscá-lo, no segundo, a fé, que reconhece seus favores, é fortalecida pela experiência da oração. O cristão, depois de estar em Cristo, deve viver dentro do segundo estágio: da certeza de que Deus socorre os que o buscam (Hb. 2.16, 18). Essa certeza, a cada instante, torna-se realidade. Desde a realidade de uma vida debaixo dos favores e da graça de Deus, a fé é fortalecida. Essa é a proeza da oração: fortalecer a fé. Como diz D. G. Bloesch: "João Calvino se referia à oração como 'a alma da fé', e realmente, a fé sem a oração logo perde o vigor."[21]

No momento da incredulidade, é a oração que nos coloca dentro da profissão de fé, dos enunciados das eternas promessas de Deus e do contar as muitas bênçãos recebidas. Como nos instrui o escritor da Carta aos hebreus: "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus... Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb. 4.14a, 16).



Sumarizando, transcrevo o que Calvino diz sobre a oração em seu comentário à Carta de Paulo aos efésios: "Tendo vestido a armadura nos efésios, Paulo agora lhes ordena que lutem em oração. Esse é um método genuíno. Invocar a Deus é o principal exercício da fé e da esperança; e é assim que obtemos da parte de Deus todas as bênçãos."[22]

Sem oração perece a fé, morre a esperança e esfria o amor. E mais: a medida da fé é a medida da oração; e a medida da oração é a medida da fé!

O principal trabalho da fé é a oração. Quem possui uma fé operosa, é operoso em oração! Se a oração é o principal exercício da fé, é perda de tempo colocá-la para se exercitar prioritariamente com práticas secundárias. O principal encaminha-nos a obter todas as bênçãos de Deus. Quando exercitamos a fé, através da oração, não apenas obtemos todas as bênçãos de

Deus. As demais coisas nos serão acrescentadas! Na oração encontra-se a soma de toda a devoção e piedade. Não é por acaso que ela é o principal exercício da fé. Do fruto da boa árvore do Evangelho da glória e da graça de Deus, não se pode esperar menos do que a excelência: a oração!

Quando a fé trabalha, uma oração sobe a Deus; quando a fé vislumbra as promessas de Deus, uma súplica declara sua dependência dos favores divinos; e, quando a fé opera, Deus é honrado através da invocação ao seu nome.

Convém ressaltar também que Calvino relaciona a oração à esperança. Para ele, a operosidade da esperança produz invocação a Deus. A oração também é colocada como o principal exercício da esperança. O mesmo fundamento quanto à oração coloco aqui. A oração somente é possível para quem espera que Deus o ouvirá, e será propício à sua causa. O desespero é o principal exercício da incredulidade. Na esperança em Deus, o essencial é buscá-lo!

Deus já abriu seus tesouros e o Evangelho já foi pregado. Desenterrar os tesouros de Deus através da oração é uma questão de fé e esperança. Deixemos o secundário e busquemos o principal. Existimos para invocar a Deus!

2

O lugar da oração

Tratar sobre o lugar da oração é lidar com seu aspecto existencial e vivencial. Na vida, quando nos falta lugar ou endereço, fica somente a impressão da alienação. O lugar situa-nos e dá-nos identidade. O mesmo acontece com a oração. Negligenciar o seu ambiente, dar a oração outra localização ou deixá-la sem situação é torná-la alienada e sem identidade.

Quando falo do lugar da oração, não quero mostrar o espaço que ela representa nos escritos de João Calvino, mas de seu acontecimento, do ambiente onde a oração nasce e se desenvolve. Qual o "sotaque" da oração? Qual o seu linguajar? A resposta depende do conhecimento que temos sobre o ambiente no qual a oração nasce e se desenvolve. Se ela nasce na teologia da prosperidade, terá o vocabulário e vícios de linguagem próprios dessa teologia. Se nasce na teologia liberal, na pentecostal ou reformada, no orgulho humano, no avarento ou no não-arrependido, terá a estrutura de seu orador. Aqui se pode reformular um antigo provérbio: "Mostre-me como tu oras, e eu direi quem tu és!" Vejamos dois exemplos de orações.

Exemplo 1: "Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar. Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe. Eis que te comprazes na verdade no íntimo e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria. Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve. Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste. Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um

espírito voluntário.”

Exemplo 2: “Ó, Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.”

Olhando para a primeira oração, o que consideraríamos quanto ao orador e sua oração? Poderíamos imaginar que seja um “beato” evangélico vivendo mais uma de suas crises por busca de santidade através de seus méritos. O que é predominante nessa oração não são os atos de um desequilibrado emocional. Ela nos mostra uma pessoa que se revestiu de tal forma de uma consciência em relação a seu pecado que é possível ouvir o pulsar arrependido de seu coração e sentir o seu anseio pelo perdão de Deus. Vê-se que ele coloca de lado o mérito humano e fica à disposição do Espírito de Deus em completa sinceridade e totalidade de seu ser. Pode-se perceber que essa pessoa anseia por renovação, alegria de Deus e orientação divina. Ele quer sair de sua oração com as marcas da vontade de Deus em sua vida. Agora você deve estar perguntando: “Essa não é a oração de Davi, contida nos Salmos (Sl. 51.1-12)?” Respondo afirmativamente. A singularidade dessa oração não se encontra no fato de ter sido o rei Davi o orador. Ela é singular devido à sua situação e com qual motivação ele orou. Essa oração nasce de uma situação de quebrantamento. É o rasgar a alma e o coração em busca do perdão de Deus e comunhão com ele.

Quanto à segunda oração, o que você diz? Eis um homem com bastante senso de identidade, que reafirma a cada instante a sua singularidade, e como ele é especial e diferente dos demais devido à sua fé em seu Deus! Talvez isso seja verdade na primeira parte da oração. O que dizer do restante dela? Com certeza você dirá: “Que homem orgulhoso e exclusivista!” Na verdade, ele usou a primeira parte como pretexto para a segunda. Você me perguntará: “Essa não é a oração do fariseu contida no Evangelho de Lucas (Lc. 18.11-12)?” O que torna essa oração tão intrigante? Será o fato de ter sido feita por um fariseu? Creio que não é isso, mas a sua pretensão e intenção. Esse orador vive no mundo da discriminação e da busca de vanglória. É nesse mundo que é desenvolvida essa oração: com os vícios de linguagem da exclusão, insinuação e exaltação. Agora imaginemos quantos cristãos têm orado a partir da situação de sua denominação, dizendo: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este pentecostal (oração feita por um tradicional) ou como este tradicional (oração feita por um pentecostal); jejuo

duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho!”

Qual o verdadeiro lugar da oração? Qual seu eixo existencial e circunstancial? Onde nasce e se desenvolve a verdadeira oração? Calvino inicia o capítulo sobre a oração mostrando que até a presente reflexão – os assuntos tratados antes do capítulo XX de sua obra *As Institutas* – foi mostrado:

> ...quão carente e vazio de todas as coisas boas é o homem e como lhe faltam todos os recursos de salvação. Portanto, se ele busca meios pelos quais socorra a sua carência, lhe é necessário que saia fora de si mesmo e os obtenha em outra parte para si. [23]

Se, por um lado, temos por certo a carência humana, por outro, temos a suficiência divina. Deus se nos tem mostrado, através de Cristo, como aquele que nos oferece felicidade em vez de miséria, e toda a sorte de riquezas em vez de pobreza. Como diz Calvino, Deus “nos abre os tesouros celestes, para que toda a nossa fé contemple o Filho amado, toda a nossa expectação dependa dele, toda a nossa esperança se apegue a ele e repouse nele.”[24] O escritor da Carta aos hebreus aconselha: “Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus... para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas” (Hb. 12.2, 3).

Não podemos deixar de enfatizar que o propósito maior de Deus em abrir seus tesouros, de forma a serem desenterrados pela oração, tem em vista a centralidade de nossa vida em Cristo. É para nos levar a colocar nele nossa fé, expectativa e esperança. No conceito divino, Cristo é a principal necessidade humana. Por isso, o propósito maior de Deus será sempre apresentar Jesus Cristo como verdadeiro alimento ao ser humano. Ele é capaz de preencher toda expectativa humana. Quando Deus aponta para Cristo como nosso centro de gravidade, é porque nele se encontram toda a plenitude de sua glória e toda capacidade para aplacar os mais terríveis e profundos dilemas da pessoa humana.



Quanto à verdade sobre a carência humana e a suficiência de Deus, somente é compreendida quando a iluminação divina clareia os nossos corações: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co. 4.6). Sem a luz de Deus, passaríamos a vida pensando que podemos algo através de nossa força e tentando viver em ilusória autossuficiência. Só quando Deus abre o nosso entendimento é que começamos a entender que o querer pode estar em nós, não, porém, o efetuar (Rm. 7.18); que é Deus quem opera em nós tanto o querer quanto o poder para executar (Fl. 2.13); e que só podemos algo devido à força de Deus (Fl. 4.13). Essas declarações de Paulo chegam ao ápice quando, na segunda Carta aos coríntios, ele escreve: “...não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus” (2Co. 3.5). No dizer de Calvino:

> Este é o verdadeiro mecanismo que lança por terra toda arrogância – é a espada que põe fim a todo orgulho, quando aprendemos que somos meramente nada, e nada podemos fazer, a não ser pela graça de Deus somente.[25]

A fé, através da iluminação divina, mostra-nos que Deus, através de seu Filho, está com os tesouros abertos. Essa fé ensina-nos, como diz Calvino, “a reconhecer que tudo quanto nos é necessário e nos falta, isso está em Deus e em nosso Senhor Jesus Cristo.”[26] Ele declara que Deus encheu a Jesus de toda a plenitude de sua liberalidade – “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça” (Jo. 1.16) –, tornando-o uma fonte abundante da qual podemos saciar-nos através da oração. Calvino, ao

destacar essa verdade, adverte-nos de que “resta que nele busquemos e dele, em súplicas, peçamos o que aprendemos nele residir”,[27] pois agir de forma contrária é semelhante àquele que, sabendo de um tesouro, o deixa enterrado no solo sem dele usufruir:

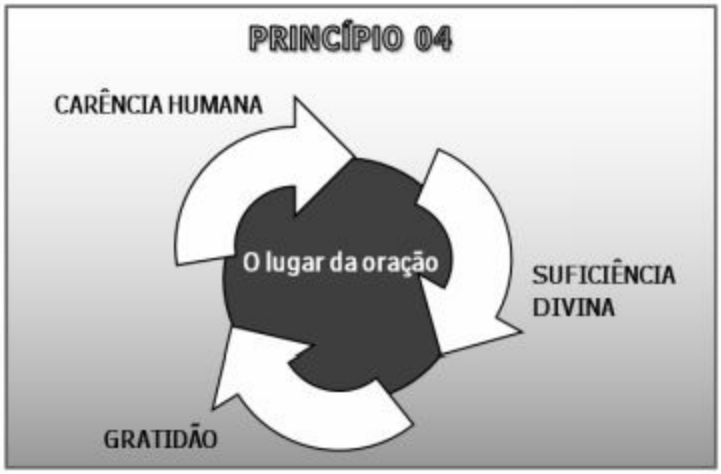
> De não invocar e orar a Deus – quando sabemos que Ele é o Senhor, de quem todos os bens provêm, e que Ele mesmo nos convida a que lhe peçamos tudo quanto necessitamos –, venhamos a ser como aquele que, sabendo onde existe um tesouro enterrado, por preguiça e para poupar o trabalho de desenterrá-lo, deixa-o ali esquecido.[28]

Calvino assume um tom mais forte quando, no seu comentário ao Livro dos Salmos, exorta-nos a não defraudar Deus de seu direito de nos ajudar em nossas necessidades:

> E se alguém, confiando no testemunho de uma boa consciência de que desfruta, negligencia o exercício da oração, o mesmo defrauda a Deus da honra que lhe pertence, não entregando-lhe sua causa nem deixando-o julgá-la e decidi-la.[29]

Para Calvino, o cristão tem outra alternativa além da postura de defraudação a Deus. Diz ele: “Todo crente deve ter o desejo fervoroso de contar com Deus em cada momento de sua vida.”[30] Isso é exaltar a Deus!

É maravilhoso saber que nossas orações e súplicas não são um incômodo a Deus. Elas são uma das formas de honrá-lo, dando a Deus o que lhe é devido. Ao Senhor pertence o direito de receber o devido reconhecimento de ser ele o único a quem devemos suplicar e buscar socorro. Em nosso dever de honrar, amar e servir a Deus encontra-se a prática de torná-lo juiz sobre nossas causas através da oração. Deus é digno de honra, glória e louvor. É um erro muito grave defraudá-lo de sua honra. Todo cristão deve evitar cometer tal impiedade. Nossas orações devem honrar a Deus ao reconhecer e esperar nas suas decisões em relação às nossas causas, problemas e ansiedades.



Feitas essas observações, declaro que o ambiente da oração é aquele que se desenvolve dentro do contexto da carência humana, pois, como diz Calvino: “Procurar a Deus quando sentimos a necessidade de sua graça não é nada mais do que orar.”[31] A oração é um reconhecimento de nossa incapacidade. É assim que ela deve ser entendida: como declaração de carência, isto é, “entrega da vida.”[32] Esse é o lugar da oração! Não somente da carência como da suficiência divina, e sob a mediação da fé. Quem ora deve expressar como o publicano: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” (Lc. 18.13) Ou como o pai do menino possesso: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé” (Mc. 9.24).

A oração só existe dentro da realidade da carência humana, gratidão e suficiência de Deus. É nesse espaço que é gerada a oração. Jamais dentro do espaço da suficiência humana e suas pretensões; e nem dentro do espaço da dissimulação e da hipocrisia, pois como diz Tiago em sua Carta: “Não suponha esse que alcançará do Senhor alguma coisa; homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos” (Tg. 1.7-8). A verdadeira oração desenvolve-se no desejo do “faça-se a tua vontade”, como se encontra na Oração do Senhor (Mt. 6.10).

O lugar da oração é do entrar no quarto e expor os desejos e aflições do íntimo da alma – na inteireza e sinceridade do coração. Dessa postura, nasce a oração e somente nela se manterá. Como dizem as Escrituras: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg. 4.6). E mais: “Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará” (Tg. 4.10).

Refletir sobre oração é ser chamado a orar. Neste momento todo o nosso ser se eleva e o coração começa a borbulhar de palavras, bem como de um silêncio misterioso. Vem uma força que nos faz entrar no quarto do

interior do coração e nesse sublime templo lançar-se em direção ao Pai nosso.

É através da oração que posso compreender o que seja ser o templo do Espírito Santo. Eu fico pensando na imagem bíblica do templo onde a glória do Senhor descia e o enchia. Na oração, a glória de Deus também invade o nosso ser – esse humilde templo – e ficamos perplexos com a intensidade da graça, do conforto e da paz que a glória do Senhor proporciona-nos quando em nossos corações. Por um momento, o silêncio nos invade, a calmaria nos visita e ficamos imersos neles até que a primeira palavra surge e transforma-nos em sacerdotes do Eterno. Finalmente, lançamos nosso louvor, nossa gratidão e anseios rumo ao trono do Altíssimo!

A oração é esse mistério e essa graça que se torna canal do nosso encontro com Deus. Encontro porque me dirijo a ele, e ele vem a mim. Eu falo, e ele me responde; choro, e ele me consola; discuto, e ele me acalma!

Nada pode ser comparado ao momento da oração. Ele não é êxtase, é momento de pura lucidez; não é formalismo, é momento de pura comunhão; e não é simples falar, é também íntimo silêncio. Ele não é momento de troca, é período de pura gratuidade e doação. Richard Foster diz que “amar é a sintaxe da oração”, e que “a verdadeira oração não vem de cerrarmos os nossos dentes, mas de nos apaixonarmos.”[33]

Na oração, dois amigos se encontram para comungarem, sonharem juntos e para dialogarem. Nada de medição de forças e de resistências. Simplesmente, eu, pobre criatura, ouso invadir a presença de Deus para dizer-lhe como preciso adorá-lo, agradecê-lo, amá-lo e de sua ajuda para vencer os desafios da vida. E ele, rico Senhor e Criador, recebe-me por pura graça e amor. Deus compreende minhas limitações e me ajuda a superar meus desafios.

Na oração encontro um pai amoroso, um amigo sincero e Deus de pura graça. E Deus me encontra. Às vezes invadido de conflitos, e outras vezes saltando de alegria. Contudo, na oração o que importa é o encontro!

3

Necessidade e benefícios da oração

Será que não oramos porque não sabemos da utilidade da oração e da necessidade que temos dela?

Respondendo a essa pergunta, é possível afirmar que temos consciência da necessidade que a igreja tem da oração e que todo o nosso empenho é vão sem sua prática. Existe, porém, uma distância enorme entre o saber e a prática.

Quando afirmam que toda crise da igreja "é sempre, fundamentalmente, uma crise de oração",[34] e qualificam a oração como chave para o avivamento da igreja, é de supor que a vida de oração fosse a marca da igreja neste início de milênio. O contrário é que é verdade! Sua marca é do tagarelar, e isso não é orar!

Parece que gostamos de trabalhar em vão. Tentamos fazer tudo sem oração, como se apenas através da força humana pudéssemos realizar a obra de Deus. Sem oração somos fardo e peso! Em nós falta aquele espírito dos reformadores protestantes, que criam que, ao orar, metade do trabalho havia sido realizado. Isso é verdade, pois quando oramos começamos a contar com a presença daquele que trabalha com e para os seus queridos. Nas palavras de Tomás de Kempis, que viveu no século XV: "Quando Jesus está presente, tudo é suave e nada parece dificultoso; mas quando Jesus está ausente, tudo se torna penoso."[35]

Enfaticamente, afirmo que a negligência à oração não é devido à falta de conhecimento, mas de fé. É claro que esse conhecimento às vezes é vivido na superfície da verdadeira espiritualidade e traz erros que vão de encontro ao ensino bíblico no tocante à oração. O que tenho ouvido frequentemente sobre oração são apenas "palavras de efeito" usadas para agitar as emoções. A oração é mais do que instrumento de autoajuda. Ela é a desenterradora dos tesouros de Deus!

Analisando os escritos de Calvino, tentarei responder à seguinte pergunta: É útil e proveitosa a oração para o cristão? Calvino responde-nos

de forma bem enfática: “Não existem palavras o bastante eloquentes para expor quão necessário, útil e proveitoso exercício é orar ao Senhor.”[36] Isso significa que todas as nossas prédicas e exortações, que tratam dos benefícios e utilidade da oração para nossa vida, ainda estão aquém da plena exposição da grandeza do ato de orar e de seus benefícios. Se as palavras não podem expressar o pleno valor da oração para nossa vida, quem poderá expor seus efeitos em Deus?

Por necessário, entendo que a oração é essencial, indispensável e que não pode deixar de fazer parte da vida, devoção e serviço cristão. Quando a Escritura condena a nossa negligência na oração, diz Calvino, deve-se ao fato de “não sentirmos quão necessária nos é essa diligência e assiduidade.”[37] Assim, “se considerarmos quantos são os perigos que nos ameaçam a cada momento, o próprio medo nos ensinará que não há um instante em que não tenhamos grande necessidade de orar.”[38] Certamente, se tivéssemos consciência dos muitos perigos e das tentações a nos rodear e, também, de que o tentador, como leão, procura nos devorar, viveríamos uma singular vida de oração (1Pe. 5.8). Muitos vivem como cegos a essa realidade e numa suficiência ilusória. Quando percebem seus erros, já estão presos às ciladas do diabo. Por mais prevenido que alguém seja, ele encontra-se à mercê dos infortúnios que rodeiam a vida de todos e do mal que semeia silenciosamente. Quem garante que numa simples tarefa não encontraremos um grande mal? Quem não reconhece que existe perigo a todo instante e que somos como pássaros atraídos à armadilha? Se tememos os perigos dos males, devemos nos apegar à oração a Deus. A realidade dos perigos que nos ameaçam é um chamado à necessidade da oração e não ao desespero. Se o Senhor não edificar a casa e não proteger a cidade, em vão alguém trabalha e vigia, como diz o salmista (Sl. 127.1).

Calvino instrui também sobre a questão da oração em momentos de abundância. Diz ele:

> Tem alguém vinho e trigo em abundância. Uma vez que não pode usufruir de um bocado de pão, a não ser pela constante graça de Deus, adegas ou celeiros não impedirão que suplique seu pão de cada dia.[39]

O pão de cada dia não é o pão de todos os dias da vida. Tudo vem das mãos de Deus. A permanência do nosso sustento é providência divina. A dispensa cheia de mantimento não nos desobriga de orar pedindo o sustento.

De um dia ao outro, o ladrão pode roubar, a traça e a ferrugem podem corroer. Nada, contudo, pode nos tirar a providência de Deus! Quanto mais nos for dado, mais devemos agradecer e pedir. O volume de providência deve equivaler ao volume de pedido por ela. É temerário dizer à alma: folga, come e bebe, pois tens em abundância (Lc. 12.19-20). Não existe descanso longe da invocação a Deus!

A ausência de lutas também não deve impedir que supliquemos por vitória. Faz-se necessário orar! Essa necessidade não é circunstancial, mesmo que em certas circunstâncias tenhamos maior necessidade de orar. Calvino esclarece:

> Se se objeta que a necessidade nem sempre insta-nos a orar de igual modo, admito. E essa distinção é-nos ensinada por Tiago com extremo proveito: “Há alguém entre vós que sofre? Que ore. Há alguém feliz? Cante salmos.” (Tg 5,13). Portanto, o próprio senso comum dita que, enquanto estamos vagarosos, devemos ser estimulados por Deus a orar seriamente sempre que a ocasião requerer. A isso Davi chama de tempo quando Deus “pode ser encontrado” (ou seja, tempo oportuno), porque, como ele declara em várias passagens, quanto mais injustiças, aborrecimentos, temores e outros tipos de provas nos pressionam, tanto mais livre é nosso acesso a Deus, como se ele nos convidasse a si.
>
> Não obstante, não é menos verdadeira a injunção de Paulo de que devemos orar “a todo tempo” (Ef 6,18; 1Ts 5,17); porque, por mais prosperamente de acordo com a nossa visão, as coisas continuam e podemos estar cercados por todos os lados com coisas alegres, e não há um ponto no tempo durante o qual nossa miséria não nos exorte a orar. Se um homem tem fartura de trigo e vinho, como ele pode desfrutar de um pedaço de pão, a menos que a generosidade de Deus esteja sobre ele? Pois suas adegas ou celeiros não o impedirão de pedir pelo pão de cada dia. Além disso, se considerarmos quantos perigos se aproximam a todo momento, o próprio medo nos ensinará que em nenhum tempo devemos ficar sem orar.[40]

O centro de nossa necessidade da oração é a vida em Cristo.[41] A oração é a respiração de nossa nova vida nele. Nisso percebemos que a

oração é uma necessidade espiritual e não circunstancial. Calvino diz que, quanto à necessidade da oração, é "possível reconhecer melhor nas questões *espirituais"*:

> Pois quando tantos pecados de que estamos cônscios nos permitirão quedar-nos seguros, que não hajamos de pedir perdão, suplicemente, não apenas da culpa, mas também da pena? Quando as tentações nos concedem tréguas, como não nos apressaríamos ao socorro? Além disso, o zelo do reino de Deus e de *sua* glória assim nos deve arrebatar a si, não intermitentemente, mas, antes, constantemente, que sempre nos permaneça a mesma oportunidade *de oração*. Portanto, não em vão tantas vezes se nos preceitua a constância de orar.[42]

Quem vive as questões espirituais com integridade, sabe que a ausência de tentação pode guardar uma armadilha do inimigo, e a abundância uma convocação à ingratidão. Como diz certo hino sobre oração: "Bem de manhã, embora o céu sereno pareça um dia calmo anunciar, vigia e ora: o coração pequeno um temporal pode abrigar."[43] Calvino alerta: "Somos compelidos a *orar no dia da angústia*, mas não com a compreensão de que só então devemos orar, pois a oração é um dever compulsório de todos os dias e de todos os momentos da vida."[44]

Calvino tem razão. A angústia não é responsável pela oração. Não se trata de tanta angústia, tanta oração! Devemos orar na angústia porque aprendemos a buscar a Deus em nossas privações e não apenas devido às circunstâncias. Como Calvino esclarece, a oração é força de impulso permanente. Ela é para todos os dias e momentos. Quem dera que a gratidão nos motivasse mais à oração do que a angústia! As boas conversas não são aquelas experienciadas em velórios. Elas acontecem nas horas de alegria. Os melhores e mais intensos momentos de orações deveriam ser em circunstâncias de paz e tranquilidade. Quem não toma a alegria como mestra de compulsórias orações de ações de graças, terá que aprender da mestra tribulação e através do clamor o dever de orar sempre e nunca esmorecer (Lc. 18.1).

A expressão "útil e proveitoso exercício" lembra-nos que o tempo que passamos em oração não será de ócio, mas um tempo útil e vantajoso. A oração torna tudo proveitoso. Seu exercício é uma obra plenamente aproveitável para nossa vida em Cristo. Todo o tempo usado para a oração

não será jamais em vão!

Calvino, em suas preleções no Livro de Daniel, comentando a proibição emitida pelo rei, que impedia Daniel da prática da oração, e diante da insistência do profeta em manter essa prática, ressalta que, devido à importância da oração, tal proibição do rei era negação da própria vivência da piedade ao profeta Daniel:

> Sabemos que o principal sacrifício exigido por Deus é a invocação. Pois é assim que damos testemunho de ser ele o Autor de todo o bem que nos cerca; também damos provas de nossa fé quando nos volvemos a ele e lançamos todas as nossas ansiedades sobre seus ombros, lançando a seus pés todos os nossos desejos. Portanto, já que a oração tem primazia na adoração e no serviço a Deus, certamente não é um assunto de somenos importância que o rei proibisse alguém de orar ao Senhor. Era, aliás, um manifesto e uma absoluta e crassa negação da piedade.[45]

Nossa espiritualidade tem seu centro na invocação ao Senhor. Ela é o principal serviço a Deus! Quem não orou, ainda não adorou e nem serviu a Deus. Quem ora, deve ter consciência de que esse exercício necessita ocupar o centro na adoração e serviço a Deus. Aqui se desenvolve o culto agradável ao Senhor e a afirmação da plena piedade, fé e dependência a Deus.

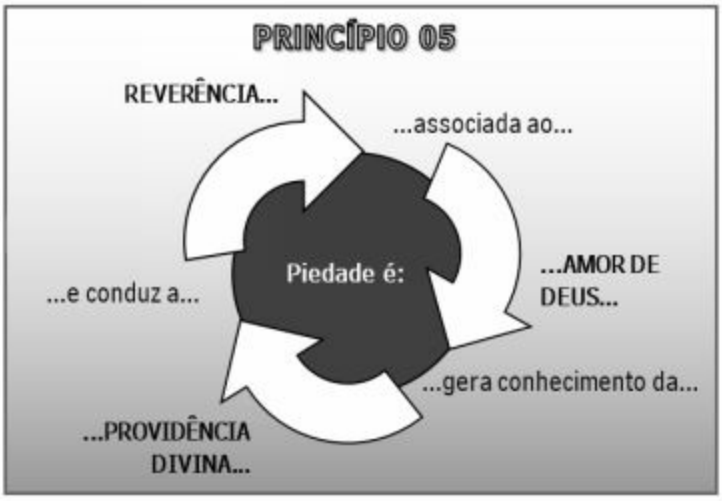
Quem a si mesmo nega viver a dinâmica da verdadeira espiritualidade e do culto a Deus, que encontra na oração sua máxima expressão, comete o mais grave delito contra sua alma, pois lhe nega a vivência da piedade. Vejamos a definição que Calvino dá à piedade:

> Chamo *piedade* à reverência associada com o amor de Deus que nos faculta o conhecimento de seus benefícios. Pois, até que os homens sintam que tudo devem a Deus, que são assistidos por seu paternal cuidado, que é ele o autor de todas as coisas boas, daí nada se deve buscar fora dele, jamais se lhe sujeitarão em obediência voluntária. Mais ainda: a não ser que ponham nele sua plena felicidade, verdadeiramente e de coração nunca se lhe renderão por inteiro.[46]

A negligência na oração ou a privação dela é colocar em falecimento a própria essência do temor, reverência e amor a Deus. É um absurdo que alguém aceite tal privação ou se coloque em tal posição sabendo que nesse

estado ele irá se alienar do conhecimento de Deus e de seus favores. Daniel prefere o castigo do rei a deixar padecer a sua piedade, ou seja, sua espiritualidade.

O piedoso é aquele que adora a Deus com um amor reverente. Esse amor proporciona-lhe conhecer a bondade de Deus para com ele e que Deus é pai amoroso. Nessa sabedoria, ele submete-se a Deus, pois entende que sua felicidade vem do Senhor. Fora desse padrão, a impiedade impera!



Se a oração é toda proveitosa, seus benefícios são tão vastos que englobam todas as bênçãos que Deus haverá de derramar sobre nós. Calvino enumera alguns desses benefícios adquiridos pela oração.[47]

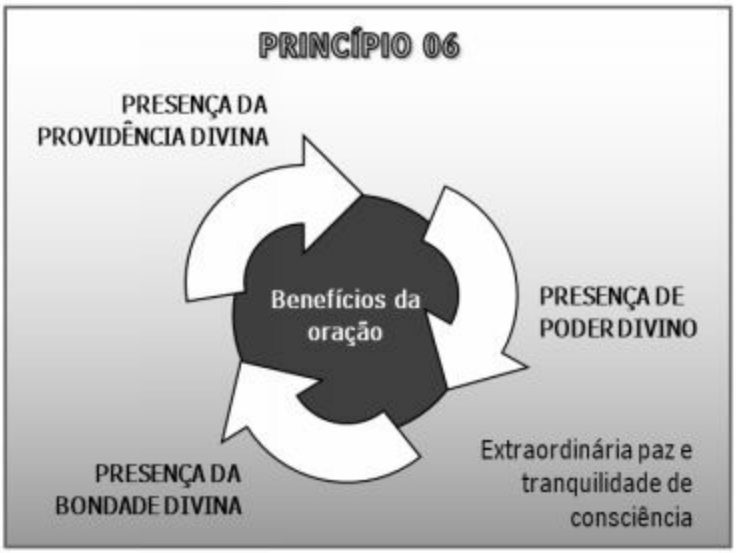
Primeiro, *a presença da providência divina*. Através da providência, Deus vela por nós, cuida e providencia tudo o que nos é necessário, pois: "Tem alguém vinho e trigo em abundância. Uma vez que não pode usufruir de um bocado de pão, a não ser pela constante graça de Deus...".[48] E mais: "...aquele que confia na providência divina deve fugir para Deus com orações e forte clamor".[49]

Segundo, *a presença do poder divino*. Através do seu poder, Deus nos sustenta em nossas fraquezas. Diz Calvino: "Sabemos que, se ele não nos segurasse por seu poder a todo instante, seríamos reduzidos a nada".[50]

Por último, *a presença da bondade divina*. Apesar de sermos miseráveis pecadores, recebemos sua graça e favor. Já dizia Jeremias: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos" (Lm. 3.22).

Esses benefícios, recebidos através da oração, levam-nos a uma "extraordinária paz e tranquilidade de consciência", pois, ao expor as nossas

necessidades àquele que nos ama, temos por certo que ele as conhece todas e pode suprir todas as nossas carências.[51] O apóstolo Paulo dá-nos seu parecer a respeito: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Fl. 4.6-7). E também Pedro: “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1Pe. 5.7).



Considerando o que foi dito, posso afirmar que o remédio para a ansiedade é a oração, pois nos faz descansar na providência, no poder e na bondade de Deus. Eis a tranquilidade de consciência e extraordinária paz! Na oração entendemos que Deus nos ama e que não nos desamparará (Hb. 13.5). Entendemos, também, que ele, através de sua providência, cuida até daquelas coisas que parecem insignificantes. Temos que aprender com Abraão a dizer: “Deus proverá!” (Gn. 22.8). A serenidade e a confiança que essa frase transmite faz-nos afirmar aquilo presente nas Escrituras: verdadeiramente Abraão foi o pai da fé! Para Abraão, Deus era Javé Jiré, o Deus da provisão. Ele é o Deus que pensa até mesmo nos pequenos detalhes da vida de seus filhos e filhas. O Deus que não se esquece de nossa carência dele! No lugar de Abraão teríamos resistido, murmurado e escolhido a Isaque, em vez da obediência. Abraão, por sua vez, escolhe crer na provisão divina. Ele crê que Deus é capaz de, na última hora, decidir pela vida de seu filho ou mesmo ressuscitá-lo depois do sacrifício (Hb. 11.19). Aqui encontramos duas forças

eternas e espirituais: a vontade de Deus e a sua provisão. É preciso compreender essas duas forças para vencer a ansiedade. Abraão sabia que a vontade e a promessa de Deus para sua vida era Isaque. Deus havia escolhido Isaque para ser o prêmio da sua vitória na fé. Era Isaque e não outro! Deus não voltaria atrás. Se ele estava pedindo Isaque, era porque a sua providência garantiria que ele iria continuar sendo o prêmio de Abraão. E assim Abraão creu e obteve o seu prêmio!

Na oração o nosso coração descansa, qual ovelha junto ao bom pastor, na certeza de que águas tranquilas não faltarão e nem pastos verdejantes: Deus, o nosso pastor, providenciará (Sl. 23.1)! É a voz do bom pastor que ouvimos no íntimo de nossa alma nos encorajando: “Não fiquem aflitos. Creiam em Deus e creiam também em mim” (Jo. 14.1, NTLH). Depois de ouvi-la e obedecê-la, estaremos prontos a falar como o apóstolo Paulo: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl. 4.11,13). Isto é tranquilidade de consciência e vida em abundância. São os pastos verdejantes e as águas de descanso. É o refrigério de nossa alma e a paz de Deus que está acima de qualquer explicação operando em nossos corações.

Algo ainda devemos enfatizar. Os benefícios da oração em si não estão ligados à percepção humana, isto é, aos sentidos e à razão, pois a fé é que apreende a graça “a qual se acha oculta aos olhos dos sentidos e da razão”, como diz Calvino.[52] Dessa forma, quantas vezes oramos, mas os nossos sentidos nada nos mostram quanto aos benefícios da oração – nem mesmo um calafrio! Nem por isso devemos desanimar. Calvino explica:

> E se ao fim nosso sentido, mesmo depois de haver esperado muito tempo, não compreende o que temos aproveitado orando, ou se não sente proveito algum, a pesar de que nossa fé nos certificará o que nosso sentido não tem podido compreender, a saber, que havemos alcançado de Deus o que nos convinha, já que tantas vezes e tão de certo promete o Senhor ter em conta nossas desgraças, desde que nós, ainda que uma vez, se lhes hajamos exposto; e assim fará que tenhamos na pobreza abundância e na aflição consolo.[53]

Como diz Paulo, nós não andamos por vista, mas por fé (2Co. 5.7). A oração não é ócio. Também não é, em si, uma experiência sensitiva. Aquilo que recebemos pela oração tem sua confirmação em nossos corações somente

quando a fé vem a indicar. Quantas vezes oramos e saímos com um sentimento de vazio, como se a oração tivesse sido em vão. Pode ser que essa experiência seja verdadeira. Pode também indicar que faltou fé em nossa oração. Eis o motivo de nosso desalento! Quantas vezes, porém, os hipócritas oram com tanto fervor, de forma que os sentidos chegam a ter por certo sua resposta. Mas Deus desaprova! O que se quer mostrar é que os nossos sentidos sofrem influência do meio e das circunstâncias. Eles não são instrumentos confiáveis para servir de indicativo da vivência de oração. Oramos e parece que nada aconteceu ou acontecerá. Segundo Calvino, só parece! Os nossos sentidos vivem do "ver para crer" e a fé vive do "crer para ver". Creia para ver a glória de Deus (Jo. 11.40). Ore e verá que, quando oramos, algo já começou a mudar. A primeira mudança está no fato de termos orado. Creia que Deus está no controle e que cumprirá sua vontade e suas promessas em sua vida, e fará que na pobreza tenha abundância e na aflição, consolo.

Se já oramos é o suficiente! Calvino mostra que quando oramos já alcançamos o que convinha: ter em conta, diante de Deus, as nossas aflições e problemas. Nesse ponto, Calvino coloca algo de novo diante de nós e até tenta mudar nossa visão em relação à função da oração. Não oramos, primeiramente, para receber de Deus algo, mas para que Deus tenha em conta os nossos problemas e dilemas. Se Deus tem em conta e se preocupa com a nossa situação, então algo de maravilhoso irá acontecer em nossa vida, pois "indubitavelmente nossa confiança de vida depende disto: que embora o mundo nos ameace com mil mortes, Deus possui infindáveis meios de restaurar-nos à vida."[54]

Jairo era homem religioso e de fé. Era devotado ao seu Deus e, como todos, a mercê dos infortúnios da vida. Em um desses infortúnios, sua filha cai moribunda. Sua filha: a alegria de ser e existir. Ela era a alegria de seu lar! A medicina de seu tempo não consegue curá-la. Jairo, certamente, entra em pânico. Seu pânico, contudo, é interior, pois, no seu exterior vê-se um homem calmo e com o olhar perdido rumo ao horizonte como que perguntando de onde "virá o socorro" (Sl. 121.1).

Ele subitamente toma a sua capa e sai. Sua mulher, com receio de que no estado em que se encontrava fosse fazer alguma bobagem, pergunta temerosa aonde ele vai. O mesmo resmunga e diz algo que até parecia que ela tinha ouvido mal: "Vou chamar a Jesus, o Nazareno!"

A multidão aperta e agita-se ao redor de Jesus. Jairo, por sua vez, é

direto: “Minha filha está morrendo, vem e põe as mãos sobre ela, para que sare e viva”. O que será que Jairo pensava haver nas mãos do Mestre? O resto da história é-nos relatada pelos evangelistas. Sua filha havia morrido. Jesus, tomando-a pelas mãos, a ressuscita![55]

As mãos de Jesus são abrigadoras de toda graça divina. Seu toque é portador de poder salvador e sarador. Através de suas mãos, cegos viram, mortos ressuscitaram, e o caminho ao Pai foi aberto quando elas receberam na cruz os cravos. Debaixo das mãos de Cristo, certamente, encontraremos conforto, paz, salvação e vida. Suas mãos sãos abrigos para todos os cansados e sobrecarregados. Em seus braços, o pecador encontrará o perdão, o enfermo à cura, o abatido a restauração de suas forças, e o desesperado à esperança. As mãos de Cristo estão abertas e prontas a nos acolher. Contudo, é preciso achegar-se a elas com fé e prontos a não somente receber seu auxílio, mas, também, a sua direção para nossa vida.

Façamos nosso aquele pedindo de Jairo: “Vem Jesus e põe as mãos sobre a minha filha, meu filho, meu lar, meu marido, minha esposa, minha igreja, meu irmão e minha irmã para que sare e viva”!

Lembre-se: são as coisas que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e nem desceram ao coração que Deus tem preparado para os seus amados (1Co. 2.9). Convém atentar para o que disse C. H. Spurgeon, considerado por muito como o príncipe dos pregadores: “A oração não nos prepara para as grandes obras; ela é a maior de todas as obras.” E mais: “O crente é invencível quando dobra os seus joelhos.”[56] Maior é o que está conosco do que o que está no mundo (1Jo. 4.4)!

4

Por que orar se Deus já sabe?

Timothy George, em seu livro *Teologia dos Reformadores*, declara que “no princípio Calvino enfrentou uma questão levantada por suas próprias pressuposições teológicas.”[57] Essa questão pode ser expressa em duas perguntas. Se a vida inteira, desde o primeiro passo até a perseverança final, é dom de Deus, por que então orar? Não podemos simplesmente continuar com nossas atividades no conhecimento seguro de que Deus tomará conta de tudo, independente de nossas orações?[58]

Quem já não fez essas perguntas? Tenho certeza de que elas são válidas quando a motivação é a fé na soberania de Deus, ou seja, crendo que Deus sabe de tudo, que tudo determinou e que cumprirá o determinado com ou sem nossas orações ou ajuda. Poderíamos considerar essa postura plenamente louvável. Como veremos, ela mostra falta de conhecimento. Também tem aqueles que fazem essa pergunta devido à sua negligência quanto à prática da oração. Como não estão motivados a orar, é melhor acreditar que Deus fará tudo sem a oração.

Aos que assumem essa postura Calvino responde de forma direta: “Aqueles que, porém, assim raciocinam, não atentam para que fim o Senhor instruiu os seus a orar, pois não ordenou isso propriamente por sua própria causa, mas, antes, pela nossa.”[59]

Deus, através da oração, mantém o que lhe é devido: que os homens compreendam, confessem e manifestem em suas orações que todo o bem proveitoso vem dele. Com essa intenção, Deus ordena a oração para que em nós esteja o reconhecimento de seus favores e a noção de nossa carência. Com a ordenança da oração e sua prática, aquilo que Deus recebe “reverte sobre nós.”[60] Isso porque, ao creditar a Deus, através da oração, tudo o que recebemos, somos levados a um empenho maior em orar, pois temos por certa a bondade de Deus.

Por que orar se Deus já sabe? Oramos para dar a Deus aquilo que lhe é devido: o reconhecimento de ser ele o nosso provedor. E mais: oramos para

nos motivar a continuar crendo fervorosamente nas promessas de Deus em Cristo. O teólogo Millard J. Erickson, em seu livro *Introdução à Teologia Sistemática*, declara que orar não é criar em nós uma atitude positiva, antes, "orar, em parte, é criar em nós mesmos uma atitude correta com respeito à vontade de Deus."[61] Ele acrescenta: "Orar não é conseguir que Deus faça nossa vontade, mas demonstrar que estamos interessados tanto quanto ele na concretização de sua vontade."[62] Oramos dentro do espírito reinante na Oração do Senhor: "Santificado seja o teu nome, venha teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt. 6.9-10).

É com esse sentimento que Calvino apresenta seis argumentos para demonstrar que, mesmo Deus estando consciente de nossas necessidades, motiva-nos a implorá-lo no intuito de:

Primeiro, inflamar em nosso coração o sério e ardente desejo de sempre buscá-lo, amá-lo, servi-lo e honrá-lo sempre, e assim, nas necessidades, acostumar-nos a nos refugiar nele como âncora sagrada;

Segundo, que nos acostumemos a colocar diante dele nossas necessidades e derramar nossos corações a ponto de que nenhuma paixão ou desejo não suba ao nosso coração sem torná-lo conhecido a Deus;

Terceiro, preparar-nos a receber os benefícios divinos com verdadeira gratidão e com ações de graças, tendo em vista que através da oração somos levados a crer que tudo que recebemos vem de suas mãos;

Quarto, uma vez conseguido o que buscávamos, convencermo-nos de que Deus olha para nossos desejos e, desta forma, sejamos levados a meditar na sua benignidade; bem como gozemos com maior alegria os favores a nós dispensados, certos de que foram respostas às nossas orações;

Quinto, que valorizemos e gozemos com maior alegria os favores a nós dispensados, na certeza de que foram respostas às nossas orações;

E, por último, que possamos entender, através do uso contínuo e experiência na oração, que segundo sua providência, Deus não somente nos promete que nada nos faltará, mas garante o acesso a ele, através de nossas petições no momento da necessidade, mostrando assim que está de mãos estendidas para ajudar os seus com presente auxílio.[63]

Mesmo sabedor de que Deus não dorme, diz Calvino, ele "se faz displicente, como se esquecido de nós, quando nos vê apáticos e mudos."[64] Calvino, nessa declaração, afirma que Deus, mesmo não sendo apático e nunca tenha necessidade de dormir, no entanto, mostra-se como tal para o nosso bem, para nos levar a um exercício insistente de busca, orações e

súplicas a ele. Esse é o “remédio” contra nossa negligência e descuido. E mais:

> Deus procura a salvação dos fiéis por sua livre vontade, de tal maneira que, sem impedimento, deseja que exercitem sua fé em pedir-lhe, a fim de purificar seus corações de todo esquecimento ou negligência.[65]

Os nossos corações convivem com motivações erradas, com vícios e desejos que fazem parte de nossa natureza pecaminosa. Militamos constantemente contra o reino do pecado e da morte. Precisamos exercitar nossa fé através da oração para purificação de nosso coração de todo esquecimento e negligência.

Sem fé é impossível agradar a Deus, e vencer o mundo e suas artimanhas, pois a “vitória que vence o mundo é a nossa fé” (1Jo. 5.4). Na oração, Deus deseja aprimorar a nossa fé para vencer o diabo, a carne e o mundo. O alvo de Deus é purificar nossos corações de tudo aquilo que o impede de perseverar olhando para Jesus. Quem ora, não tem como esquecer Jesus! Toda oração não somente é realizada em seu nome, mas na esperança de seu nome. Quem ora não tem como perder Jesus de vista, pois oração e vigilância andam juntas. A vigilância tem dupla função. A primeira é fixar nossos olhos em Jesus; e a segunda, é policiar as inclinações da carne.

Calvino, comentando o Livro dos Salmos, sugere que, se estamos desejosos de receber a assistência de Deus, principalmente diante da demora dele em nos atender, não devemos, devido ao anseio por imunidade de infortúnios, concluir que Deus é inativo ou remisso, mas:

> ...subjugar nosso sentimento, restringir nossa impaciência e manter nossas preocupações dentro dos devidos limites, esperando até que nossas aflições alcancem o exercício de sua compaixão e o incitem a manifestar sua graça, nos socorrendo. [66]

Aqui Calvino conduz-nos para regras de superação da incerteza em busca de confiança plena na bondade de Deus. Vejamos em seus pormenores.

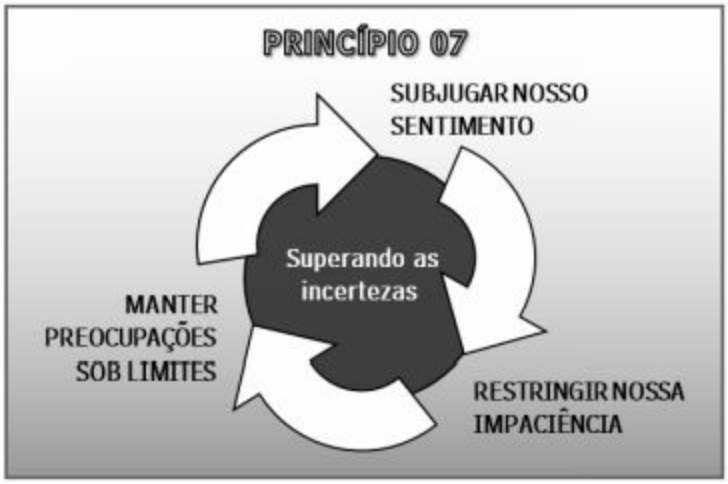
Primeiro, é necessário *subjugar nosso sentimento*. O medo, a angústia e o sofrimento tentarão abalar nosso ânimo. Em momentos como esses, somos levados a viver segundo os ditames dos sentimentos. Parece que a única realidade e verdade é a dos sentimentos. Em pouco tempo, ficamos à mercê do que estamos sentindo. Agimos conforme os sentimentos. Se o

sentimento é de medo, acovardamo-nos; e, se é de desespero, desesperamo-nos. Nessas circunstâncias, é necessário deixar o Espírito Santo produzir em nós seu excelente fruto do domínio próprio. Através desse fruto do Espírito, é possível subjugar os sentimentos para que possamos agir com fé segundo a iluminação e direção da Palavra de Deus.

Segundo, *restringir nossa impaciência*. Se existe uma auxiliadora do diabo na tarefa de fazer o cristão desviar-se da vontade de Deus, ela é a impaciência. Devido a uma crise de impaciência, Moisés não entrou na terra prometida. Devido à paciência, Jesus não atirou a primeira pedra na mulher surpreendida em adultério! A impaciência é o fogo que o inimigo atiça em nossos sentimentos para que tomemos atitudes inconvenientes ou trágicas, e movidas apenas pela pressão do momento. Restringir nossa impaciência significa não lhe dar espaço demais em nossa vida. Uma coisa é ansiar, outra é a impaciência. As pessoas desejam coisas boas para si. O problema é quando esse desejo se torna ansiedade, e, por sua vez, torna-se impaciência. Para restringir a impaciência, é necessário entender que não existe forma de antecipar o futuro e nem de nos tornarmos o centro do mundo para que tenhamos nossas necessidades supridas imediatamente. A impaciência tenta-nos fazer acreditar no irreal. A fé leva-nos a crer no possível de Deus!

Terceiro, *manter preocupações dentro dos devidos limites*. As preocupações serão nossas companheiras sempre. Teremos dificuldades quando elas extrapolarem seus limites para além de seu devido espaço. Qual o devido espaço das preocupações? É aquele que lida com a lógica da pessoa de bem e responsável. Ela quer cumprir seus compromissos, ver o bem prevalecer sobre sua vida e dos seus queridos, viver em paz e usufruir de possibilidades. Quando essa pessoa se vir diante da possibilidade de ter sua sobrevivência ameaçada e sua capacidade de superação comprometida, ela começa a conviver com a preocupação. A face da preocupação aqui é aquela que expressa busca, alternativas e respostas para alcançar a segurança desejada. Quando a face da preocupação se expressa como desespero, revolta e ansiedade paralisante, os limites foram alargados e ela ocupou o lugar da fé. Sempre que a preocupação gera desespero, revolta e ansiedade paralisante indica que ela não foi mantida dentro dos devidos limites. É necessário que aquele que acredita na providência de Deus e em seu cuidado atente para seu nível de preocupação quando em situações difíceis. Tanta preocupação, pouca ação da fé; e pouca preocupação, vasto campo de atuação da fé. Andar ansioso e preocupado não somente é contrário ao mandamento de Cristo (Mt.

6.25), mas oposto ao viver cristão: por fé e no Espírito.



Retornemos à nossa pergunta inicial: Por que orar? Pode já estar claro. Falta-nos, ainda, a explicação central de Calvino:

> Os fiéis não oram para contar a Deus o que ele sabe, para pressioná-lo em suas tarefas ou apressá-lo quando demora, mas sim a fim de alertar de si mesmos para buscá-lo, para exercitar a fé meditando em suas promessas, livrando-se de suas cargas ao se elevarem a seu íntimo. (...) mantenha esses dois pontos: nossas orações são previstas por ele em sua liberdade; contudo, o que pedimos, conseguimos pela oração.[67]

Essa declaração, de que conseguimos as coisas previstas por Deus pela oração, não abre espaço para a crença de que a oração muda o plano de Deus. Nisso concordo com o teólogo Millard J. Erickson, quando afirma que "a oração não muda o que ele se propôs fazer. É o meio pelo qual ele atinge seu alvo. É vital, portanto, que uma oração seja pronunciada, pois, sem ela, o resultado desejado não virá."[68]

No centro da pretensão humana soa a noção da teologia da prosperidade de que a oração muda os planos de Deus. Nós nos sentimos gigantes, potentes e todo-poderosos. Mudamos a Deus! No centro de nossas pretensões encontra-se o desejo de sermos "deuses" ou pelo menos ter o poder de influenciar a Deus. Seria o nosso grande feito! A oração não se propõe a ser o lugar da realização de nossas pretensões, senão da aceitação incondicional da vontade divina. Ela é o meio usado por Deus para cumprir o seu propósito. A oração é meio, não fim! Sua eficácia está no fato de ser

instrumento, como confirma Calvino, em seu comentário à Carta de Paulo aos filipenses: "...a provisão do Espírito é a causa eficiente, enquanto que a oração é um auxílio subordinado."[69] Tudo está na vontade de Deus e no seu plano. A oração é o lugar onde compreendemos a vontade de Deus e recebemos a habilitação necessária à sua realização. Quem ora, usa o meio dado por Deus a seu povo para fazer conhecida a sua vontade, e receber a sua realização. Nada mais do que isso! Ou como define Eugene Peterson, as orações são "ferramentas que Deus usa para operar a Sua vontade em nossos corpos e almas e que usamos para colaborar com o trabalho divino em nós."[70]



Ficaria Deus dependente da oração? Se não orarmos, Deus não executará seu plano? Nessa questão devemos tomar todo o cuidado. Isso é necessário pelo fato de corrermos o risco de fazer da oração uma condição à vontade de Deus. As afirmações de Calvino jamais quiseram chegar a tal pretensão. Em nossos dias, contudo, a oração é vista por muitos como uma condição à realização divina. É como se Deus estivesse "velando" para que, pronunciada uma oração, a respeito disso ou daquilo, só assim ele fosse autorizado a agir. Pensamento totalmente sem sentido!

Devo destacar que, quando se fala de plano de Deus, tem-se que levar em conta o seu plano geral e o específico em relação à sua obra salvífica e ao indivíduo. Para realizar sua obra salvífica, Deus mesmo é quem leva os seus ao anseio pela oração. Ele nos levanta para orar. Sua vontade deverá ser cumprida! No que diz respeito à nossa vida espiritual e aos seus favores oferecidos, através de suas promessas, requer que saiamos de nossa negligência e busquemos a face divina. O nosso crescimento e a realização de suas promessas só virão na medida em que desenterramos os seus tesouros através da oração. Nisso vemos que quem depende da oração não é Deus, e

sim nós; e que a oração põe condição não a Deus, mas a nós. Wesley L. Duewel sintetiza em uma frase essa verdade: “Sem Deus, o homem não pode; sem o homem, Deus não quer.”[71]

Alguém pode afirmar: “Mas, se Deus quiser providenciar algo para mim, ele pode fazê-lo sem minha oração.” É claro que Deus pode fazer. Ele pode tudo! A questão, porém, é aquela que Tiago expõe (Tg. 4.3). Deus não tem motivo algum para providenciar algo apenas para uso em nossos prazeres. Se quem pede a Deus para uso em seus prazeres não recebe, imagine quem não pede! O alvo de Deus no uso da oração não é nossa satisfação, mas nossa edificação.

Calvino, analisando a declaração de Paulo, escrita na Segunda Carta à igreja dos coríntios (12.7-10), onde ele diz que pediu a Deus três vezes para que afastasse dele o espinho na carne e Deus o negou, afirmando que sua graça bastava, escreve:

> Lemos por toda parte nas Escrituras que tudo quanto pedimos com fé o recebemos. Paulo ora e não obtém o que pede. Minha resposta é que, assim como há muitos tipos de pedidos, há também dois tipos de obtenção. Pedimos sem especificar as coisas acerca das quais temos uma promessa segura, tais como o aperfeiçoamento do reino de Deus e a santificação do seu nome, o perdão dos pecados e tudo quanto nos é proveitoso. Quando, porém, imaginamos que o reino de Deus pode e deve ser promovido de tal e tal forma ou que isto ou aquilo é indispensável para a santificação de seu nome, às vezes nos equivocamos, assim como, da mesma maneira, às vezes ficamos desiludidos quanto ao que de fato promove o nosso próprio bem-estar. Portanto, oremos por aquilo que está seguramente prometido, em plena confiança e sem reservas, mas sem prescrevermos os meios. No entanto, se especificarmos o meio, há sempre uma condição implícita, embora não expressa. Ora, Paulo não era tão ignorante desse fato, a ponto de não ter consciência disso. Daí, quanto ao objeto de sua oração, não pode haver dúvida de que ele foi ouvido, ainda que a oração fosse rejeitada quanto à forma expressa. Por isso, somos admoestados a não ficarmos desanimados quando Deus não atender ou não satisfazer nossas solicitações, como se nossos esforços tivessem sido em vão;

> pois sua graça deve ser-nos suficiente, ou seja, se não formos abandonados por Ele. Esta é a razão por que Deus, em sua misericórdia, às vezes recusa dar aos santos coisas que Ele, em sua ira, concede aos ímpios, isto é: Ele prevê ser-nos mais conveniente do que nossa compreensão é capaz de apreender. [72]

Quantos não viram sua fé esmorecer quando confrontados com o "não" de Deus. Algumas pessoas dizem que não entendem por que Deus não responde às suas orações. Para algumas dessas pessoas, acredito que ele já respondeu. Sua resposta foi "não". Todavia, elas não querem ouvir o "não". É um erro achar que Deus apenas responde "sim". Se ele não realizou o pedido, foi porque não atendeu a oração. Deve-se entender que Deus atende a oração respondendo também com um "não". Calvino tenta nos ajudar mostrando que existem dois tipos de obtenção: aquela que é resultado das promessas de Deus e a que é resultado de pedidos não específicos.

Vejamos um exemplo. Paulo disse ao centurião: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa". Isso expressava uma promessa de Deus ao centurião. O mesmo creu e a salvação desceu à sua casa. Certa vez, fui questionado por uma irmã quanto ao fato de Deus não salvar sua família. Ela argumentou que, conforme Atos 16.31, se ela cresse seriam salvas ela e sua casa, pois assim Deus tinha prometido. Veja como foi compreendido o texto bíblico e como têm sido interpretados outros textos bíblicos. A Bíblia diz que todas as promessas de Deus em Cristo são "sim" (2Co. 1.20). Se pedirmos segundo as suas promessas, teremos o "sim" de Deus. Uma promessa específica para o centurião não se torna específica aos demais cristãos. O que é possível é que, através da promessa feita ao centurião, exista a possibilidade de que, crendo em Jesus como Salvador, ele realize sua obra salvífica também em nossa família. Essa é uma possibilidade! Quando peço algo a Deus fora de suas promessas, estou crendo nas possibilidades de Deus para minha vida. Isso significa que, como possibilidade, posso receber um sim ou um não. Quando oro, creio que Deus me ouve, pois tenho a promessa de que ele ouve nossas orações. Isso não é possibilidade, é promessa; é certeza. Quando alguém crê em Jesus como Senhor e Salvador, tem a vida eterna. Isso não é possibilidade, é promessa; é certeza!

Um pai que ama seu filho sempre quer demonstrar seu amor através de presentes e favores. Quando ele diz não, sua atitude não é de desprezo, mas de pleno amor. É preciso muito amor para dizer não. Na negação do

pedido, encontra-se cuidado e proteção paterna. É em busca do bem para nós que Deus às vezes nos diz não. Louve a Deus por tão grande amor e cuidado. Agradeça-o pelo sim e pelo não. Creia que sua felicidade depende tanto do sim como do não de Deus. A graça divina nos basta!

Concluo com Agostinho de Hipona, que viveu no século IV, quando diz: “Ele, quando te exorta a pedires, está fazendo essa advertência para teu próprio bem”. Eis o motivo de orarmos! Calvino segue a devoção antiga.

5

As quatro regras da oração

Calvino condenava a hipocrisia daqueles que “acreditavam no rompimento dos tímpanos de Deus como para persuadi-lo do que querem.”[73] Tiago, na sua Carta, afirma que pedimos e não recebemos porque pedimos mal (Tg. 4.3). Para evitar exageros e incorreções na oração, Calvino elaborou quatro regras com o intuito de oferecer aos cristãos a forma correta de conversar com Deus.

A primeira regra é da *disposição reverente a Deus:* “que estejamos preparados com tal disposição de mente e coração, como convém àqueles que entram em conversação com Deus.”[74] Nessa regra, é-nos apresentada a forma de nos aproximar de Deus e de elaborar nossas orações de forma devida e correta. Deve-se manter a mente limpa dos cuidados e cogitações da carne e elevá-la aos céus. Deus é puro. Não convém, na oração, deixar a mente vagar em pensamentos irreverentes, levianos e frívolos. Também não se deve abusar do íntimo momento que Deus nos dá com ele para tratá-lo como se fosse homem. A majestade de Deus nos move ao verdadeiro achegar-se à sua presença.

São muitos os que vivem a “teologia do paizinho querido”. Dizem que o termo aramaico *Abba* (pai, papai) os habilitam a uma intimidade movida por um sentimentalismo um tanto patético. Esquecem que Deus é Pai, sinônimo de proximidade, mas “Pai nosso que está nos céus”, sinônimo de proximidade reverente. Na sua aproximação e paternidade, Deus não deixa de ser o Deus Altíssimo. Dizem que a imagem do pai, sem o diminutivo, induz ao medo. Existem pais que são sinônimos de severidade, brutalidade e rancor. O “Pai nosso que está nos céus” não será sinônimo de severidade, brutalidade e rancor somente pelo fato de ser chamado de “paizinho”. O Deus, nosso Pai, é fonte de toda graça e amor. É pai que nos aceita como filhos e nos ama intensamente. Não é pai de eternas crianças, mas de filhos que vivem saudavelmente os estágios da vida. Eles não sentem necessidade de usar diminutivos e orar como se fossem crianças. Se temos carência afetiva ou se

não recebemos amor de nossos pais quando criança, não é o momento de tentar “uma regressão psicológica” através da oração. É necessária a certeza de que Deus nos ama intensamente, que não nos abandonará, que vela por nós, e que ele é nosso pai amoroso e próximo. Não precisamos ser infantis diante de Deus, mas nós mesmos, e aquilo que nos tornamos através de Cristo: filhos amados. Deve-se deixar de ser criança mimada para ser verdadeiro filho de Deus!

Num mundo que sofre a ausência de amor, necessitamos de demonstração de amor. Na carência de presença, necessitamos de intimidade. Deus já demonstrou seu amor para conosco e provou que está conosco através de seu filho Jesus. Isso é suficiente para lançarmos fora toda crise de afetividade e presença. Deus não é homem. Deus é Deus! Ao dirigirmos a ele, estamos nos dirigido ao Deus Pai. Todo amor é devido – ele é nosso pai; e toda reverência é pedida – ele é nosso Deus! Não se assuste. Reverência não é sinônimo de orações com palavras contadas e buscadas em dicionários e enciclopédias. É a correta disposição de falar sincera e amorosamente a Deus os anseios do coração. É o momento de revelar as nossas falhas e reconhecer seu senhorio sobre nós!

Na primeira regra, Calvino combate as palavras vãs ou ostentadoras. Ele alerta que:

> Cristo reprova a insensatez daqueles que, com o fim de persuadir a Deus com rogos, derramam um excesso de palavras. Essa doutrina não é compatível com os elogios em toda parte concedida, na Escritura, à seriedade na oração: quando a oração é oferecida com sentimento sincero, a língua não vai antes do coração. Além disso, a graça de Deus não é obtida por um fluxo de palavras sem sentido. Mas, pelo contrário, um coração devoto joga fora suas afeições, como setas, para furar o céu. Ao mesmo tempo, isso condena a superstição daqueles que acolhem a crença de que eles vão conseguir o favor de Deus através de longas murmurações.”[75]

Calvino, em outro lugar, escrevendo à respeito, enfatiza a necessidade da oração que se encontra além da garganta:

> A oração é uma forma de comunicação entre Deus e nós, pela qual colocamos diante dele os nossos desejos, as nossas

> alegrias e as nossas queixas – em resumo, tudo que está em nosso coração. Sendo assim, toda vez que invocamos o Senhor devemos ter o cuidado de descer às profundezas do nosso coração e falar-lhe dali, e não apenas com a garganta e a língua.[76]

Veja que é necessário colocar diante de Deus o movimento do coração e não o dos lábios. A oração é a bendita descida às profundezas das necessidades que se revelam no coração. Nela o que prevalece não são as palavras, mas a necessidade.

O salmista já afirmava que na sua época muitos diziam: “Com a língua prevaleceremos” (Sl. 12.4). Querem prevalecer através das muitas palavras e persuadir a Deus. Esquecem que Deus não se deixa enganar e que ele olha a intenção do coração. Muitos consideram que, conforme a parábola do juiz iníquo (Lc. 18.1-8), seu incômodo gerará a resposta de Deus. Interpretam errado o ensino de Jesus. Deus não nos recebe com má vontade. Não se encontra nele a disposição de se “livrar” de nossa presença e nem é nossa oração um incômodo a Deus. Vamos ouvir os sábios conselhos do autor do Livro de *Eclesiastes* (5.2, 6-7):

> Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; (...) sejam poucas as tuas palavras. Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias. Não consintas que a tua boca te faça culpado... Porque, como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus.

Na ordem de Deus não são tantas palavras, tantas respostas as orações. E sim: tanto sincero anseio, tanta aceitação da parte de Deus! Se fosse o contrário, Deus amaria a hipocrisia. A honra dos lábios com distancia do coração é uma ofensa a Deus que foi denunciada pelo profeta Isaías e por Jesus (Is. 29.13; Mt. 15.8). Oportuna é a palavra de Agostinho: “Quando orares, o que te é preciso é piedade, não verbosidade.”[77] Calvino segue esse bendito pensamento agostiniano:

> Aprendamos, também, que, quando nos apresentarmos diante de Deus em oração, não devemos fazer isso com os ornamentos e os artifícios da eloquência, pois a retórica mais excelente e a graça mais atraente que porventura possuamos diante dele

consiste na mais pura simplicidade.[78]

Se existe um lugar próprio à pura simplicidade é a oração. Que sabedoria é possível apresentarmos a Deus, se ele é o criador da sabedoria? Que glória é possível ostentarmos diante dele, se somente ele tem toda glória? Que justiça podemos reclamar, se a nossa justiça diante dele é como trapo de imundícia? Que seja a simplicidade a nossa melhor eloquência e única graça atraente que possamos apresentar diante de Deus. Através da pura simplicidade, recebemos a pura exaltação de Deus na oração!

Calvino pondera a respeito para que se evite erro em sua colocação. Seu alvo não é impedir o uso fervoroso da oração, mas o uso indevido:

> Ele [Deus] não proíbe a persistência nas orações, nem que elas sejam feitas demoradamente, nem com frequência nem com veemente fervor, mas nos ensina a não confiar que se pode constranger Deus a atender às nossas petições pela nossa importunação com vã loquacidade, como se fosse possível dobrá-lo pelo muito falar, como se dá entre os homens.[79]

A frequência, a demora, o fervor e a persistência na oração não desagradam a Deus. Ele não emite nenhum juízo a quem assim se deter diante dele. Esses atos são legítimos quando representam e demonstram a fome e a sede da providência divina. Quando eles nascem do grito da fé, que reclama as promessas de Deus, são agradáveis ao Senhor. Eles não possuem méritos. Não são obras que devem ser recompensadas. São frutos da boa árvore da fé verdadeira e dependem de Deus. Diante de tanta oração e fervor, Deus não se comove? Deus comove-se com nossa dependência e carência dele. As muitas orações e fervor devem ser frutos de algo maior.

Sem tanta carência e dependência de Deus, tanta oração não produz muita resposta divina. A oração não tem poder algum. O poder pertence a Deus. Se as muitas palavras não significarem muita carência e dependência, não houve uma oração. Carência e dependência de Deus demonstram-se com ou sem palavras, com muito ou pouco silêncio, e com poucas ou muitas palavras. O momento faz a oração e sua intensidade. Nem o silêncio nem as palavras constrangem Deus, mas “um coração compungido e contrito” ele não despreza (Sl. 51.17).

Na primeira regra, Calvino também nos adverte a não pedir aquilo que Deus não nos permite, mas somente o que as Escrituras ensinam, conforme a sua vontade: “Não temos a liberdade de clamar a Deus para que

siga as sugestões de nossa mente e vontade, mas precisamos buscá-lo somente da maneira como ele nos convidou a nos aproximarmos dele.” Para nos ajudar, Deus dá como ensinador o Espírito Santo, com o intuito de nos auxiliar nas fraquezas e nos ensinar como convém pedir (Rm. 8.26). Pedimos aquilo que está nos tesouros das promessas de Deus para nossa vida e não o que é fruto de nossos desejos vãos para gastarmos em nossos prazeres (Tg. 4.3).

Na primeira regra, Calvino dá a entender que é necessário desenvolver a capacidade de contemplação. Quando enfatiza a plena concentração no ato da oração, isso é possível através da dinâmica da contemplação. Nela nossa mente descansa diante da beleza da grandeza de Deus e tudo em nós medita nela.

A segunda regra é da *necessidade sincera*. Calvino diz:

> ...que, em rogarmos, sintamos sempre verdadeiramente nossa própria penúria e, pensando seriamente quão necessitados estamos nós de todas as cousas que pedimos, com a própria oração associemos desejo sério e ardente de obtê-las.[80]

Na oração encontra-se explicitamente uma declaração de carência. Três aspectos são destacados na segunda regra.

Primeiro, que pela oração somos levados a sentir nossas privações e necessidades. A oração remete-nos a encarar a realidade humana como ela é. Deixamos de enganar a nós mesmos, quanto à nossa situação, e enfrentamos a nossa condição.

Segundo, somos levados a uma tomada de consciência quanto ao real valor das coisas que pedimos para nós. Na oração, as petições não são faz de conta. Elas brotam da realidade humana, que se encontra envolvida de infortúnios e misérias.

Finalmente, somos despertados para uma disposição real de obter o que é pedido na oração. É preciso que a oração tenha a companhia do sério desejo de obter o que se pede. A oração não é a elaboração de pedidos sem sentido ou utilidade. Não é também o lugar onde se fazem muitos pedidos para receber pelo menos um de lucro. A oração é o momento do desejo sério e ardente de receber a petição. Devemos lembrar que, para Calvino, a sincera devoção do coração “é a religião genuína e o culto aprovado” a Deus.[81] Ele esclarece que:

> Deve sempre observar-se que o costume de orar consiste em

> que Deus seja testemunha de todas as nossas aflições, não que de outra forma estariam escondidas dele, mas, quando derramamos nossos corações em sua presença, nossas tensões são sobejamente aliviadas e aumenta nossa confiança de obtermos o que pleiteamos.[82]

A oração possui uma função terapêutica e outra devocional. A função terapêutica nasce da certeza que o cristão tem de ter Deus ao seu lado em suas aflições. Deus é sua testemunha. O próprio Deus sabe que em nada o fiel foi hipócrita ou dissimulado, pois tem estado com ele em suas aflições e angústias. Diante da presença divina, que o autoriza a confiantemente derramar o coração, chega-se ao alívio terapêutico da alma. Colocadas as aflições diante de Deus, as tensões são abundantemente aliviadas. A oração produz refrigério de alma, pois ela nos conduz aos braços de Deus. Em sua função devocional, a oração produz o fortalecimento de nossa convicção no socorro divino e conduz-nos à meditação na bondade divina e na sua santa Lei.



Calvino adverte-nos que a oração não é apenas um murmúrio de palavras piedosas. Ela deve nascer da consciência de nossa necessidade dos favores divinos, sem os quais padeceremos: “Por essa regra é barrada da oração, de fato, aliás, é para longe afastada, a hipocrisia e a argúcia de mentir a Deus.”[83] Nessa condição, “a oração legítima requer arrependimento”,[84] pois:

> É deveras verdade, de modo geral, que os homens oram de uma forma errônea e em vão, a menos que comecem a buscar o

> perdão de seus pecados. Não há esperança alguma de se obter algum favor de Deus a menos que ele nos reconcilie consigo. [85]

Dessa forma, segundo Calvino, a ordem correta de orar é "pedindo, logo de início, que Deus nos perdoe pelos nossos pecados."[86] O arrependimento é o gracioso caminho que nos conduz aos braços de Deus. O pai espera o filho pródigo que volta! Sem arrependimento nossas orações serão palavras vazias. Está escrito: "Deus não atende a pecadores [pessoas não arrependidas]; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende" (Jo. 9.31). A voz do arrependido é ouvida nos céus como doce louvor a Deus. A voz daquele que segue o curso de seu coração pecador é eco de ofensa!

Calvino afirma que "os que fecham o coração também fecham os ouvidos de Deus."[87] Seguir a vontade de Deus abre as portas dos céus (1Jo. 3.22), "enquanto uma consciência má nos fecha a porta."[88] Assim:

> ...nem oram retamente, nem são ouvidos senão os sinceros adoradores de Deus. Portanto, quem quer que se disponha a orar que se arrependa de seus pecados e se revista da pessoa e afeto de um pobre que vai de porta em porta; o que ninguém poderá fazer sem quebrantamento.[89]

A terceira regra é do *espírito humilde e contrito*. Aqui Calvino complementa a segunda regra. Nessa regra, é enfatizado que devemos abandonar toda a confiança em nós mesmos e humildemente suplicar perdão. Calvino escreve:

> ...que quem se apresenta diante de Deus com o intuito de orar renuncie a todo pensamento de glória pessoal, se desnude de toda noção de dignidade pessoal, enfim, abra mão de toda confiança em si próprio, em sua humildade dê glória absolutamente a Deus.[90]

Tem-se nessa regra que "todo o propósito da oração, e na verdade da vida cristã, é a glória de Deus."[91] Para atingir esse alvo, devemos nos humilhar e, em completo esvaziamento de toda pretensão de glória, achegar-nos a ele. Diante disso, Calvino lança a essência da oração eficaz: "Em suma, o começo, e mesmo a preparação, do modo correto de orar é o pedido de perdão associado à humilde e sincera confissão de culpa."[92] A confissão e o arrependimento são, para Calvino, a chave que abre aos fiéis a porta à

oração, pois se alguém quer obter algo de Deus é preciso primeiro ter sido graciosamente reconciliado com ele,[93] pois:

> Ninguém poderia aventurar-se ao acesso à sua presença sem a convicção de lhe estar aberta a entrada; mas, quando ele antecipa nossos temores e se adianta para declarar que nenhuma oração lhe é oferecida em vão, a porta se escancara para admissão de todos.[94]

Confessar é dissipar nossa cobiça. É expor nossas misérias e tirar fora nossa avareza. Confessar é rasgar o coração e ferir mortalmente o ego. O escritor do Livro de Provérbios afirma que quem "encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv. 28.13). Não confessar é permitir que o coração seja um covil de misérias. Confessar é trilhar o caminho que nos leva à misericórdia e aos favores de Deus!

A quarta, e última regra, é da *fé confiante*. Ela completa a primeira. Nessa regra, a verdadeira oração pressupõe a esperança de que Deus nos ouve: "Assim prostrados e subjugados em verdadeira humildade, não obstante sejamos animados a orar, com segura esperança de alcançar resposta",[95] pois "Deus não pode renunciar a seu atributo de ouvir a oração, tanto quanto ao atributo de sua existência." Calvino diz que, para Davi, Deus não é aquele que ouve orações neste e naquele caso. É de sua própria natureza ouvir orações. Nisso, Calvino confere o título de "ouvidor de oração" a Deus. Ele enfatiza que essa é uma verdade de grande importância. É algo que faz parte permanentemente de sua glória, "de modo que ele tão logo se negaria caso fechasse seus ouvidos às nossas petições."[96] É próprio de Deus ouvir as nossas orações. Calvino pontua:

> Pudéssemos pelo menos imprimir isso em nossas mentes, de que é algo peculiar a Deus e inseparável dele ouvir nossas orações, seríamos fortalecidos com inabalável confiança. Jamais poderá faltar-lhe o poder de prover socorro, de sorte que nada poderá obstar nosso caminho daquele bem-sucedido resultado de nossas súplicas.[97]

Calvino reconhece que aqui existe aparentemente um contraste, pois, enquanto confiamos no favor divino, contemplamos nossa indignidade e a vingança de Deus. Ele, porém, enfatiza que é somente aparente, pois confiança e penitência (arrependimento e fé) são elementos que "um nos

aterra, o outro nos arrebata de alegria, são parceiros ligados entre si de um vínculo inseparável, assim, nas preces importa que se fundam eles em reciprocidade.”[98] Contudo, “ninguém pode aproximar-se de Deus a menos que se convença de que ele ouve o indigno.”[99]



Diante de Deus somos ousados e humildes, íntimos e reverentes, servos e filhos, pecadores e santos, e carentes e ricos. Damos graças a Deus pela graça da oração e, como os discípulos, pedimos sempre: *“Senhor, ensina-nos a orar”* (Lc. 11.1).

6

A oração da fé

Para Calvino, a oração da fé é a legítima oração. Ele, comentando o Livro dos Salmos, declara:

> A fé genuína é conhecida pela oração, já que a produtividade de uma árvore se conhece por seus frutos. Deve observar-se também que Deus não reconhece nenhuma outra oração como legítima senão aquela que procede e é acompanhada pela fé. [100]

Calvino é contra a oração que coloca em dúvida a disposição de Deus de nos ouvir nas horas de angústia, pois não foi por meio da dúvida que o Espírito Santo ensinou através dos escritores bíblicos. Ele nos manda acercar o trono celeste com confiança para alcançarmos graça (Hb. 4.16), e com ousadia acessá-lo em confiança através da fé em Cristo (Ef. 3.12). Calvino instrui:

> Portanto, se queremos orar com proveito, é indispensável que agarremos com ambas as mãos essa certeza de que obtemos o que pedimos, a qual não só nos manda o Senhor de sua voz, mas também, por seu exemplo, todos os santos nos ensinam. Pois, afinal, a oração aceitável a Deus é aquela que, por assim dizer, nasce dessa fé pressuposta e esta tem por base a tranquila convicção da esperança.[101]

A oração que nasce da dúvida e do medo não nos traz proveito algum. Melhor seria que não orasse aquele que se dirige a Deus pela via da suspeita. A dúvida coloca sob suspeita a fidelidade, disponibilidade e bondade divinas. Ela chama Deus de mentiroso e sugere que não devemos confiar nele. Se quisermos viver uma vida de oração proveitosa e edificante, devemos lançar fora toda a dúvida e agarrar firmemente a certeza de que seremos atendidos. O sentido da oração encontra-se no fato de crermos que, mesmo rodeados pelo caos humano, nossa voz será ouvida por Deus. Como

diz o teólogo suíço Emil Brunner:

> O mundo não é a derradeira realidade, nem a total. Há um Senhor do mundo, um guia de todas as coisas. Pode-se invocá-lo; ele ouve. Posso chamá-lo de ‘tu’; e não volta apenas um eco do meu grito, mas uma resposta dele. A oração tem sentido. E mais: Se assim for, então a oração não tem apenas sentido, mas é a maior das maravilhas.[102]

A dúvida transforma a oração na atitude mais sem sentido da existência humana. Por que orar se não cremos que estamos sendo ouvidos e que seremos atendidos? A oração que nasce da dúvida é superstição. Para aquele que lança seus cuidados sobre Deus, pois sabe que ele tem cuidado de nós (1Pe. 5.7), a oração é a experiência mais realizadora e maravilhosa que pode existir. O sentido da oração encontra-se na atitude de fé. Sem fé é impossível agradar a Deus e preencher a expectativa da alma. Para Calvino, a oração é a superação da dúvida através da confiança no interesse de Deus por nós e nossas necessidades:

> Quanto maior, pois, for o terror com que formos abalados pela crueldade de nossos inimigos, mais vivamente devemos reavivar nosso ardor em oração. Deus, aliás, não precisa receber de nós alguma informação ou ser incitado por nós; mas a prática e o propósito da oração consistem em que os fiéis, ao exporem francamente diante de Deus as calamidades e sofrimentos com que se veem oprimidos, e ao descarregá-los, por assim dizer, em seu seio, se asseguram, acima de toda e qualquer dúvida, de que ele olha com interesse para suas necessidades.[103]

“Se olharmos o mundo, morre a oração”, diz o teólogo Emil Brunner.[104] A nossa oração congelaria em nossos lábios; o nosso olhar jamais se ergueria ao horizonte para clamar por socorro, como fez o salmista. Nunca brotaria da nossa alma esta declaração de fé: “O meu socorro vem do Senhor!” (Sl. 121.2). Se olharmos para o mundo e seus absurdos, nossa alma desmaiará de pavor e afundaremos diante das tempestades da vida. Todavia, como diz Paulo, não andamos por vista e sim por fé (2Co. 5.7). Olhamos para Jesus, o Autor e Consumador de nossa fé (Hb. 12.1). Olhando para Jesus, viverá a oração!

A dúvida ocupa espaço dentro de três questionamentos: Quem é o ser

humano para Deus, Senhor do Universo? Não será a oração apenas uma pretensão aprendida da religião, que nos leva a invocar a Deus? Quem garante que Deus me ouvirá e responderá? É aqui que nasce a presunção da fé. Calvino chega a dizer que a oração aceitável é aquela que nasce dessa presunção: "Pois, afinal, não existe outra oração grata e aceitável a Deus, senão aquela que procede de tal presunção – se se pode chamar presunção – da fé e que se funda na plena certeza da esperança."[105]

A presunção da fé tem como garantia a pessoa de Cristo. A fé nele não apenas nos leva a ter confiança, mas também prover liberdade e ousadia para chegarmos ante a face de Deus. Para Calvino, é isso o que nos distingue dos incrédulos. Diz o teólogo suíço Emil Brunner: "Na oração, o homem há de provar se é suficientemente audaz para confiar que Deus é o Pai. Isso é fé em Deus."[106] É claro que essa ousadia não é mérito humano. Ela é um feito da fé. É, por isso, que ela é chamada de "presunção da fé".

O que é fé? Calvino define-a como "um conhecimento firme e certo da vontade de Deus em relação a nós, fundado sobre a verdade da promessa gratuita feita em Jesus Cristo, revelada a nosso entendimento e selada em nossos corações pelo Espírito Santo."[107] Tem-se aqui uma definição em que a fé foge da noção simplista de "fé-sentimento".

A partir dessa definição de Calvino é possível destacar quatro verdades sobre a fé.

Primeira, que a fé é um *conhecimento firme e certo*. Enquanto vivermos na superfície da espiritualidade cristã, sem nos esforçarmos para superá-la, seremos chamados a repensar nossa atitude cristã. Fé é conhecimento. Para os que insistem no erro de não conhecer as Escrituras e o poder de Deus (Mt. 22.29), é impossível desenvolver uma fé verdadeira. Esse conhecimento é firme e certo!

São muitas as vezes que, confrontados por pessoas que frequentam seitas, perdemo-nos diante de seus argumentos e interpretações. Vacilamos quando somos chamados a declarar nossas convicções de fé ou quando somos convocados a falar sobre a Trindade, a divindade de Cristo e outras doutrinas básicas e essenciais à nossa fé cristã. Faltam firmeza e certeza em nossas afirmações.

Isso demonstra que vivemos uma fé superficial. Estamos somente na fase do "conhecer por ouvir falar" (Jó 42.5). O escritor da Carta aos hebreus define a fé como a certeza (firmeza) e convicção das promessas divinas (Hb. 11.6). Deus nos previne de que a nossa fé não seja como aquelas dos

demônios que creem e se estremecem (Tg. 2.19). Mesmo sendo a salvação uma realização da fé, não teremos demônios no céu, pois a verdadeira fé é uma relação íntima com a vontade de Deus. Os demônios creem para o julgamento e, por isso, tremem. Nós cremos para a salvação e, por isso, alegramo-nos em Cristo!

Segunda, a fé-conhecimento tem a ver com a *vontade de Deus em relação a nós*. A fé verdadeira nos dá a firmeza e a certeza da vontade de Deus em relação a nós. A vontade divina não é somente aquilo que Deus tem a nos ordenar e as leis que deverão ser obedecidas. Devemos deixar essa noção para um segundo plano. A vontade de Deus é a sua boa intenção para conosco. Ela é a sua boa disposição, seu interesse e aquilo que ele tem a realizar para o nosso bem-estar. Descobrir a vontade de Deus em relação a nós é conhecer suas motivações a nosso respeito. Quais as motivações de Deus para conosco? Vejamos o que está escrito no Livro do profeta Jeremias (29.11-14):

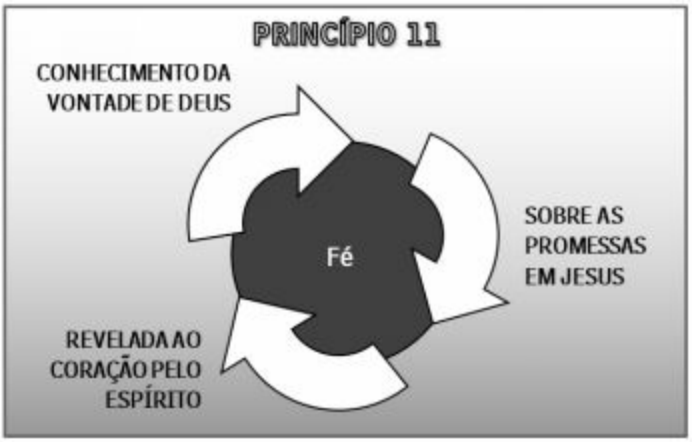
> Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o Senhor, e farei mudar a vossa sorte.

Com essa declaração, cada vez mais estamos convencidos de que o relacionamento de Deus com o seu povo é pessoal. No versículo 11, Deus expõe o seu coração. Poderíamos até dizer que aqui se encontra a "humanidade" de Deus. Muitas vezes, quando passamos por grande perda, alegria ou sentimos um grande amor, e não sabemos expressar em palavras a intensidade do sentimento, apelamos para a expressão "eu é que sei o que estou sentindo." A profundidade do amor de Deus por nós e a grandeza dos seus planos para conosco são tão intensas que ele chega a usar essa expressão. Usa porque ultrapassa a compreensão humana. Por outro lado, tenta mostrar que os seus planos em relação a nós são tão intensos nele que superam todas as nossas expectativas e previsões. Paulo chama Deus de "àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef. 3.20).

Terceira, a fé-conhecimento está *fundada sobre a verdade da promessa gratuita feita em Jesus Cristo*. A nossa confiança em Deus é

completa. Ele é fiel em suas promessas (Hb. 10.23) e “não pode mentir” quanto ao prometido (Tt. 1.2). Seja “Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm. 3.4)! Isso “porque mentira alguma jamais procede da verdade” (1Jo. 2.21). O fundamento da verdade da promessa gratuita feita em Jesus Cristo é a base de nosso conhecimento da vontade de Deus. Conhecemos o verdadeiro e no verdadeiro estamos, isto é, em Cristo Jesus, o verdadeiro Deus e a vida eterna (1Jo. 5.20). Todas as promessas de Deus são verdadeiras e reais. Nunca uma ilusão! Todas realizáveis em Cristo. Nunca através de outro meio! Todas pela graça de Deus, nunca pelo mérito humano. Em Cristo está o “sim” das promessas de Deus (2Co. 1.20). Como diz Calvino: “Deus jamais desaponta seus adoradores; ao contrário, coroa suas orações com uma resposta favorável.”[108]

Quarta, a fé-conhecimento é *revelada a nosso entendimento e selada em nossos corações pelo Espírito Santo*. Tirou-se o véu de nosso entendimento. Raiou a luz sobre nós! Aquilo que estava oculto e obscuro tornou-se visível e claro a nós. Foi colocado o selo das promessas de Deus em nossos corações. Isso nos mostra que pertencemos a essas promessas e somos realização delas. Essa revelação e selagem têm o toque poderoso do Espírito Santo de Deus. Agora, através dele, clamamos *Abba*, Pai, pois Deus enviou “ao nosso coração o Espírito de seu Filho” (Gl. 4.6). Esse é o Espírito de adoção que anula todo o temor (Rm. 8.15). É o Espírito Santo que traz a luz de Deus para nossa vida. Ele age em nossa mente e coração. Na mente, ele esclarece a verdade das promessas de Deus e de sua vontade. O que antes não tinha sentido e nem éramos capazes de discernir, agora é lógico, claro e seguro saber. No coração, o Espírito Santo fixa essa verdade conhecida no entendimento, de forma a levá-la conosco amando-a, protegendo-a e tornando-a amplamente necessária à nossa felicidade e salvação.



Calvino, quanto a relação oração-fé, afirma que “não há nada mais conforme a natureza da oração que impor-lhe a lei de que não ultrapasse seus limites, senão que siga como guia a fé.”[109] Os limites da oração são os limites da verdadeira fé. É necessário seguir a fé e, através dela, trilhar o caminho da vontade de Deus. Quais são os limites da fé? São as promessas de Deus em Cristo. Elas são os espaços da existência da fé e de seu desenvolvimento para a glória de Deus e para o nosso bem. Aqui acontece a oração como concretude da fé, pois, como diz Calvino: “Não oraremos de uma maneira correta a menos que a preocupação por nossa própria salvação e zelo pela glória de Deus seja inseparavelmente entrelaçados em nosso exercício.”[110]

É necessário seguir como guia a fé. Para onde a fé nos conduz? Ela aponta para as ricas promessas de Deus, pois: “Antes de nos aproximarmos aceitavelmente de Deus em oração, é necessário que suas promessas se nos façam conhecidas, sem as quais não pode haver acesso a ele.”[111] A fé coloca o nosso olhar firme em Jesus, Autor e Consumador da fé (Hb. 12.2). Seguimos a fé na peregrinação rumo às promessas de Deus, como fez Abraão, aguardando “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb. 11.10). A fé nos guia para a certeza das coisas que não vemos. Ela se torna a nossa bússola e direção. A verdadeira fé sempre nos indicará o caminho da perfeição e da santidade em Cristo. Através da fé em Cristo, não erraremos o alvo! A fé nos guia para a certeza de que Deus é nosso Pai, como diz Calvino:

> Quando, pois, nos aproximarmos de Deus, que a fé vá adiante para iluminar o caminho, gerando em nós plena persuasão de que ele é o nosso Pai, então os portões se abrirão e nos

poremos a conversar francamente com ele e ele conosco.[112]

A expressão “oração da fé” nos mostra de qual fonte nasce a oração e qual sua inspiração. Existe a oração da presunção humana e da dúvida, mas a oração da fé é singular. Só ela exprime as intenções de Deus e as profundas necessidades humanas. A oração da fé realiza Deus e o ser humano. Ela coloca em harmonia a vontade divina e os anseios humanos. Na oração da fé, vivemos a dependência de Deus e aceitamos sua independência em relação a nós. Também passamos pela experiência da interdependência: por graça e amor Deus conta conosco, e por necessidade e reconhecimento contamos com Deus.

A fé está segura nas promessas de Deus e nos testemunhos das Escrituras. Conforme Calvino, não nos faltam meios para nos ajudar na fé, pois “são tantas outras bandeiras fincadas diante de nossos olhos a nos inspirar confiança.”[113] Como também diz o escritor da Carta aos hebreus, “visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas (...), corramos, com perseverança a carreira que nos está proposta” (Hb. 12.1). A partir dessa confiança nas promessas de Deus, Calvino declara que:

> Resta somente a nós que, convidados com tais exortações, persuadamo-nos por isso que temos motivos de sobra para ser ouvidos, quando nossas orações não são fundadas nem se apoiam em nenhum mérito nosso, senão que toda sua dignidade e a esperança de alcançar o que pedimos descanse nas promessas de Deus e delas dependa; de modo que não é necessário outro apoio nem coluna alguma, nem é preciso andar olhando de um lado para o outro.[114]

As promessas de Deus nos bastam para viver uma fé segura na providência divina. A esperança nas promessas de Deus é a âncora de nossa alma, como diz Calvino no seu comentário à Carta aos hebreus:

> Certamente que, enquanto peregrinamos neste mundo, não temos terra firme onde pisar, senão que somos lançados de um lado a outro como se estivéssemos em meio a um oceano atingido por devastadora tormenta. O diabo jamais cessa de mover incontáveis tempestades, as quais imediatamente fariam soçobrar e submergir nossa embarcação, se não lançássemos nossa âncora, com firmeza, nas profundezas. Olhamos, e não há nenhum porto que nossos olhos alcancem, senão que, em

> qualquer direção que voltamos nossa vista, a única coisa que divisamos é água; na verdade, só vemos ondas que se amontoam e nos ameaçam. Mas, assim como uma âncora é lançada no vazio das águas, a um lugar escuro e oculto, e enquanto permanece ali, invisível, sustenta a embarcação, que se encontra exposta ao sabor das ondas, agora segura em sua posição para que não submerja, assim também nossa esperança está firmada no Deus invisível. Mas há uma diferença, a saber: uma âncora é lançada ao mar porque existe solo firme no fundo, enquanto que nossa esperança sobe e flutua nas alturas, porquanto ela não encontra nada em que se firmar neste mundo. Ela não pode repousar nas coisas criadas, senão que encontra seu único repouso no Deus vivo. Assim como o cabo, ao qual a âncora se encontra presa, mantém o navio seguro ao solo de um profundo e escuro abismo, também a verdade de Deus é uma corrente que nos mantém jungidos a ele, de modo que nenhuma distância de lugar e nenhuma escuridão podem impedir-nos de aderir a ele. Quando nos sentimos jungidos assim a Deus, mesmo que tenhamos de enfrentar as constantes tempestades, estaremos a salvos do perigo de naufrágio. É possível que uma âncora se quebre, ou que um cabo se rompa, ou que um navio se faça em pedaços pelo impacto das ondas. Isso sempre sucede no mar. Mas o poder de Deus, que nos protege, é algo completamente distinto, bem como também são a força da esperança e a inabalabilidade de sua Palavra.[115]

Diante das promessas cessa toda busca da alma e saciamo-nos em sua plenitude. Passamos a viver momentos de inspiração, ânimo novo e entramos nos tesouros de Deus. Resta somente uma coisa: crer que seremos ouvidos e descansar nessa esperança. Jesus nos aconselha – como fez ao principal da sinagoga: “Não temas, crê somente” (Mc. 5.36)! Calvino escreve: “Aquele que começa sua oração afirmando que Deus é a grande fonte e objeto de sua alegria se fortifica de antemão com a mais sólida confiança, apresentando suas súplicas àquele que ouve nossas orações.”[116]

A Palavra de Deus é tida por muitos como livro de autoajuda. É necessário voltar a nossa disposição para enxergar nela as promessas de Deus. Saliento que a Palavra de Deus não é um livro de autoajuda para aplacar os conflitos e ensinar a viver melhor. Ela também não é apenas um

livro de sugestões. A Palavra é o livro da autorrevelação de Deus e de suas promessas. Ela foi escrita para nos mostrar a verdade de Deus e de suas promessas, e não para servir à prática do pensamento positivo. A Confissão de Fé de Westminster, escrita no século XVII, declara: "Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela."[117] Devemos buscar nas Escrituras a glória de Deus, depois a nossa salvação, o fortalecimento da nossa fé e a vida que existe na pessoa de Cristo. Não devemos procurar a realização de nossos anseios pessoais, momentâneos e egocêntricos. Buscamos a realidade do Reino de Deus para nossa vida. Todas as coisas nos serão acrescentadas (Mt. 6.33). Essa é a promessa de Jesus Cristo!

Firmados na Palavra de Deus, não devemos temer a majestade de Deus. Invocando-o como Pai, encontramos nesse nome algo dócil e misericordioso. Calvino deixa claro que Deus encontra-se favorável a todos. Devemos ter esperança de que Deus é favorável a todos e que ele responderá do primeiro ao último. Ninguém é excluído, desde que:

> ...se façam presentes a sinceridade de coração, insatisfação conosco mesmos, humildade e fé, para que a nossa hipocrisia não profane o nome de Deus com invocação enganosa. O Pai boníssimo não rejeitará aqueles a quem não somente exorta a virem a ele, mas também os atrai de todas as formas possíveis. [118]

Deus está interessado em manter a comunicação conosco. Para isto, ele usa de formas diversas e possíveis para nos atrair a invocar seu nome. Calvino ainda é mais ousado e coloca uma possibilidade nova no "poder" que existe na oração. Ele chega a afirmar que "com temor, reverência e solicitude o espírito corajoso de oração se enquadra muito bem, nem tampouco é absurdo que Deus levante os que se acham prostrados."[119] Em outras palavras, Calvino quer afirmar que, do modo certo (com temor, reverência e solicitude), os efeitos da oração são incalculáveis. Isso é o que nos escreveu Tiago. Ele afirmou que a oração do justo pode muito em seus efeitos (Tg. 5.16)!

É absurdo crer que Deus possa levantar os que se acham prostrados? É absurdo crer que Deus é capaz de restaurar as famílias que se acham esfaceladas? É absurdo crer que Deus pode infinitamente mais do que

pedimos ou pensamos? Pela fé, cremos que nada é absurdo, tendo em vista que tudo é possível a Deus e nele podemos muito mais. Vivemos do absurdo da fé! Através dessa loucura, como diz Paulo, somos salvos e agraciados por Deus (1Co. 1.18).

É difícil compreender a estranheza e a correria provocada por aqueles que se dizem promotores de milagres. Para a igreja primitiva, conviver com milagres era algo natural e não sobrenatural. Fazia parte da normalidade da igreja Deus fazer prodígios. O contrário era anormal. Para uma igreja que perdeu a sua naturalidade, é causa de barulho a presença de milagres e dos feitos grandiosos de Deus. A glória de Deus em nosso meio parece uma anormalidade. Todos correm para ver e querem pegar uma "carona" naquilo que deveria ser o "normal" da igreja.

Quando falo de naturalidade, não quero afirmar que a presença da glória de Deus no meio do povo não seja algo extraordinário e sobrenatural. Apenas quero considerar que a igreja já não sabe conviver com essa glória. Se fosse algo natural – da essência da igreja –, estaríamos na fase de vivência dessa glória, que é da verdadeira adoração e da ministração como sacerdotes no templo, na vida e no lar. A glória do Senhor não seria um espetáculo à parte: que traz contentamento pela realização daquela cura tão desejada. Ela seria o lugar de nos alegrar porque o nosso nome está nos céus (Lc. 10.20); Deus é Senhor soberano sobre nós; não seremos abandonados; e porque o Senhor tem cuidado de nós e continuará cuidando sempre. Sonhamos com o dia em que o milagre fará parte de nossa vida. Deus, aquele que nos surpreende sempre, que anda por caminhos que nem sonhamos, que nos desafia com seu amor e chama as crianças para profetizarem, os jovens a terem visões e os da terceira idade a sonharem, sendo a nossa realidade suprema (At. 2.17). Isso será a vida no Espírito vivida pela Igreja!

Concluímos, afirmando com Calvino: "É a fé que alcança tudo quanto se concede no ato de orar."[120] E mais:

> Tenhamos em mente que não devemos simplesmente oferecer a Deus em nossos corações o sacrifício de oração, mas também se requer uma profissão de fé pública, para que pelo menos se notifique que somos genuínos servos do Senhor.[121]

Fora da oração da fé, a oração pode ser tudo, menos canal das bênçãos de Deus e de sua maravilhosa ação. A profissão pública de fé anda de mãos dadas com a oração. Aquele que ora é o mesmo que confessa Jesus

como Senhor e Salvador do mundo. Através da profissão de fé, declaramos que estamos a serviço do Senhor. Sua vontade é também a nossa. Uma verdadeira profissão de fé para uma genuína submissão. Longe de nós a hipocrisia! Oramos o que professamos, e professamos o que oramos. Nossa consciência recebe a bondade da fé, como sugere Calvino: “Quão preciosa e valiosa é uma boa consciência! Ora, a fé é o fundamento de uma boa consciência; não só isso, ela é a própria bondade da consciência”.[122]

|7|
Classificando a oração

Para Calvino existem duas classes de orações: a invocação (ou súplica) e a ação de graças. Isso porque, segundo ele, “em nossas orações, ou pedimos algo a Deus ou reconhecemos as bênçãos divinas derramadas sobre nós.”[123] Ele comenta:

> Na súplica colocamos diante de Deus os desejos de nosso coração. Pela ação de graças reconhecemos seus benefícios em nosso favor. E nós temos que usar assiduamente uma e outra, pois nos vemos perseguidos por tão grande pobreza e necessidade que até mesmo os melhores de nós devem suspirar, gemer e invocar continuamente ao Senhor com toda humildade. E por outra parte é tão grande a generosidade que o Senhor, em sua bondade nos dispensa, tão excelsas as maravilhas de suas obras, que sempre encontraremos motivos para louvar-lhe e tributar-lhe ações de graças.[124]

Calvino simplifica a vida de oração. Aprendemos através dos manuais que existem vários tipos de orações. Pedimos para alguém fazer uma oração de adoração e percebe-se como é difícil. Não que seja difícil adorar a Deus, mas sim mapear e desenvolver essas orações dentro desses tipos.

Quando Calvino apresenta apenas duas classes de orações, ele simplifica e torna o ato da oração espontânea. Na súplica, existe espaço para a confissão, ao derramar do coração, ao clamor de nossa alma e para expor os desejos de nosso coração. Na ação de graças, existe momento para a adoração, ao louvor e ao reconhecimento dos favores de Deus dispensados a nós. Essa simplificação leva em conta que dificilmente na oração haverá espaço ao formalismo. Na oração, o coração, em sua sinceridade, é que é exposto. Um coração ferido fala de suas feridas como, também, é chamado a enxergar as curas recebidas.

O chamado é para usarmos continuamente essas duas classes de

oração. Nós gememos diante de Deus, mas esse gemido não pode ocultar o reconhecimento de seus favores. Na verdade, gememos diante daquele que, além de ter realizado tanto por nós, é capaz de continuar a sua boa obra em nós.

A súplica é o momento do esvaziar da alma e da ação de graças pelo preenchimento. Na súplica colocamos diante de Deus todos os nossos anseios e deixamos os nossos fardos. A súplica é também chamada de invocação, pois nessa oração convocamos Deus para agir em nossa vida e circunstâncias. É nosso: "*Maranata!* Vem, Senhor!" Na ação de graças, colocamos diante de nós aquilo que Deus tem feito por nós. Nela nos enchemos de alegria pelos cuidados de Deus. Na súplica, oramos com o salmista: "Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia, pois em ti a minha alma se refugia; à sombra das tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades" (Sl. 57.1). Na ação de graças, oramos como o salmista: "São muitas, Senhor, Deus meu, as maravilhas que tens operado e também os teus desígnios para conosco; ninguém há que se possa igualar contigo. Eu quisera anunciá-los e deles falar, mas são mais do que se pode contar" (Sl. 40.5). No centro dessas orações está a convicção de que: "Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim" (Sl. 40.17).

Invocamos a Deus. Pedimos que ele se faça presente com sua misericórdia; venha dissipar nossas tribulações; e seja o nosso castelo forte. Enquanto isso, reconhecemos seus favores! O coração com confiança e gratidão é saúde para a alma!

8

Necessidade da oração individual e coletiva

A fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, a esperança nas suas promessas e o amor a essas três pessoas sobre todas as coisas levam necessariamente a uma atitude de oração. Ou inversamente, quem não ora não demonstra amá-los verdadeiramente. Entende-se, pois, que a oração seja a atitude fundamental do cristão para exprimir sua fé, crescer na esperança e manifestar seu amor.

A oração particular, para Calvino, é uma disciplina espiritual necessária ao crente. Interpretando a passagem bíblica em Mateus 6.6, ele comenta que Jesus:

> ...nos ensinou a buscarmos um lugar retirado que nos ajude a que, com toda reflexão, desçamos ao nosso coração e nele penetremos fundo, prometendo o Mestre que Deus, de quem nossos corpos devem ser templo, estará perto das disposições de nosso íntimo [2Co 8.16].[125]

De fato, Calvino não quis negar que também convém orar em outros lugares. Ele coloca em evidência que a oração é algo secreto, não só que esteja acima de tudo situada no íntimo, "como também que sua tranquilidade requer que se ponha longe de todas as multidões de preocupações."[126]

A oração é santo retiro. Como encontrar em nossos dias um lugar assim? Como estar em retiro diante de tanta correria e inquietação? Isso é possível quando o nosso coração, em Cristo Jesus, torna-se um lugar tranquilo e sereno. Agostinho de Hipona alerta que:

> Não basta entrar no quarto. Se a porta ficar aberta aos infortúnios, ela dá entrada às futilidades exteriores que vêm perturbar nosso recolhimento. Dissemos que vêm de fora para significar as realidades passageiras e sensíveis que penetram

> pela porta, isto é, pelos nossos sentidos corporais, pois uma multidão de vãs imagens perturba nossa oração. Em consequência, é preciso fechar a porta: resistir às solicitações dos sentidos corporais, para que uma oração toda espiritual se dirija ao Pai. Oração essa feita no íntimo do coração, onde em segredo rezamos [oramos] ao Pai.[127]

A orientação de Jesus, sobre a procura de um lugar secreto para a oração, diz respeito também a um espaço físico. Decerto, não existirá lugar seguro e calmo se o coração estiver em guerra e se a alma se encontrar em tumulto. É necessário colocar o corpo e o coração em retiro. Esse retiro é para estar na presença de Deus e não em guerras e conflitos. Tomás de Kempis escreve:

> Quando Jesus está presente, tudo é suave e nada parece dificultoso; mas, quando Jesus está ausente, tudo se torna penoso. Quando Jesus não fala ao coração, nenhuma consolação tem valor; mas, se Jesus fala uma só palavra, sentimos grande alívio. Hora bendita, quando Jesus te chama das lágrimas para o gozo do espírito![128]

O sentido do retiro é buscar ajuda para viver a reflexão, que é vivida através da descida ao íntimo do coração. Cremos que muitos temem viver essa experiência em nossos dias, pois descer ao íntimo do coração é visitar a nós mesmos e revelar quem somos. Quanta hipocrisia, amargura e feridas expostas encontraremos? Não desenvolvemos com facilidade orações verdadeiras por serem dolorosas ao eu. Na oração tudo vem à tona! Nela, ou é revelado quem somos e quem é Deus, ou não existiu oração. Na oração o eu é ferido mortalmente. É um momento doloroso. Agostinho dá-nos um exemplo do que acontece:

> O teu temor fere a alma da mesma forma que o bisturi do médico fere o corpo: arranca a podridão e parece até aumentar a ferida.
> Dói mais a ferida quando é tratada do que se o não fosse: mas por isso dói mais, quando se lhe aplica o remédio, para que nunca mais doa, ao sobrevir a saúde.[129]

Calvino considera essa descida uma contenda que o crente tem consigo mesmo: “Digo que o povo de Deus, ao contender consigo mesmo, por um lado descobre as debilidades da carne, e por outro demonstra

evidência de sua fé.”[130] É isto que nos anima: que não só de dor vive essa descida ao íntimo do coração. Nela esperamos encontrar a presença de Deus que cura a alma, cicatriza as feridas e desfaz o emaranhado de nossos dilemas. No quarto duas pessoas são reveladas: o orador, precisando de cura e vida, e Deus, que é vida e cura. Se a oração fosse somente um encontro consigo mesmo, seria a experiência mais dolorosa que poderia existir. Seria o momento em que os “fantasmas” do passado viriam à tona e revelada a nossa incapacidade. Seria a descida ao inferno humano! Mas a oração é encontro com Deus. Ele afasta os “fantasmas” do passado através do seu perdão e mostra-nos que em Cristo podemos muito mais do que pensamos. É a subida ao céu! A visita através da oração ao nosso ser é terapêutica, pois descemos acompanhado do Espírito Santo. Mostramos-lhe cada área de nosso ser. Expomos-lhe nossas feridas. Ele amorosamente desce sobre nós sua cura, paz, vida e poder. O Espírito Santo nos limpa para sermos templo e santuário da presença de Deus. Antes covil de pecados, crises e feridas; agora santuário do Deus vivo, e lugar da mais intensa vida abundante na pessoa de Cristo.

Para Calvino, Jesus é o modelo da vida de oração individual. Esse tipo de oração foi um dos mais preciosos ensinos de Jesus aos seus discípulos. Calvino, em suas preleções às Bem-aventuranças, analisando o fato de Jesus passar a noite toda em oração antes da escolha de seus discípulos, escreve:

> É verdade que nosso Senhor não precisava orar por ele mesmo. Visto, porém, que ele era a cabeça da igreja, e visto que esteve sujeito a todas as nossas enfermidades, exceto o pecado (sendo inculpável), e visto que ele assumiu nossa natureza e foi verdadeiramente unido a nós, tornou-se necessário para ele, sendo nosso irmão, orar. Seria bastante errado pensar que oração para ele era apenas fingimento, e que ele simplesmente nos mostrou o que fazer sem ser tocado por qualquer senso de necessidade. Nós veremos em seu devido tempo o quão determinado ele era em matéria de oração. Nós mostramos tanta intensidade e fervor que quando nós clamamos ao Senhor suamos sangue e água? [131]

Para Calvino, a oração individual era para Cristo algo digno de intensidade, dedicação e dependência de Deus. Continua ele:

> Nós vemos, então, em tudo isso o quão necessária era a oração

> para ele. Assim, quando ele escolhe seus discípulos, pede a Deus seu Pai para direcioná-lo e guiá-lo em sua escolha. Pois aqui ele está agindo em sua capacidade como homem; como Deus, tal coisa jamais aconteceria. Mas como nosso cabeça, ele é tão unido a nós que o que é nosso se torna, por transferência, dele; sempre e em todo o lugar ele é nosso modelo. [132]

Era necessário que Deus guiasse a escolha que ele viria a fazer. É por isso que ele orou tão intensamente. Não como nós estamos acostumados a orar, descuidados e como uma mera formalidade. Jesus ficou a noite inteira em oração! Perceba como isso desafia nossa própria prática preguiçosa e fria da oração. Imaginamos fazer maravilhas ao orar de manhã e de noite. Sentimo-nos satisfatoriamente espirituais mesmo perante as distrações que ficam em nosso caminho. É muito diferente o exemplo que o nosso Senhor deixou. Ele mantém a vigília até o amanhecer. Jesus encontra-se preocupado e em sofrimento de espírito até achar descanso em Deus, ao colocar diante dele seus muitos cuidados e preocupações por sua igreja.

Diante de tão grande modelo, que é Cristo, Calvino aconselha:

> Portanto, aprendamos a disciplinar a nós mesmos quando nos sentirmos letárgicos e com preguiça de orar – ou pior, quando o desejo de orar é apenas um décimo ou um centésimo do que deveria ser. Deixemos o exemplo de Cristo nos motivar a reparar nossa leviana prática de oração.[133]

Calvino considerava que o retiro de Jesus à oração é incentivo para os crentes deliberadamente devotarem à oração.[134] Os discípulos, percebendo-o passar noites em oração e vendo nele o efeito restaurador, pediram que lhes ensinasse a orar (Lc. 11.1). Julgavam que esse seria um dos aprendizados mais importante a fazer junto ao divino Mestre. Em resposta, Jesus procurou impregná-los totalmente com a oração. Para conseguir esse feito, o Mestre usou uma pedagogia para ensinar a orar. Primeiro, ele mesmo orou, retirando-se para lugares solitários. Chegou a fugir das pessoas para se encontrar a sós com o Pai. Em momentos cruciais de sua vida, deixa tudo para estar, por uns momentos, em atitude de oração ao Pai. Dessa atitude de Jesus, os discípulos compreenderam que a oração é importante. Deram-se conta de que não poderiam ser verdadeiramente discípulos dele se também não aprendessem a orar. Na verdade, o discipulado passa pela oração. Sem oração não existe discipulado! Conseguido esse primeiro resultado, Jesus

passa ao ensino explícito acerca da necessidade da oração. Diz que é preciso orar sempre. Ele apresenta diversas parábolas para afirmá-la (Lc. 18.1ss). Convencidos da importância, Jesus segue ao método. Não multiplicar palavras, querendo mover Deus com sutis argumentos. Ele já sabe do que precisamos. É preciso recolher-se; orar em segredo ao Pai; encontrar-se com ele; e pôr-se na sua presença (Mt. 6.5-8).

Jesus é o modelo da prática da oração individual e da vida retirada, mas ao mesmo tempo, como diz Calvino, ele não "se abstinha de orar em meio a uma multidão de homens", se assim fosse necessário.[135] Isso significa que a presença de pessoas ao nosso redor não pode nos impedir de viver significativos e transformadores momentos de oração. Na necessidade, devemos levantar mãos santas em qualquer lugar!

Na oração individual, oramos por nós mesmos, expondo nossas necessidades e gratidão a Deus. Ela é a nossa oportunidade de orarmos pelos outros e deles orarem por nós, pois os "homens abençoam uns aos outros através da oração."[136] Sobre os crentes orarem por nós, Calvino, em seu comentário à Carta de Paulo aos efésios, escreve:

> O Senhor manda que os crentes orem uns pelos outros. Quão reconfortante é que cada um deles aprendesse que o cuidado de sua salvação é exigido de todos os demais, e ser informado por Deus mesmo que as orações dos outros, em seu favor, não são derramadas em vão! Seria lícito recusar o que o próprio Senhor tem oferecido? Cada crente, indubitavelmente, deve viver satisfeito com a certeza divina de que tão logo tenha ele orado, será também ouvido. Mas se, além de todas as demais manifestações de sua bondade, Deus se agradasse de declarar que ouvirá as orações de outros em nosso favor, seria próprio que essa liberalidade fosse negligenciada, ou melhor, não fosse abraçada com profuso amplexo?[137]

Calvino indica-nos seguir o exemplo de Paulo, que pedia orações aos irmãos, pois não queria perder nada "que o Senhor lhe concedera."[138] Comentando o interesse de Paulo em ver os irmãos da igreja em Corinto orando por ele, Calvino esclarece:

> Ainda que Paulo não tivesse dúvidas quanto à disposição de Deus em se fazer presente com ele, exorta os coríntios a orarem por sua segurança, e sua esperança de que o ajudarão através de

> suas orações realmente corresponde a essa exortação. O que ele quer dizer é que eles farão isso não só como o cumprimento de um dever, mas também com real proveito para ele.[139]

Quanto a declaração de Paulo, que as orações da igreja em Corinto o ajudaram (2Co. 1.11), Calvino esclarece:

> Porque, uma vez que Deus nos ordena que oremos uns pelos outros, sua vontade é que não façamos isso em vão. Ao lermos que nossas orações são agradáveis a Deus e proveitosas a nós mesmos, isso deve encorajar-nos muito a buscarmos a intercessão de nossos irmãos, quando nos vemos em aperturas, bem como a prestarmos, reciprocamente, o mesmo auxílio. Não é por falta de fé que o apóstolo se vê impelido a pedir a assistência de seus irmãos, mas, ainda que estava plenamente certo de que Deus cuidaria de sua segurança, mesmo que ficasse privado de todo apoio humano, ele reconhecia que a vontade de Deus era que fosse assistido pelas orações da Igreja. Ele ainda levou em conta a promessa de que o apoio deles não seria em vão; e uma vez que não desejava negligenciar nenhuma fonte de ajuda que Deus, porventura, quisesse que ele recebesse, desejava que seus irmãos orassem por sua preservação.[140]

Deus concedeu a graça de atender as orações dos outros em favor de Paulo! Na intercessão bloqueamos o egoísmo e promovemos o nosso bem e do próximo. Quando, em aflições, oramos pelos irmãos e não apenas por nosso infortúnio, estamos usando de uma fonte de bênçãos para nós. Aquele que quer ter vitória sobre as tempestades da vida, ora pelos irmãos quando nelas!

Na intercessão, segundo Calvino, o crente participa da aflição de seu irmão e utiliza o principal instrumento para lhe proporcionar força. Diz ele:

> O crente que apresenta um irmão ao Senhor proporciona-lhes uma grande medida de apoio ao receber uma porção das aflições dele sobre si mesmo. Se porventura nossa força depende das orações dirigidas a Deus, então o caminho mais seguro para fortalecermos nossos irmãos é orando a Deus em favor deles.[141]

Calvino considera o exemplo de Paulo, em convocar os irmãos para

assisti-lo com suas orações, como “um magistral exemplo de modéstia.”[142] Diante do exemplo do apóstolo, Calvino faz a pergunta: “Quem, pois nestes dias, ousaria desprezar as intercessões dos irmãos, das quais Paulo declara publicamente que ele mesmo dependia?” Certo da resposta, ele conclui:

> E, inquestionavelmente, não é sem valor que o Senhor tenha designado entre nós este exercício, a saber, que oremos uns pelos outros. Portanto, que cada um de nós não só ore por seus irmãos, mas devemos também, de nossa parte, buscar diligentemente o auxílio das orações de outrem, tanto quanto a ocasião demandar.[143]

Essa postura de Paulo, segundo Calvino, era porque ele estava “ciente de sua própria necessidade.”[144] Esse sentimento o conduzia a se sentir “profundamente desejoso de ser auxiliado pelas orações deles, e estava plenamente persuadido de que estas lhes seriam de grande proveito.”[145]

Quem não busca a intercessão dos irmãos, mostra-se alheio ao modelo de vida dado pelo Senhor e alienado de suas próprias necessidades. Também expõe seu sentimento pouco dado ao auxílio fraterno e sua atitude de banalização da providência de Deus que se faz presente através das orações da igreja.

Quanto à oração comunitária, Calvino não a despreza. Ele chega a mostrar que o extremismo é nocivo: “Qualquer um que se recusa a orar na sacra assembleia dos piedosos não sabe coisa alguma como orar individualmente, nem em lugar isolado, nem em casa.”[146] Em seu comentário ao Livro dos Salmos, Calvino considera que orar pela igreja é seguir o exemplo de Cristo:

> Não carecemos de nutrir nenhuma preocupação de que Deus rejeite nossas orações em favor da Igreja, visto que nosso Rei celestial nos precedeu para fazer intercessão por ela, de modo que, ao orarmos por ela, estamos apenas nos diligenciando por seguir seu exemplo.[147]

O crente deve orar por si e pelos outros, deve buscar a intercessão de seus irmãos e orar por sua igreja. Calvino conclui:

> Uma vez que o nosso dever é não permitir que nenhum dos favores de Deus flua sem oração, somos obrigados especialmente a agradecer-lhes suas misericórdias quando ele responde favoravelmente nossas orações, segundo se nos

> ordena no Salmo 50.15. E isto se aplica não só quando estão em jogo os nossos interesses particulares, mas também as questões relativas ao bem-estar geral da igreja ou de qualquer um de nossos irmãos. Desta forma, quando oramos uns pelos outros e recebemos o que pedimos, a glória de Deus se manifesta muito mais claramente, então todos nós reconhecemos, com gratidão, a bondade de Deus tanto com os indivíduos como para com todo o corpo da igreja.[148]

A experiência da oração individual não supera a oração coletiva. Esse é o exercício que os fiéis fazem ao viver uma só fé e em um só Senhor. Na oração coletiva somos levados a reconhecer que não somos ilhas, mas uma comunidade de oração e um só corpo. A oração coletiva é a celebração da comunhão!

Se a oração individual é descida ao coração do indivíduo, a coletiva é descida ao coração da igreja. Na oração coletiva é sentido o pulsar do coração da igreja, a força de sua fé e a dinâmica de sua comunhão, bem como a malignidade de seu pecado. Na oração comunitária o "nós" substitui o "tu". Oramos a oração da igreja! Conhecida se torna a igreja, como também o Deus da igreja. Ai da igreja se, na oração, somente ela fosse conhecida, e se a oração fosse apenas uma descida ao seu coração! Mas torna-se também conhecido o Deus da igreja, que a torna vitoriosa. Aqui é revelado o mistério da igreja, sua força e sua capacidade. Somos levados a sonhar e viver como igreja – é a vivência do céu!

Calvino ressalta que o templo é a casa de oração e que "Deus também ensinou que a parte principal de seu culto é o ofício da oração, e, para que nele os fiéis se exercitassem com um só sentimento, o templo lhes fora alçado como uma bandeira."[149]

É possível pensar em outros meios de reunir o povo em torno da Palavra e da oração. Contudo, o templo ainda é o ponto central de nossa reunião. Calvino apresenta-nos o templo como uma bandeira. Isso faz-nos pensar no templo como um chamado à oração. Jesus falou que sua casa seria chamada de "casa de oração para todas as nações" (Mc. 11.17). O templo é o lugar que a comunidade de fé se reúne para estar com seu Deus em comunhão. A comunhão é a mais sublime oração que o povo de Deus pode desenvolver, como diz certo cântico: "A maior oração é amar. Se não sabes amar é preciso orar." Ela é, como apresenta o salmista, uma unção que se assemelha ao óleo que ungiu a Arão sacerdote, ou como a bênção que Deus

derrama sobre o Monte Sião (Sl. 133).

O templo foi chamado de *domus Dei*, casa de Deus. Precisa Deus de casa? Certamente o Deus cuja majestade é acima da terra e do céu não tem necessidade de um lugar limitado e delimitado. Todavia, Isaías mostra que é nessa casa que adquirimos identidade, que os estrangeiros e dispersos são agregados, e onde Deus alegra aos seus (Is. 56.5-8). O salmista mostra a sua satisfação com a bondade do templo (Sl. 65.4). Isso nos mostra que o templo existe para ser o lugar do abraço e da comunhão. Ele, também e principalmente, existe para ser um prenúncio de nossa futura casa. O templo como casa de Deus tenta nos mostrar que Deus armou no mundo sua tenda. A tenda é uma casa provisória. O templo é a tenda de Deus no mundo. Ele existe para reunir os peregrinos deste mundo. Está armado para ser desarmado. Ele não é definitivo. O templo apenas anuncia que hoje vivemos na tenda de Deus, mas amanhã, em sua morada eterna. Ao nos dirigirmos ao templo, expressamos a nossa fé na caminhada para a nossa verdadeira morada.

O templo é o lugar da contemplação. A própria palavra em latim *templum* denota isso. É a mesma raiz da palavra em latim *contemplari*, contemplar. A raiz *tem* quer dizer cortar, separar.[150] O templo é o lugar separado para contemplar, em comunhão, a glória e os feitos de Deus.

Por que tanta afinidade com o templo? Porque ele é a nossa casa primeira, o lugar onde nascemos. Jesus chamou o templo de “minha casa” (Mt. 21.13). Muitas religiões consideram os seus templos como sagrados e só oram voltados para eles. Essa ênfase no templo é justificada pelo fato de ser ele o elo identificador e agregador da família da fé.

Creio que nossos templos deveriam estar abertos durante um período mais longo do dia. Creio que o templo proporciona um ambiente de reflexão e adoração. O contrário seria algo preocupante! Reconhecemos que a maioria de nossos templos, ao serem construídos, não levam em conta esse aspecto. Muitos não proporcionam um chamado à reflexão, contemplação e adoração. Contudo, Deus não se encontra preso ao templo. Nosso desejo é aquele de Paulo: “Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade” (1Tm. 2.8). E, certamente, o Deus de toda misericórdia irá nos abençoar ricamente em Cristo Jesus!

É tentando mostrar que Deus não está preso a um determinado lugar que Calvino nos alerta para não cometermos o erro de considerar o templo como único lugar onde Deus ouve as orações e habita, pois somos nós os

verdadeiros templos.[151] O templo é tipo do verdadeiro templo, que somos nós. Convém, pois, participar das reuniões constantes no templo, pois, como diz o Senhor: “Estarão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração que se fizer neste lugar” (2Cr. 7.15). É no templo que se vive a oração comunitária e em nós que se vive a oração individual!

Tratando a respeito da possibilidade de cometermos o erro de tentar limitar Deus a um lugar específico, tempo ou forma, Calvino adverte que:

> ...deve-se observar em toda oração que não queremos obrigar Deus a certas circunstâncias, nem prescrever-lhe em que tempo, em que lugar, por qual forma haverá ele de fazer alguma coisa, assim como nesta oração somos ensinados a não fixar-lhe nenhuma lei, ou impor-lhe nenhuma condição; pelo contrário, devemos deixar a seu arbítrio que faça o que haverá de fazer em qual forma, em qual tempo, em qual lugar lhe parecer bem.[152]

Nossas orações não serão atendidas mais facilmente se forem proferidas durante a madrugada ou em determinado local. Já ouvi muitas pessoas indicando a madrugada como o horário propício para que as orações sejam atendidas mais rapidamente. Segundo elas, essa fórmula era infalível, pois a “fila” era menor durante a madrugada. Existem os jardins e os montes de orações que algumas pessoas consideram como sendo o lugar ideal, pois ajudam na eficácia da oração. Outros consideram o próprio templo.

Lembro que, um dia, certo irmão chegou apavorado em minha casa. Perguntado sobre o que ocorrera, ele respondeu: “Estou com um sério problema e corri para o templo, mas ele estava fechado e preciso orar”. Eu prontamente sugeri: “Vamos orar aqui mesmo pelo assunto?” Ele replicou: “Não. O assunto é muito sério, logo deve ser colocado no templo para que seja solucionado imediatamente”.

Quantos têm tentado dizer a Deus a forma como eles querem que Deus haja em relação a algo que pediram. Estamos constantemente pedindo para que Deus envie seu anjo ou para que ele faça isto ou aquilo. Ora, quando pedimos a Deus que realize algo, é ele e não nós quem decide qual o melhor meio para a realização do nosso pedido. Nem sempre ou para tudo a visitação de um anjo é necessária ou a melhor intervenção. Quanto ao método a ser usado, somente Deus é o árbitro. Somos conselheiros de Deus ou suplicantes? Percebemos, no entanto, que no centro dessa intenção está a busca do

extraordinário. O extraordinário não pela glória de Deus, mas para a nossa glória e promoção. Queremos que o realizado seja algo que deixe todos atônitos e boquiabertos, e nós, com o senso da poderosa visitação divina. Deus é mais humilde do que nós. Enquanto buscamos o espetáculo, ele trabalha nos bastidores! Muitos homens e mulheres "de oração" precisam do espetáculo para manter o status. Existem "profetas" que precisam cada vez mais do espetáculo para se manterem como tais!

Certo dia, visitando uma igreja, ouvi a secretária atendendo uma senhora pelo telefone. Durante a conversa, a senhora parece que queria que ela indicasse alguém para orar por ela e com ela. A secretária declarou que conhecia uma irmã que era uma mulher de oração. E a conversa continuou. Eu fiquei pensando nesses termos, "homem de oração" ou "mulher de oração", que são usados para designar certas pessoas, dando-lhes status em nosso meio.

Creio que existem pessoas que oram abundantemente. O protesto é contra a negligência a algo que deveria ser uma experiência regular da igreja. Entram em cena, às vezes não porque desejam, mas outras sim, os homens e mulheres de orações. Eles parecem que trazem na vida o impossível de ser vivido e que, finalmente, estão vivenciando, por mérito. As pessoas correm em busca deles não devido ao seu testemunho, mas pela crença de que, se eles orarem por nós ou conosco, algo vai acontecer.

Essa é uma visão distorcida! Homens e mulheres de orações em nossos dias são uma classe de pessoas que até parecem executar o impossível devido a seu apego à oração. Segundo a Bíblia, essas pessoas estão vivendo simplesmente a vida cristã normal. Esse designativo na Bíblia não existe. Isso porque a Bíblia pressupõe que todos da fé são também da oração. Os fariseus oravam nas praças para serem vistos e considerados espirituais – homens de orações. Não podemos cometer esse erro. Quem ora, por mais orações que faça, deve ser reconhecido não porque ora, mas pela fé em Cristo e pelo testemunho.

A ênfase de Tiago em relação à oração de Elias não recai sobre a própria pessoa de Elias, mas sobre o efeito da oração da fé (Tg. 5.17-18). A oração da fé não pressupõe que ela tem um poder próprio ou que é uma obra humana. O termo "fé" indica que é uma oração que entrega tudo nas mãos de Deus e de sua ação. Elias era homem semelhante a nós. Sua menção não é por ser ele um homem de oração, mas um homem de fé, que entregou tudo aos cuidados de Deus e de sua vontade. Tiago não quis mostrar o que pode o

homem de oração. Sua intenção é fazer conhecido o que pode o Deus da oração do homem de fé.

Tratando da oração individual e coletiva, não podemos deixar de mencionar a importância do cântico. Ele faz parte da vivência de oração. Calvino alerta para “diligentemente guardar que os ouvidos não estejam mais atentos à melodia que a mente ao sentido espiritual das palavras.”[153] Esse cuidado tem muito a nos orientar em nossos dias.

Considero que a música tem marcado de forma positiva a igreja atual. Tenho consciência de que a melodia tem sido enfatizada mais do que o sentido das palavras. Cantamos o quê? Se o cântico é uma oração, no dizer de Agostinho, dupla oração, é necessário que as declarações de um cântico sejam analisadas e vividas para que saia de nossa boca o perfeito louvor. Caso contrário, assemelhamo-nos a Davi, que, para trazer de volta a arca da Aliança, preparou bois e uma carroça enfeitada. Foi um desastre total (2Sm. 6.6)! A arca deveria ser levada pelos levitas e não por bois (1Cr. 15.2).

Hoje temos muitos instrumentos. Melhor seria que tivéssemos mais! É necessário que a igreja não pense que os instrumentos são responsáveis pelo louvor a Deus. Somos nós, os levitas de Deus e sacerdotes reais, quem louvamos a Deus. Que com sabedoria possamos usar os instrumentos para nos ajudar a oferecer a Deus o mais digno e sincero louvor e adoração!

A melodia produzida pelos instrumentos é vazia para Deus quando as cordas do coração não produzem a melodia da total reverência, amor e sinceridade ao Deus vivo. Vamos aproveitar todo o aparato instrumental e os talentos que temos nas igrejas para nos habilitar mais e mais na sincera oração e louvor a Deus. Todo esse aparato musical não existe para substituir o louvor pessoal. Ele não deve ser a carroça e os bois de Davi em nossa vida e nem nos transformar em espectadores de shows. Somos os personagens da peça, e somente Deus é o espectador!

Transformemos o momento de cânticos e hinos em momento de comunhão e de aproximação da glória de Deus. Cantemos com o coração! Que nosso louvor não seja fogo estranho na presença de Deus, como o de Nadabe e Abiú, filhos de Arão (Lv. 10.1-2), para que não venhamos a morrer. Àqueles, a morte física; nós, a morte do amor, comunhão, espiritualidade e, quem sabe, até morte física. Não será por isso que entre nós existem muitos fracos, doentes e não poucos que dormem? Levemos o fogo de nosso amor à presença de Deus e dele recebamos o fogo do seu Espírito para que as nossas crianças profetizem, os nossos jovens tenham visões, e os da terceira idade

sonhem intensamente (At. 2.17).

No mais, como exorta Calvino:

> Convém que a cada um de nós sejam fixadas certas horas especiais para esse empreendimento, horas que não transcorram sem oração e que tenham nisto inteiramente ocupadas todas as disposições da alma, a saber: quando de manhã nos levantamos, antes que nos atiremos ao labor diário, quando nos assentamos à refeição, quando pela bênção de Deus fomos nutridos, quando nos recolhemos ao repouso.[154]

Devemos nos lembrar que Calvino tem indicado esses momentos não para nos levar a pensar que cumprimos nosso dever para com Deus se o praticarmos:

> Essa observância de horas não seja supersticiosa, nas quais, como se quitando nossa obrigação a Deus, tudo fosse como se nos desobrigássemos em relação às demais horas; mas, ao contrário, constitui a disciplina de nossa fraqueza, pela qual deve ser assim exercitada e continuamente estimulada.[155]

Calvino, comentando o Livro de Daniel, quando trata da resolução de Daniel de orar em três ocasiões diferentes ao dia, afirma que "a não ser que estabeleçamos horas definidas para a oração, facilmente negligenciaremos a prática."[156] Esses horários específicos são o mínimo de oração que podemos viver. Logo, se alguém vive e convive apenas com esse período de oração, está em dívida. Necessário se faz ter uma vida mais intensa de oração, com tempo e local determinado, e que isso seja uma prática constante. As horas definidas para uso em oração ajudam na disciplina da prática da oração. A negligência vive da informalidade!

Sobre orar de joelho, Calvino, comentando a Carta de Paulo aos efésios, sobre a atitude do apóstolo ao afirmar que se dobrou de joelho por aquela igreja, explica: "Não que a oração requeira que se faça sempre de joelhos, e sim porque esse sinal de reverência é comumente empregado, especialmente onde a oração não é superficial, mas um ato sublime e sério."[157] Em seu comentário ao Livro de Daniel, sobre a postura de Daniel de prostrar-se de joelhos, Calvino esclarece:

> Não que ajoelhar-se seja a si mesmo necessário quando oramos, mas, porque necessitamos de estímulos, como dissemos, dobrar os joelhos é uma atitude muito importante.

> Em primeiro lugar, porque somos advertidos de que só podemos apresentar-nos diante de Deus de maneira humilde e reverente. E, em segundo lugar, para que nossas mentes estejam melhor preparadas para a oração sincera. E este símbolo de adoração é aceitável aos olhos do Senhor.[158]

Convém observar que, para Calvino, "o jejum é a preparação para a oração."[159] Para ele, o jejum e a oração, seguindo o entendimento de Paulo e de Jesus, devem manter-se unidos.[160] Ele sugere que a sobriedade e temperança, que devem ser vividas como hábito pelos cristãos, "é uma espécie de jejum."[161] Com isso Calvino dá a entender que o jejum é mais do que abstenção de alimento. Ele entende o jejum como "uma solene evidência de quebrantamento, que busca desviar a ira de Deus; ou por meio do qual os crentes se preparam para a oração antes de empreenderem alguma tarefa difícil."[162] Calvino explica o que significa essa tarefa difícil que requer mais esforço:

> Às vezes nos é necessário desprender-nos de tudo mais a fim de jejuarmos e orarmos; por exemplo, quando alguma catástrofe nos ameaça, o que se nos insinua como sendo um sinal da ira divina; ou quando passamos a digladiar contra alguma dificuldade; ou quando algo muito importante está para acontecer, tal como a ordenação de pastores.[163]

A exortação pastoral à pratica do jejum e da oração, nos momentos críticos da vida da igreja, conforme Calvino, é uma ordenança obedecida em todos os tempos da igreja:

> Sempre que surge controvérsia acerca da religião, a qual precisa ser decidida ou em um sínodo ou em um tribunal eclesiástico, sempre que se trata de eleger um ministro, enfim, sempre que se discute alguma coisa difícil e de grande importância; por outro lado, quando aparecem os juízos da ira do Senhor, como pestilência, guerra e fome, esta é uma santa e salutar ordenança em todos os séculos: que os pastores exortem o povo ao jejum público e orações extraordinárias.[164]

Para Calvino, "o jejum santo e legítimo" possui três finalidades: a) disciplinar e sujeitar a carne para que não se ensoberbeça; b) preparar melhor para as orações e santas meditações; e c) para que seja testemunho de nossa humilhação.[165] Ele escreve sobre a utilidade do jejum para evitar alguns

erros: daqueles que, não entendendo a utilidade do jejum, julgam-no desnecessário; daqueles que o consideram supérfluo e o rejeitam totalmente; e, finalmente, daqueles que, no uso dele, caem em superstição.

Para evitar a superstição, Calvino considera o fato de que a utilidade do jejum se encontra em estar ele vinculado à oração, à contrição e à disciplina: “Portanto, o jejum dos hipócritas não é apenas afadigamento inútil e supérfluo, mas abominação máxima.”[166] Ele ressalta que o mesmo não contém nenhuma obra meritória ou espécie de culto divino, pois “não existe nele nada que seja de importância, senão em função desses fins aos quais deve visar; é superstição perniciosíssima confundi-lo com obras ordenadas por Deus e por si mesmas necessárias.”[167]

O jejum em si não é poderoso em efeito. Contra aqueles que desconsideram o jejum como disciplina espiritual em sua vida, Calvino diz:

> Mas é possível que se replique que *o jejum* é uma cerimônia externa; que, juntamente com outras, teve seu cancelamento em Cristo. Pelo contrário, ainda hoje é um ótimo auxílio aos fiéis, como sempre o foi, e útil advertência para despertar a si mesmos, de sorte que, por sua demasiada confiança pessoal e negligência, não provoquem mais e mais a Deus, quando forem castigados por seus açoites. Daí, quando Cristo justifica a seus apóstolos por não jejuarem, não diz que o jejum fora anulado, mas o destina aos tempos calamitosos e o associa ao luto: “Virá o tempo”, diz *ele*, “quando o Noivo lhes será tirado” [Mt 9.15; Mc 2.20; Lc 5.35].



Concluo afirmando, com Calvino, que tanto a oração individual

quanto a coletiva são necessárias para que o crente viva com profundidade sua fé em Cristo. Na individual, o crente coloca diante de Deus suas necessidades e agradece sua providência, bem como intercede pelos irmãos e por eles é intercedido. Com cântico e jejum adornamos a experiência da comunhão com Deus e encaminhamo-nos para a verdadeira adoração em espírito e em verdade, afirmando com Calvino que: “É uma bênção singular a que Deus nos confere quando, em meio às tentações, ele nutre nossos corações, não os deixando retroceder dele, nem buscando em outra fonte algum outro apoio e livramento.”[168]

9

Perseverança na oração

Convém perseverarmos na oração e "pacientemente esperar no Senhor" até que ao seu tempo Deus responda nossas orações,[169] pois: "Embora Deus nem sempre surja imediatamente em nosso socorro, segundo a pressa de nossos desejos, todavia ele sempre virá a nós no tempo oportuno."[170] Calvino nos exorta a ter tal confiança devido à certeza de que "ainda que todas as coisas falhem, contudo, Deus nunca nos haverá de desamparar, o qual não pode frustrar a expectação e a paciência dos seus."[171] Em outro lugar, escrevendo a respeito da perseverança na oração, Calvino esclarece:

> Se, uma vez educados nossos corações nesta obediência, deixemo-nos governar pelo bom desejo da divina providência, aprenderemos com facilidade a perseverar na oração e a esperar no Senhor com paciência, deixando a realização de nossos desejos até que cumpra a hora de sua vontade. Estaremos também seguros de que, mesmo que às vezes nos possa parecer outra coisa, Ele está sempre presente junto a nós e de que a seu devido tempo manifestará que jamais manteve seus ouvidos surdos às nossas orações, ainda que segundo o juízo dos homens possa parecer que as menosprezava.[172]

No comentário à Carta de Paulo aos efésios, Calvino escreve:

> Ele [Paulo] os exorta a que perseverem em oração, dizendo-lhes: com toda perseverança. Pois com isso ele nos ensina que devemos avançar com entusiasmo, para que não desfaleçamos. Com imbatível ardor, somos impelidos a prosseguir em nossas orações, mesmo que de imediato não obtenhamos o que desejamos.[173]

A partir dessas declarações, posso afirmar que perseverança, antes de ser a arte de resistir, é a arte de estar e de permanecer. A perseverança é

estado de espírito e postura de alma. É o beco sem saída no qual a fé nos coloca. É uma "santa teimosia". Diante da alternativa de abandonar o Senhor, Pedro disse a Jesus: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo. 6.68). O que dizer da declaração de Habacuque, quando declara que "ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação (Hc. 3.17-18)"? E quanto à resposta de Jó, "Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?", diante da sugestão de sua mulher para que ele amaldiçoasse a Deus e morresse? Segundo o autor do Livro de Jó: "Em tudo isso não pecou Jó com os seus lábios" (Jó 2.9-10). Essa "santa teimosia" é perseverança. Dessa forma, perseverança, antes de ser resistência, é reconhecimento. Nela existe a plena confiança de que aquela é a vontade de Deus para nossa vida. Perseverança é fé! Como diz Calvino, ao comentar o versículo 13 do capítulo 13 da Carta de Paulo aos coríntios:

> Agora podemos entender o que está implícito no termo *fé* neste versículo, ou, seja: o conhecimento de Deus e de sua vontade, o qual obtemos através do ministério exercido pela Igreja; ou se se preferir, a fé universal e tomada em sua acepção própria. *Esperança* nada mais, nada menos é que a perseverança na *fé*. Pois, assim que tivermos crido na Palavra de Deus, restará ainda que perseveremos até a concretização dessas coisas. Daí, visto que a *fé* é a mãe da *esperança*, esta é também sustentada por aquela, a fim de que não venha a perecer.[174]

Toda oração verdadeira é perseverante, pois a perseverança faz parte de sua essência. Isso porque a oração verdadeira está firmada na fé verdadeira. Essa fé nos mostra que outro caminho não existe: é necessário crer somente! Pedro poderia seguir a multidão em uma retirada estratégica do seguimento a Jesus. Mas voltar vazio não é uma boa saída! Para ser cheio de vida abundante é necessário tornar-se discípulo de Jesus e estar a caminho com ele. Existia para Habacuque a alternativa da murmuração. Como israelita, essa prática era "tradicional". O povo de Israel pecou no deserto devido à sua murmuração constante. Habacuque poderia ter caído em depressão ou em crise espiritual. Mas tomar a tristeza ou a murmuração como opção para enfrentar os problemas não é uma das melhores soluções. Para

vencer as circunstâncias adversas, é necessário manter o coração alegre em Deus e vibrando pelo livramento que virá. A sugestão da mulher de Jó chega a ser cômica: “Jó, amaldiçoa a Deus e morre.” Em outras palavras, ela queria dizer: “Faz alguma coisa, Jó. Olhe para o céu e desabafe. Fale para Deus tudo o que, como homem, você quer dizer. Depois silencie e nunca mais faça uma oração. Viva durante o pouco de tempo que lhe resta como se Deus não existisse e, finalmente, morra como alguém que morreu com o feito de ter dito umas ‘verdades’ que Deus há muito deveria ter ouvido.”

O desespero nunca foi um bom aliado nas horas de sofrimento e dor! A mulher de Jó sugestionava que ele se entregasse ao desespero – amaldiçoar e morrer. Quantas sugestões como essa nos aparece tentando dizer que melhor é a incredulidade, a fraqueza, o desvio e o afastamento da igreja! A mulher de Jó não compreendia que os momentos de dor e decepção devem ser enfrentados através da compreensão da bondade e do socorro de Deus. É justamente aqui que podemos viver a experiência mais significativa da nossa vida: quando Deus se torna o socorro bem presente nos momentos de angústia.

Perseverar na oração não é permanecer na prática da oração em determinado tempo, local, modelo e rito. Perseverar na oração é viver no espírito e no fundamento da oração. É viver como uma oração e sendo uma oração. Perseverar na oração é viver na fé e confiança em Deus. É um chamado continuo à dependência divina. É crer para ver a glória de Deus! E permanecer crendo para continuar com essa glória presente.

Perseverança, também, entende-se por continuidade. Calvino afirma: “A oração, por sua vez, deve ser uma prática não só diária, mas também contínua”,[175] pois “é um dever compulsório de todos os dias e de todos os momentos da vida.”[176]

Deixemos de viver a oração como início e fim de eventos de nossa agenda pessoal e da igreja, ou de um novo dia e do seu ocaso, para tê-la como um processo dinâmico. Quantas vezes iniciamos o dia com uma oração, mas vivemos todo ele como quem não orou, sem o poder da oração? Quantas vezes oramos antes de tomar as nossas decisões, mas decidimos as coisas segundo o nosso “jeitinho”, segundo a nossa influência e as nossas tramas, que chegam até mesmo a atentar contra o próximo? Esquecemos de agir segundo o espírito da oração que proferimos! O segredo de uma igreja ou vida vitoriosa está na oração perseverante. Devemos orar antes de qualquer atividade e agir segundo o poder que ali nos é dispensado pelo Espírito Santo.

A oração inicial é a centelha que vai correr pelo fio de nossas atividades até a oração final!

Paulo recomendou à igreja na Tessalônica que orasse sem cessar (1Ts 5.17). Em outras palavras, ele a exortou a fazer da oração uma tarefa contínua. Essa continuidade não diz respeito somente à permanência no ato da oração, mas ao fato de a oração nos colocar em uma continuidade de crescimento e comunhão. Emil Brunner, teólogo suíço, enfatiza: "Orar é mais difícil do que trabalhar, exigindo tanto mais esforço. De cem homens que não temem o esforço do trabalho, apenas alguns poucos suportam o esforço da oração."[177] Ou, como constata Calvino: "Dificilmente um em cem é movido a dar um passo adiante ao encontro de Deus."[178] O teólogo anglicano J. I. Packer, quando trata das técnicas que são ensinadas para ajudar no devotamento à oração, é bastante incisivo:

> Sejamos realistas sobre onde estamos e onde não estamos nesta questão de orar. Lá no fundo, todos nós já descobrimos que orar não é tão fácil como algumas pessoas querem que pensemos, ou tão fácil quanto nós mesmos esperávamos que fosse...[179]

A dificuldade da oração está no fato de ela exigir uma total reestruturação de nossa vida. Na oração aplicamos a tarefa de refazer a nossa vida segundo a dependência de Deus, segundo o espírito de santidade e conforme a mente de Cristo. Na oração somos machucados pelo Espírito de Deus. No íntimo de nosso ser, o ego é julgado e condenado à morte.

Na oração o esforço é enorme. É nela que Jesus sua sangue. Aqui podemos perceber que obra imensa é a obra da oração. Ela é a obra do esforço da alma e do coração na oração. Estes buscam construir, segundo a graça divina, o caminho da comunhão com Deus. Cristo sua sangue. Que esforço titânico é aquele exercido no Monte das Oliveiras para declarar: "Contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc. 22.42)! É o esforço de levar a cruz. Na oração ou tomamos a cruz ou por ela imploramos. Calvino, em seu comentário ao Livro dos Salmos, declara:

> Como o ferro que se haja entortado não tem qualquer utilidade até que seja aquecido no fogo e batido na bigorna com um martelo, assim também, quando a segurança carnal se haja assenhoreado de alguém, tal pessoa não pode entregar-se alegremente à oração até que seja feita maleável pela cruz e

> completamente subjugada. E esta é a vantagem primordial das aflições, ou seja, enquanto nos tornam conscientes de nossa miséria, nos estimulam novamente para suplicarmos o favor divino.[180]

Perseverar na oração é permanecer diante da cruz. É perseverar no esforço de levá-la, amá-la, compreendê-la, suportá-la e querê-la. Belíssimos são os versos do hino *Rude Cruz*. Ali é dito que "nessa cruz, para mim, há mistério sem fim" e que "dela vêm graça e luz, para minha santificação." E o que dizer do estribilho, que afirma o nosso amor à cruz, que seu triunfo para nós é alegria, e que "um dia, em lugar de uma cruz, a coroa Jesus me dará?"[181] Quantos de nós nos alegramos com a vitória da cruz? A vitória da cruz não é o crescimento numérico dos protestantes, mas do Evangelho transformador de Cristo convertendo e convencendo as pessoas, e tornando-as verdadeiramente novas criaturas. Se isso significar o crescimento numérico dos protestantes, seja Deus louvado por visitar seu povo com a graça de aumentar o número dos convertidos ao senhorio de Jesus em nosso meio!

Talvez essa mensagem seja hoje considerada uma utopia devido a decadente realidade da igreja. Essa é a mensagem do triunfo da cruz. Não nos tornar mais humanitários, sociáveis e éticos; mas novas criaturas, cuja estrutura é regida pelo Espírito Santo de Deus e encaminhada às boas obras preparadas "para que andássemos nelas" (Ef. 2.10).

É difícil perseverar? À medida que contemplamos a realidade da igreja atual, poderíamos afirmar positivamente. Calvino nos leva a pensar que a dificuldade não está na perseverança, e sim na obediência. Porque somos desobedientes é que somos inconstantes. "Se tivermos nossos corações exercitados na obediência e nos deixar reger pelas leis da providência divina, facilmente aprenderemos a perseverar na oração", diz Calvino.[182] O coração que aprendeu a viver sob a obediência à vontade de Deus, que se exercitou e se alargou através da prática da obediência e foi levado a compreender a providência e a crer que Deus não nos deixa tentar além de nossa força, facilmente persevera.

Devemos enfatizar o fato de a perseverança nascer do aprendizado. A escola da vida ensinou-nos a murmurar e a desanimar. A escola da providência de Deus nos ensina a perseverar. Por que não perseveramos? Porque, uma vez diante da demora daquilo que esperamos, tentamos outra saída. Essa outra saída é a via que a ansiedade gera em nós. Quando somos obedientes à vontade de Deus e compreendemos sua providência, como

cuidado especial que não deixa que um só fio de nosso cabelo caia sem sua permissão, em vez de ansiedade vai sendo gerada em nós uma firme esperança, pois, nas palavras de Calvino: "*Esperança* nada mais, nada menos é que a perseverança na *fé*. Pois assim que tivermos crido na Palavra de Deus, resta ainda que perseveremos até a concretização dessas coisas." [183]

As Escrituras nos mostram que Deus não falha. A fé faz ecoar na alma que o socorro vem do Senhor (Sl. 121.2). Essa firme convicção se transforma em um ardente desejo de pagar o preço da espera em Deus. Não importa quanto tempo e nem a demora. O tempo é um fator inexistente para o momento da fé. Quantos anos Abraão esperou pelo cumprimento da promessa? Ele tinha uns 75 anos quando Deus o fez sair da sua terra para ser uma grande nação (Gn. 12.1-4). Somente depois, na reafirmação de Deus quanto à promessa, é que Abraão colocou diante do Senhor o seu problema. Ele chegou para Deus e disse: "Senhor eu tenho saído de minha terra, conforme a tua promessa, para ser uma nação, mas estive pensando em algo que para mim é muito sério. Como serei pai de uma nação se não posso ter filhos? Apenas tenho um criado chamado Eliezer."

Literalmente, não foram essas as palavras de Abraão, como as encontramos em Gn. 15.1-3, mas o seu questionamento, sim. O que faz um homem de aproximadamente 75 anos deixar tudo e partir rumo a uma promessa mesmo sem nenhuma comprovação sensível? Podemos perceber através da Bíblia que Abraão tinha uma solução bem prática. O damasceno Eliezer era uma pessoa de confiança e do seu coração. Estava com ele havia muito tempo e, por ser tão próximo, já era tido como o possível herdeiro. Com cerca de 75 anos qualquer pessoa pensa seriamente em um herdeiro!

Por que Abraão não continuou com esse plano? Por que ele somente expôs para Deus e não o executou? A fé diz a Abraão que, com Deus e suas promessas, sua busca não será em vão. Se existe uma promessa de Deus, o damasceno Eliezer não se encontrava nela. Veja quão difícil é viver sob o signo da promessa. Imagine viver aguardando algo por 20 ou 25 anos! O tempo (o quando) é uma tarefa de Deus e não nossa. Não se vive a esperança em uma promessa de Deus dentro de uma contagem temporal, e sim dentro do espaço da providência divina.

Quando Abraão começou a aguardar a promessa a partir da contagem temporal, ele cometeu o erro de providenciar por seus próprios meios a sua realização. O resultado foi que o nascimento de Ismael tornou-se um equívoco e não a solução do problema de Abraão. Deus continuava com a

mesma promessa e não havia mudado. Essa experiência contribuiu para a vida de fé de Abraão. Se Deus é imutável e mantém suas promessas, podemos confiar e nos manter perseverantes, pois ele as realizará.

Na verdade, é como se Deus tivesse chegado para Abraão e falado: "Abraão, deixe de correr e tentar. O seu filho será uma realização minha e não sua. O tempo não importa." Abraão, por sua vez, responde: "Senhor, lembre-se que vivo debaixo da lei da temporalidade e já na velhice não me resta tanto tempo para esperar e sonhar." Deus, então, propõe uma parábola para ele: "Murcham as flores, mudam os pastos, o tempo passa, a velhice chega, mas a fé vive na primavera."

Assim, Abraão, aos 100 anos, é pai! Não pode mais correr com seu filho, nem ensiná-lo a brincar nas campinas de Canaã. E daí? O importante é que ele era o "solitário", e agora é "pai de uma nação". Poderia Deus tê-lo presenteado na sua juventude; porém, seria um feito de Abraão. Agora Isaque é milagre de Deus, e fruto da fidelidade divina! Não importa se a promessa de Deus nos indica anos de espera, pois, como diz Calvino: "A fé não logra vitória logo no primeiro encontro, mas depois de ser alvo de muitos dardos; e depois de ser exercitada com muitas sacudidelas, ela por fim se sai vitoriosa."[184] Os que esperam no Senhor renovam suas forças (Is. 40.31)!

Tudo isso parece exigir uma força titânica. Parece que está longe da nossa realidade: vencer as privações e permanecer diante das promessas de Deus. Calvino, comentando a Carta de Paulo aos romanos, escreve:

> Entretanto, visto que ambas estas coisas estão muito acima de nossas forças, devemos permanecer constantemente em oração e invocar continuamente a Deus, para que ele não permita que nossos corações desmaiem e se misturem com o pó, ou sejam destroçados pelas calamidades. Além do mais, Paulo não só nos estimula à prática da oração, mas expressamente nos intima à perseverança, visto que nossa guerra é incessante e sofremos vários assaltos todo dia. Mesmos os mais fortes dentre nós são incapazes de suportar esses reveres sem frequente reaquisição de novas energias. Mas a diligência na oração é o melhor antídoto contra o risco de soçobramos.[185]

É necessário perseverar na oração, pois sem ela a tempestade afunda nosso barco! Sem oração não teremos como vencer as batalhas e nem como restabelecer as forças. A oração é terapia para a alma e força ao coração. Com

a oração, somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; e abatidos, porém, não destruídos (2Co. 4.8-9). Calvino, analisando a postura de Davi e sua incomum fé diante do abismo de morte que o fez erguer seu coração ao céu em oração, exorta: “Aprendamos, pois, que um exemplo tal é posto diante de nossos olhos para que nenhuma calamidade, por maior e mais opressiva que seja ela, não nos impeça de orar, tampouco crie em nós a aversão à oração.”[186]

Quando comentando a Carta de Paulo à igreja de Colossos, Calvino considera o fato da gratidão seguir sempre a oração:

> ...a condição dos crentes nunca é perfeita neste mundo, a ponto de não termos, invariavelmente, carência de algo. Porque, mesmo o homem que tenha começado admiravelmente bem pode enfrentar insuficiência em centenas de casos ao dia; e devemos estar sempre fazendo progresso enquanto ainda estamos a caminho. Portanto, tenhamos em mente que devemos regozijar-nos nos favores que já recebemos e dar graças a Deus por eles, de tal maneira que busquemos dele, ao mesmo tempo, a perseverança e o avanço.[187]

Agora uma pergunta é necessária: até quando devemos perseverar na oração? Talvez alguém diga: “Até Deus respondê-la!” Isso é uma verdade em relação à oração específica. Devemos permanecer na vida de oração até onde for a nossa fé em Deus. Continuaremos crendo e esperando nas promessas de Deus! Pare não quando a apostasia transformar seu coração num deserto e sua vida num inferno. Como apóstata, você não precisa orar, pois a oração é obra da fé que persevera em Deus. Pare quando não tiver mais motivo para crer e quando a sua suficiência levá-lo à loucura de uma vida sem Deus. Para os que vivem a teimosia da fé, Calvino escreve: “Devemos repetir a mesma súplica não apenas duas ou três vezes, mas com a frequência que necessitarmos, cem e mil vezes (...). Jamais devemos ficar cansados de esperar pela ajuda de Deus.”[188]

Perseverar se aprende! É um aprendizado fácil para aqueles que vivem a vontade de Deus na sua vida e aguarda a sua providência em todos os momentos da existência. Para aqueles que buscam outro meio, senão aqueles apontados pela obediência e pela providência, é doloroso, pois, como diz Calvino: “Vocês jamais desejarão orar até que se obriguem a isso”,[189]

pois, “mesmo os santos precisam sentir-se ameaçados por um total colapso das forças humanas, a fim de aprenderem, de suas próprias fraquezas, a depender inteira e unicamente de Deus.”[190]

A perseverança é um aprendizado que envolve disciplina e renúncia. Calvino escreve:

> Portanto, aprendamos a disciplinar a nós mesmos quando nos sentirmos letárgicos e com preguiça de orar – ou pior, quando o desejo de orar é apenas um décimo ou um centésimo do que deveria ser. Deixemos o exemplo de Cristo nos motivar a reparar nossa leviana prática de oração. Pelo menos vamos gemer perante Deus, pedindo a ele que perdoe nossas falhas; pois elas podem selar nosso caminho até Ele, negar-nos acesso, e impedir que nossas preces sejam respondidas.[191]

Calvino remete-nos a uma pergunta. É possível o crente ser envolvido pela inconstância? É claro que sim. Ele, comentando a Carta de Paulo à Igreja de Filipos, constata:

> Ora, bem sabemos que rara qualidade é seguir a Deus imediatamente assim que nos chama, e igualmente perseverar firmemente até o fim. Pois muitos são tardos e relutantes em obedecer, enquanto há ainda aquela insuficiência devido à leviandade e à inconstância.[192]

Tiago nos diz que o inconstante não alcançará de Deus coisa alguma (Tg. 1.7). Elias orou com instância e obteve resposta. Durante três anos e seis meses não choveu sobre Israel (Tg. 5.17)! Quando a fé é substituída pela dúvida e a perseverança pela negligência, trilhamos o caminho da inconstância. A oração alimenta a fé, pois é uma profissão de fé. Já a dúvida alimenta a inconstância, pois é uma profissão de incredulidade. Calvino conclui:

> Os crentes genuínos, quando confiam em Deus, não se tornam por essa conta negligentes à oração. Ao contrário, mirando detidamente na vastidão dos perigos pelos quais se veem cercados, e nos multiformes exemplos de fragilidade humana que passam diante de seus olhos, se mostram precavidos em face deles e derramam seus corações diante de Deus.”[193]

Calvino diz que Davi transformou a esperança nas promessas divinas

em escudo quando diante de graves aflições e intensas preocupações. Ele declara: “Os piedosos devem ser munidos e sustentados com a mesma confiança, para que perseverem regularmente em oração.”[194] Sem essa disposição de Davi para crer na bondade e fidelidade divina, é impossível a permanente oração ao Senhor.

Por último, Calvino nos mostra que “Deus não tolera que a fé de seus servos feneça ou fracasse, nem permite que eles desistam de orar; mas os mantém perto de si, pela fé e pela oração, até que realmente se evidencie que sua esperança não foi nem vã nem ineficaz.”[195] O fracasso na fé e a inconstância na oração são inaceitáveis, segundo Deus, ao crente em Jesus. A prova disso é o seu cuidado sobre nós, de forma a criar todo o ambiente necessário para que o esperado se concretize em nossa vida. O meio que Deus usa contra o fracasso na fé e a inconstância na oração é sua divina presença vivida através da fé e da oração.

Que possamos, inspirados em Apocalipse 6.2, sair orando e para orar, isto é, vencendo e para vencer. O resultado de uma vida que persevera em oração é a vitória. E a vitória que vence o mundo é a nossa fé, que é alimentada diariamente através da nossa oração, por gratidão e súplicas (1Jo. 5.4). No mais, como diz Calvino: “...isto está além de nosso poder, é necessário que perseveremos em oração, para que o Senhor não nos deixe destituídos do espírito de confiança.”[196]

10

Ferramentas para desenterrar os tesouros

Estamos chegando ao final do estudo sobre os princípios da verdadeira oração em João Calvino. Torna-se ainda necessário destacar alguns temas, por demais importantes, comentados por ele quando em seu esforço para educar a igreja nessa prática.

A função de Cristo na oração

Calvino reafirma a posição cristã da mediação e intercessão única de Cristo por nós. Diz ele:

> Como não há nenhum homem que seja digno de apresentar-se em seu próprio nome diante de Deus, o nosso Pai celestial, para fazer-nos perder este temor que poderia abater nosso ânimo, nos deu seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, a fim de que seja Advogado e Mediador (1Tm 2,5; 1Jo 2,1) diante de sua majestade e sob cuja direção podemos chegar com segurança a ele, confiados em que não pediremos coisa alguma em seu nome que nos seja negada, posto que nada o Pai lhe pode negar.[197]

Para Calvino, Cristo é aquele que Deus providenciou para nos capacitar de ousadia, através de seu nome, e com toda segurança vivermos a graça da súplica, na certeza de que em Cristo seremos aceitáveis e atendidos. Em sua mediação, Cristo se torna o próprio intercessor, isto é, orador. Deus atende a seu Filho, pois, em sua santidade e justiça, sua intercessão é sempre verdadeira e satisfaz plenamente a glória de Deus.

Deus é santo e sua majestade totalmente avessa ao pecado e a tudo que contamine. Apresentar-se diante dele seria uma experiência impossível

para a geração nascida em pecado e debaixo da herança adâmica. Em pecado, é temerário buscar a Deus. Não que Deus seja iracundo e vingador, mas porque seríamos consumidos pela sua santidade. Chegada a luz, as trevas se dissipam naturalmente! Justificados em Cristo, temos paz com Deus (Rm. 5.1). Em seu amor, é abolido o medo e somos animados a buscar a Deus na certeza de que não seremos consumidos diante dele. Com Cristo, é garantida a entrada na presença de Deus! "Inestimável é o privilégio que desfrutamos, mediante o Evangelho, de livre acesso a Deus", declara Calvino, destacando o valor da graça de nossa aceitação diante de Deus.[198]

A oração desenterra os tesouros de Deus. Esses tesouros são as promessas divinas. A principal promessa de Deus é aquela que nos garante a aceitável mediação de Cristo pela fé em seu nome. Calvino esclarece: "Porque como a promessa nos mostra a Jesus Cristo como nosso Mediador, assim, a menos que a esperança de alcançar o que pedimos se fundamente nele, priva-nos do privilégio de orar."[199] Ele também afirma que "hoje nossas orações só são aceitas por Deus com base no fato de que Cristo as asperge e as santifica com o perfume de seu próprio sacrifício."[200] A oração cristã só terá sentido quando realizada em nome de Jesus e na mediação dele. O próprio privilégio de orar é algo que somente na pessoa de Cristo é realidade.

É possível viver a experiência de dirigir orações a outros intercessores e até mesmo crer na sua mediação. O cristianismo é oração em nome de Jesus e através de sua intercessão. O sentido da oração não se encontra no ato de pronunciar palavras a uma divindade. A oração não é enganação psicológica. Ela é encontro com o verdadeiro Deus em verdadeira mediação.

Se faço prece a uma estrela por considerá-la superior a mim e dirijo-lhe petição, apenas engano a minha alma. A grandeza da oração não se encontra apenas na grandeza daquilo que buscamos. Forjar ídolos para si é próprio do coração humano. Forjá-los é olhar, através da nossa carência e aflição, para algo e chamá-lo de meu deus, e esperar dele resposta. As preces não têm o poder de gerar por si mesmas uma segunda pessoa que nos sirva de auxílio. As preces aos ídolos do coração são apenas palavras que ecoam no mar da ilusão. Orar é viver a experiência de encontrar alguém real e plenamente capaz de nos ser favorável. Orar é tomar Jesus Cristo como força para um encontro transformador com Deus. Calvino conclui:

> Disto se conclui, sem a menor sombra de dúvida, que todos

> aqueles que invocam a Deus em outro nome e não no de Jesus Cristo quebram o mandamento de Deus, não fazem caso de sua vontade e não tem promessa alguma de alcançar o que pedem. Porque, como diz Paulo, “todas as promessas de Deus são em Cristo sim e amém’ [2Co 1,20]; isto quer dizer, são confirmadas e cumpridas em Cristo.[201]

Calvino nos lembra que a intercessão de Cristo é uma singular experiência que passamos a experimentar depois que ele foi glorificado. Ele analisa as palavras de Jesus, quando disse “Até agora nada haveis pedido em meu nome (...) Naquele dia pedireis em meu nome” (Jo. 16.24, 26), e afirma que Jesus, quando assunto aos céus, “advogaria de uma maneira muito mais especial do que antes por sua Igreja.”[202] Se estamos certos de tão grande benefício, essa intercessão especial do Cristo glorificado, “ainda mais seremos indesculpável, se não abraçarmos com as duas mãos, como se diz, o benefício inestimável que é devidamente destinado a nós.”[203]

Para Calvino, Cristo é o único caminho e porta que conduz a Deus. Constituído por Deus como Mediador, não existe outro meio de achegar-se a Deus:

> Portanto, visto que ele é o único caminho e o único acesso pelo qual podemos nos aproximar de Deus, aqueles que se desviam deste caminho e não entram por esta porta, não têm maneira de chegar a Deus, porque não há outra; e não poderão achar diante de seu trono outra coisa senão ira, juízo e terror. Logo, tendo o Pai o constituído como nossa Cabeça, todos os que dele se apartam, por pouco que seja, se empenham em destruir e falsear o sinal de Deus. Desta maneira, Jesus Cristo é constituído como o único Mediador, por cuja intercessão o Pai se nos é propício e favorável.[204]

Calvino esclarece que as intercessões que fazemos por nossos irmãos são válidas somente quando realizadas sob a mediação de Cristo. Oramos pelos irmãos através da intercessão de Cristo. A intercessão pelos irmãos não é outra coisa senão entregá-los nas mãos de Cristo para que ele os socorra. Essa intercessão pelos outros somente é válida porque “procede de um sentimento de caridade mediante o qual nos unimos uns aos outros como membros de seu corpo, também eles se reduzem à união com nossa Cabeça.”[205] A doutrina da intercessão de Cristo, segundo Calvino, não

impede que um ajude ao outro com suas orações. Fazer orações em favor dos irmãos é ato de amor. A intercessão em favor dos irmãos é prova da bondade de Deus, que, segundo Calvino, “permite que cada qual ore por si mesmo, mas também consente que o façam uns pelos outros.”[206]

Convém ressaltar que, na intercessão entre os irmãos, nossa confiança deve estar em Cristo, e não no intercessor humano. Quando alguém ora por nós a Deus, por meio de Jesus, não devemos imaginar que a pessoa tem méritos capazes de fazer Deus ser-nos favorável. Devemos crer que, por graça, Deus atenderá, através de Jesus, todas as orações em nosso favor, porque assim prometeu através de sua Palavra. O mérito é da mediação de Cristo e da promessa de Deus. Aqueles que oram por nós, apenas evidenciam que obedecem a vontade de Deus.

A Palavra de Deus: o combustível da oração

Calvino destaca a importância da Palavra como necessidade básica do cristão. Ela é a escola do Espírito Santo. Nessa escola devemos diariamente receber instrução para podermos agir com retidão em meio a tão graves tentações:

> Visto que Satanás está diariamente fazendo novos assaltos contra nós, é necessário que recorramos às armas, e é mediante a lei divina que somos munidos com a armadura que nos capacita a resistir. Portanto, quem quer que deseje perseverar em retidão e integridade de vida, então que aprenda a exercitar-se diariamente no estudo da Palavra de Deus; pois sempre que alguém despreze ou negligencie a instrução, o mesmo cai facilmente em displicência e estupidez, e todo o temor de Deus se desvanece em sua mente.[207]

Nosso entusiasmo e orações se esfriarão sem a diária e permanente meditação das Escrituras. Essa realidade é algo que o próprio fiel sente em sua vida, como diz Calvino:

> Os fiéis sentem que em seus corações a oração logo se desvaneceria, caso não se revigorem constantemente para prossegui-la com novos estímulos; quão raro e difícil é perseverarmos inabaláveis e incansáveis neste santo dever. Aliás, como a preservação do fogo requer que se ponha

> combustível com frequência, assim o exercício da oração requer socorro de tais auxílios, para que ela não se desvaneça e por fim venha a se extinguir totalmente.[208]

A Palavra de Deus é o auxílio imediato da oração. O combustível que mantém acessa a prática da oração são as promessas de Deus contidas nas Escrituras. Os tesouros de Deus (suas promessas) são apresentados à fé pela Palavra, e a oração os desenterra. Sem a Palavra não teríamos como saber onde se encontram os tesouros de Deus, pois as "promessas da Palavra ensinam-nos sobre o que orar e encorajam-nos a fazermos nossos pedidos diante de Deus."[209] A certeza do atendimento se encontra nas promessas de Deus. Na oração pedimos que Deus nos responda segundo suas promessas. Calvino, comentando o Livro dos Salmos, mostra que, devido à nossa inclinação ao negativismo e à dúvida, é indispensável:

> ...que seja nossa fé sustentada por esta confiança, a saber, que Deus não é fraudulento, que ele não nos ilude nem nos fascina com palavras fúteis, e que não magnífica sem qualquer propósito, quer seu poder quer sua bondade, senão que tudo quanto promete verbalmente ele cumprirá concretamente.[210]

Ateado o fogo da Palavra em nossa devoção, haveremos de ter nossa vivência na prática da oração renovada diariamente. Sem a Palavra de Deus não existe oração que prevaleça. Sem meditar na lei do Senhor dia e noite, não haverá renovação da mente e nem louvor em nossos lábios. Na vivacidade e na eficácia da Palavra, recebemos todo o ânimo e renovação para permanentemente entregar a Deus nossas súplicas. Não é por acaso que Paulo diz a Timóteo que a santificação é resultado da Palavra e da oração (1Tm. 4.5).

A oração dominical e a prática da oração

A beleza da oração ensinada por Jesus – a Oração Dominical ou Oração do Senhor – é inegável. Sua simplicidade é cativante. Ela foi elaborada para ensinar as "crianças do Reino" e não aos doutores do mundo. É a oração que nasce do pedido mais simples e mais profundo que alguém já fez: "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc. 11.1). Os discípulos não pediram a Jesus que lhes ensinassem uma oração, mas a orar. Sendo assim, a Oração do Senhor não é um credo, mas uma prática. Calvino, quanto à Oração do

Senhor, escreve:

> Tudo quanto devemos, e até absolutamente podemos pedir de Deus, temos descrito nesta fórmula e, por assim dizer, regra de orar, ensinada pelo melhor dos mestres, Cristo, a quem o Pai nos constituiu por professor e unicamente a quem quis que seja ouvido [Mt 17.5]. Ora, Cristo não só foi sempre sua eterna Sabedoria [Is 11.2], mas também, feito homem, foi dado aos homens como o Anjo do grande conselho [Is 9.6; 28.29; Jr 32.19]. E em todos os respeitos esta oração é tão absoluta, que qualquer elemento estranho e alheio que lhe for acrescentado, que não possa ser-lhe atribuído, seja ímpio e indigno de ser aprovado por Deus. Ora, ele prescreveu nesta suma o que seja digno dele, o que lhe seja aceitável, o que nos seja necessário, finalmente, o que ele mesmo quiser outorgar.

Ele adverte quanto à negligência em atentar para o padrão determinado pela Oração do Senhor ao crente:

> Por esta razão, os que ousam avançar mais longe e rogar a Deus algo além dessas coisas, em primeiro lugar, na verdade, querem acrescentar de sua própria à sabedoria de Deus, o que não pode ocorrer sem insana blasfêmia; em segundo lugar, não se mantêm sob a vontade de Deus, pelo contrário, desprezada esta, em sua incontida cupidez vagueiam mais distante; em terceiro lugar, jamais alcançarão algo, uma vez que orem sem fé. Entretanto, não há de duvidar que todas as orações deste cunho sejam feitas à parte da fé, visto que aqui está ausente a Palavra de Deus na qual, salvo se a fé estiver sempre apoiada, de modo algum poderá manter-se. Mas os que, desprezada a regra do Mestre, cedem a seus desejos, não só carecem da Palavra de Deus, mas inclusive, quantos podem, se lhe opõem com todo o esforço. Por isso foi que Tertuliano a chamou, não menos elegante que verdadeiramente, a oração legítima, implicitamente indicando que todas as demais são contrárias e ilícitas.[211]

Essa postura de Calvino não significa padronização da oração em uma fórmula fixa. Ele mesmo esclarece:

> Não queremos que estas coisas sejam assim recebidas, como se

> estivéssemos de tal modo limitados a esta fórmula de orar, que não seja permitido mudar sequer uma palavra ou sílaba. Ora, nas Escrituras, aqui e ali, se leem muitas orações que são muito diversas desta nas palavras, contudo, são compostas no mesmo Espírito e cujo uso nos é muito útil. Pelo mesmo Espírito, muitas orações são constantemente sugeridas aos fiéis que não concordam tanto com a similaridade de seus termos. Ao ensinarmos assim, estamos apenas advogando que alguém não busque absolutamente outra coisa ou espere senão o que foi sumarizadamente compreendido nesta oração; e, ainda que com palavras muito diversas, contudo, no sentido não haja variação. Desse modo, todas as orações, não somente as que se constam nas Escrituras, mas também as que procedem dos corações piedosos, devem conformar-se a esta, e que jamais se pode uma que se lhe iguale, muito menos que a supere em perfeição. Nada foi aqui omitido que se deva aqui cogitar aos louvores de Deus, nada que deva vir à mente do homem, em função de seus proveitos, e de fato ela é tão precisamente formulada, que a todos foi, com razão, abstraída a esperança de tentar algo melhor. Em suma, lembremo-nos de que este é o ensino da divina Sabedoria, a qual ensinou o que quis, porém, quis o que viu ser necessário.[212]

Para Calvino, o estudo da Oração do Senhor é resultado do aprofundamento do estudo sobre a oração, que teve início abordando sobre a postura na oração, avançou para o conhecimento da ordem divina quanto à oração e conclui com o estudo e aceitação de sua estrutura (fórmula). Calvino destaca a bondade de Jesus em nos dar a fórmula da oração. Cristo não somente nos exorta a recorrê-lo nas necessidades, mas nos indica o que é lícito desejar e pedir dele:

> Agora se faz necessário aprender noção de orar não só mais segura, mas também a própria forma, isto é, aquela que o Pai celestial nos ensinou através de seu dileto Filho [Mt 6.9-13; Lc 11.2-4], onde se pode perceber sua imensa bondade e benevolência. Ora, além de advertir-nos e insistir conosco que o devemos buscar em todas as nossas necessidades, assim como os filhos costumam refugiar-se na proteção dos pais

> sempre que são afligidos de qualquer ansiedade, vendo que de fato não podíamos sequer entender quão profunda é nossa necessidade e miséria, nem tampouco o haveríamos de suplicar que fosse de nosso proveito, também atendeu a esta nossa ignorância e o que faltava à nossa capacidade, e de si mesmo supriu tudo o que nos faltava. Pois nos prescreveu uma fórmula, pela qual, como em uma tabela, nos propôs tudo quanto dele é licito buscar, tudo quanto conduz a nosso bem-estar, tudo quanto é necessário suplicar.[213]

Essa bondade de Cristo, ao providenciar a fórmula da verdadeira oração, é fonte de consolação, pois "estamos seguros de que não lhe pedimos algo ilícito, inoportuno ou estranho, nem tampouco algo que lhe resulta desagradável; pois seguindo a fórmula que ele nos prescreveu, lhe rogamos como por sua própria boca."[214] Cristo quer que nossa oração seja plenamente proveitosa. A Oração do Senhor é sua instrução para que por ela adentremos os tesouros de Deus e sejamos abençoados com sua riqueza.

O que há de singular na Oração do Senhor que a torna uma fórmula capaz de expressar tudo o que precisamos para o nosso bem espiritual e material? Segundo Calvino, a Oração do Senhor contém "tudo quanto devemos e podemos pedir", de modo que a Deus seja dada glória e recebamos dele o bem. Calvino divide a Oração do Senhor em seis petições. As três primeiras estão "particularmente dedicadas à glória de Deus, a qual unicamente temos de considerar nelas sem ter nada em conta para nosso proveito."[215] As outras três petições "olham por nós e contêm propriamente o que temos necessidade de pedir."[216] O nosso bem espiritual se encontra na glória de Deus e o material, na providência divina em promover o nosso bem. A Oração do Senhor concretiza plenamente, na vida do que invoca o nome do Senhor, essa realidade.

Quando Calvino descreve as primeiras petições como busca da glória de Deus, sem ter nada a considerar para o nosso proveito, ele enfatiza que essa é a forma de Deus nos provar se de fato o amamos gratuitamente. As três primeiras petições são o Espírito Santo nos educando a deixar de lado o egoísmo e a viver a gratuidade do relacionamento com Deus. Elas nos ensinam que a barganha com Deus não é parte do relacionamento sadio entre Deus e o cristão. A busca da glória de Deus resulta em proveito para nós. Calvino não descarta essa verdade e nem censura que ao pedirmos que Deus seja santificado desejemos que ele nos santifique com sua santidade. Apenas

pontua que, através dessas petições, Deus começa freando o nosso egoísmo e nos lança na contemplação e vivência de sua graça. Calvino conclui sua exposição da primeira parte da Oração do Senhor com uma advertência:

> Todos aqueles que não se sentem movidos por este afeto e desejo de orar para que a glória de Deus seja exaltada, que seu Nome seja santificado, que venha seu reino e que se faça a sua vontade, não se devem contar entre os filhos de Deus, nem sequer entre seus servos. E como estas coisas sucederão, que mal lhes pese, virão, sem dúvida, para sua confusão e ruína. [217]

Quanto às três petições que se destinam a aplacar nossas necessidades, deve-se ter em mente que elas englobam todas as bênçãos de Deus para nossa vida. A correta petição a Deus sempre se enquadra nessas petições. Na correta oração, o cristão sempre faz suas petições dentro da fórmula da Oração do Senhor. Nela pedimos:

Primeiro, *o pão nosso de cada dia*. Conforme Calvino, através dessa petição:

> ...pedimos ao Senhor as coisas que necessitamos, e que cure nossas enfermidades, suplicando-lhe, em geral, tudo aquilo que nosso corpo requer, enquanto vivemos neste mundo; e não somente ser mantidos e vestidos, senão também tudo aquilo que Ele sabe nos é proveitoso e útil para usar das misericórdias que nos faz com toda paz e tranquilidade.”[218]

Em suma, “nos pomos em suas mãos e nos deixamos dirigir por sua providência, para que nos alimente, nos mantenha e nos conserve.”[219] Essa petição nos lança para dentro da plena confiança em Deus e nos priva dos perigos dos cuidados da vida. Buscamos a liberalidade e providência divina, pois:

> ...temos que entender que o pão se faz nosso a título de doação; porque nem nosso trabalho, nem nossa indústria, nossas mãos, - como o diz Moisés – podem adquirir coisa alguma, se não no-la dá a bênção de Deus (Lv 26,19-20); e também sustento, que nem sequer a abundância de pão nos serviria de nada, se pela vontade do Senhor não se convertesse em alimento.[220]

Ao ensinar a pedir o pão de cada dia, como diz Calvino, Jesus “põe

um certo freio ao desejo e à cobiça desordenada das coisas transitórias, com as quais costumamos nos inflamar sobremaneira, e que leva consigo outros muitos males."[221] Ele também nos lança na confiança de que Deus providenciará o necessário todo dia e nos tira da tirania da ansiedade quanto ao que comeremos ou vestiremos amanhã. Calvino enfatiza que, mesmo "por muita abundância que tenhamos, ainda que nossas adegas e celeiros estejam cheios, sempre devemos estar seguros de que quantos bens há no mundo de nada valem, nem nada são, senão enquanto o Senhor os multiplica e aumenta, derramando sobre eles sua benção", pois a própria abundância que temos não nos pertence.[222] É Deus quem reparte e torna-a acessível a nós por sua vontade e bondade. Calvino esclarece que, mesmo ganhando o que necessitamos com nosso trabalho e suor, de forma digna e justa, aqui também se encontra o puro e gratuito dom de Deus, "porque Sua benção é a que faz com que nossos trabalhos tenham êxito."[223]

Segundo, *o perdão de nossas dívidas*. Essa petição e a seguinte, segundo Calvino, compreendem "em poucas palavras tudo quanto se pode dizer da salvação de nossas almas, posto que nestes dois membros e pontos consiste o pacto espiritual que Deus fez com sua Igreja."[224] Devido à nossa culpa, éramos devedores. Nossa dívida era impossível de ser sanada a não ser pela remissão dos pecados. A remissão dos pecados acontece porque Deus se deu por satisfeito através da pessoa de Jesus. O sacrifício de Cristo foi perfeito e aceitável diante de Deus. Em Cristo, somos perdoados e amados por Deus. Calvino diz que aqueles que querem ser perdoados por méritos próprios "de nenhum modo podem chegar a conseguir a gratuita remissão." Ao orar, desta forma, apenas estão afirmando "sua própria condenação."[225]

O perdão de nossos pecados é o remédio de Deus para nossa corrupção. Deus reforma sua imagem em nós pouco a pouco. Sendo assim, é necessário viver a confissão de nossos pecados, que continua presente e agindo em nós, e em Cristo receber o perdão e a novidade de vida.

Sobre a questão do pedido de perdão "como nós perdoamos a nossos ofensores", Calvino sugere que essa expressão significa o anseio por expurgar de nossos corações, de forma voluntária, toda ira, ódio e desejo de vingança, e "esquecer definitivamente toda injúria e ofensa que nos hajam feito, sem guardar rancor algum contra ninguém."[226] Calvino completa:

> Portanto, de nenhum modo devemos pedir a Deus perdão de nossos pecados, se não perdoamos a todas as ofensas que nos fazem. Se, pelo contrário, guardamos em nosso coração algum

> ódio, ou pensamos vigar-nos e procuramos a ocasião de fazer mal a nossos inimigos; mais ainda, se não nos esforçamos em voltar à sua amizade, reconciliarmos com eles, apresentando-lhes todos os serviços e gostos possíveis, viver em boa harmonia, amizade e caridade com eles, pedimos nesta oração a Deus que não nos perdoe nossos pecados; pois lhe suplicamos que faça conosco, como fazemos com os demais. E isto não é outra coisa que pedir-lhe que não nos perdoe, se nós não perdoamos.[227]

Convém ressaltar com Calvino que Jesus não está colocando o perdão, que dispensamos aos outros, como causa do perdão de Deus sobre nós. Se assim fosse, poderíamos considerar que perdão seria uma espécie de fruto do mérito humano: "Assim como me perdoaste, eu também perdoo" é o espírito do texto, pois quis com esta petição "ajudar a fraqueza de nossa fé."[228]

Queremos que Deus nos perdoe como nós perdoamos, ou seja, destituindo de nossos corações todo ódio, rancor e vingança. No perdão acontece a anulação desses males em nosso coração. Se em nós o perdão destitui a vingança, pedimos que Deus destitua a sua vingança de sobre nós e nos seja favorável.

Terceiro, *que não nos deixe cair em tentação e nos livre do mal*. Nessa petição pedimos que Deus:

> ...não permita que sejamos vencidos pelas tentações que lutam contra nós, bem sejam aquelas que nossa concupiscências produz em nós mesmos, bem aquelas à que somos induzidos pela astúcia de Satanás; senão que com sua mão nos mantenha e levante, para que animados por seu esforço e virtude, possamos manter-nos firmes contra todos os assaltos de nosso maligno inimigo, sejam quais forem os pensamentos aos que nos quer induzir."[229]

Nela não pedimos que não sejamos tentados de forma alguma, pois a tentação contribui para o nosso crescimento. Diante da tentação, somos estimulados e despertados de qualquer possibilidade de dormirmos no ócio.

Quando Jesus complementa pedindo o livramento das mãos do maligno, leva-nos a ter consciência de que por nós mesmos não somos capazes de pelejar contra o Diabo. Aqui, diz Calvino, "pedimos para nos

vermos livres de seu poder, como da boca de um leão cruel e furioso.”[230] E completa:

> Porque se o Espírito de Deus é nossa força para pelejar contra Satanás evidentemente não poderemos conseguir a vitória, sem que, despojados da fraqueza de nossa carne, estejamos cheios dEle. Por isso, quando pedimos ser libertos de Satanás e do pecado, pedimos que de contínuo se aumentem em nós novas graças de Deus, até que chegando a sua plenitude triunfemos de todo mal.”[231]

Convém afirmar que quem faz o pedido acima deve ter consciência de que as tentações resultam dos desejos e da cobiça em nós, como diz Tiago (Tg. 1.14). Aquele que pede livramento nas tentações pede livramento e cura de sua própria cobiça. Em outras palavras, ele pede que os seus sentimentos e desejos sejam direcionados à vontade de Deus.

A Oração do Senhor é a oração-modelo. É verdade o que Dietrich Bonhoeffer disse: “O que estiver contido nas preces do Pai Nosso é verdadeira oração. O que não se encontra espaço nelas não é oração.”[232] E mais: “Assim o Pai Nosso se torna o gabarito pelo qual conferimos se estamos orando em nome de Jesus ou em nosso próprio nome.”[233] Ela é a oração que fazemos quando nenhuma outra foi aprendida ou quando nenhuma outra brota do coração. É a oração das “crianças do Reino”. Com o tempo é possível fazer orações como aquelas dos Salmos, que revelam a nossa alma, e que pedem o que o Senhor nos ensinou. A Oração do Senhor se encontra em toda oração sincera a Deus. Quando a dor for tão profunda a ponto de as palavras não brotarem, não existe coisa melhor do que orar pela boca do Senhor Jesus, na certeza de que pedirá tudo o que convier e será ouvido como tal. Através da mediação e oração do Senhor Jesus, vence o crente, triunfa o Reino e Deus é glorificado!

O uso do livro dos Salmos

Qual deve ser o uso do Livro dos Salmos na vida de devoção cristã? Que singularidade contém esse livro?

O Livro dos Salmos, como os demais livros da Bíblia, foi inspirado por Deus e é proveitoso para educar o crente na fé. Calvino encontrava algo de singular nesse livro. Segundo ele, sua utilidade estava em ajudar os crentes a serem “capazes de encontrar uma verdadeira espontaneidade e

simplicidade” na oração.[234] Segundo Ronald Wallace:

> Possivelmente, a razão pela qual Calvino não tenha escrito um livro sobre oração particular ou não tenha nos deixado um livro de orações pessoais desse tipo seja porque ele acreditava que o livro dos Salmos não poderia ser superado quanto a esse propósito. Ele pensava que os Salmos sempre expressavam de maneira perfeita as orações, os humores e os sentimentos do nosso próprio coração. Na verdade, ao usá-los, ele era ajudado a entender e a conhecer-se a si mesmo, e desejava que eles constituíssem também o livro perfeito de orações para outras pessoas.[235]

Calvino devotava uma grande estima ao Livro dos Salmos. Dizia ele: “As riquezas variadas e esplêndidas que compõem este tesouro não são algo fácil de se expressar em palavras.”[236] Ele fala também das “grandiosas vantagens que usufruirão do estudo deste livro.”[237] E diz mais:

> Não há nenhum outro livro em que haja registrados tantos livramentos, nenhum outro em que as evidências e as experiências da providência paternal e a solicitude que Deus exerce para conosco sejam celebradas com tanto esplendor de expressão e ao mesmo tempo com a mais estrita aderência à verdade.[238]

Qual a motivação para Calvino devotar tanta admiração e consideração pelo Livro dos Salmos? É possível destacar sete considerações que fez dos Salmos um livro de tamanha devoção na vida de Calvino.

Primeira, é porque ele considerava o Livro dos Salmos o instrumento do Espírito Santo para revelar a estrutura da vida humana em suas complexidades. Ele denominava os Salmos de “uma anatomia de todas as partes da alma.” Calvino justificava essa denominação afirmando que:

> ...não há sequer uma emoção da qual alguém porventura tenha participado que não esteja aí representada como num espelho. Ou melhor, o Espírito Santo, aqui, extirpa da vida todas as tristezas, as dores, os temores, as dúvidas, as expectativas, as preocupações, as perplexidades, enfim, todas as emoções perturbadas com que a mente humana se agita. As demais partes da Escritura contêm os mandamentos, os quais Deus ordenou a seus servos que no-los anunciassem. Aqui, porém, os

> profetas mesmos, visto que nos são descritos falando com Deus e pondo a descoberto todos os seus mais íntimos pensamentos e afeições, convidam ou, melhor, atraem cada um de nós a fazer um exame de si mesmo individualmente, a fim de que nenhuma das muitas debilidades a que estamos sujeitos, e nenhum dos muitos vícios aos quais estamos jungidos, permaneça oculto. Com toda certeza é uma rara e singular vantagem quando todos os esconderijos se põem a descoberto e o coração é trazido à claridade e purgado da mais perniciosa das infecções – a hipocrisia![239]

Segunda, é porque ele tinha o Livro dos Salmos "como a melhor e mais inerrante regra para guiar-nos" no exercício de invocar a Deus, tendo em vista que a invocação é um dos principais meios de garantir nossa segurança. Crendo assim, ele considera que à medida que uma pessoa avança na compreensão dos Salmos "terá também alcançado o conhecimento da mais importante parte da doutrina celestial", isto é, aquela que diz respeito à invocação a Deus e aos benefícios advindos dela.[240]

Terceira, é porque ele acreditava que o Livro dos Salmos, como regra que nos guia no exercício da invocação a Deus, remete-nos à essência da oração verdadeira, que é o senso de plena necessidade de Deus e de suas promessas:

> A genuína e fervorosa oração provém, antes de tudo, de um real senso de nossa necessidade, e, em seguida, da fé nas promessas de Deus. É através de uma atenta leitura dessas composições inspiradas que os homens serão mais eficazmente despertados para a consciência de suas enfermidades, e, ao mesmo tempo, instruídos a buscar o antídoto para sua cura. [241]

Quarta, é porque ele considerava que "tudo quanto nos serve de encorajamento, ao nos pormos a buscar a Deus em oração, nos é ensinado neste livro."[242] Além das encorajadoras promessas divinas, Calvino enfatiza os Salmos como meio de envolvimento e preparação para a oração:

> Desse modo ensinando-nos – se porventura em qualquer tempo formos agitados por forte gama de dúvidas – a resistir e lutar contra tais impedimentos, até que a alma, libertada e desembraçada de todos eles, se ponha diante de Deus; e não só

> isso, mas que, mesmo em meio às dúvidas, os temores e as apreensões, envidemos todo o nosso esforço em orar, até que experimentemos alguma consolação que venha acalmar e trazer refrigério às nossas mentes. Ainda que a incerteza escancare seus portões contra nossas orações, não devemos transigir, sempre que nossos corações oscilem ou sejam agitados pela inquietude; ao contrário, devemos perseverar até que a fé finalmente saia vitoriosa desses conflitos. Em muitos lugares, podemos perceber o exercício dos servos de Deus orando com demasiada hesitação, de modo que se veem quase que subjugados pela expectativa alternada de sucesso e prelibação de fracasso, medo de receber o prêmio só depois de extenuantes esforços. Vemos, por outro lado, a carne manifestando sua enfermidade; e, por outro lado, a fé desenvolvendo seu vigor; e se não é suficientemente valente e corajosa como poderia ser, pelo menos se prepara para a luta e gradualmente adquirir perfeito vigor.[243]

Quinta, é porque, segundo ele, o Livro dos Salmos por ser, também, um manual dos preceitos divinos que servem para estruturar nossa vida, a fim de produzir santidade, piedade e justiça em nós, é meio de nos ensinar e nos exercitar para podermos levar a cruz. O que significa para Calvino levar a cruz? Para ele, “é uma genuína prova de nossa obediência”, pois renunciamos ao senhorio das paixões e nos submetemos a Deus, “permitindo-lhe nos governar e dispor de nossa vida segundo ditames de sua vontade, de modo que as aflições que são as mais amargas e mais severas à nossa natureza se nos tornem suaves, porquanto procedem dele.”[244]

Sexta, é que ele considera que o Livro dos Salmos, além de apresentar os favores divinos e ensinar os ditames de sua vontade, demonstra e apresenta a graciosa remissão dos pecados, “a qual é o único meio de reconciliação entre Deus e nós, e a qual restaura nossa paz com ele.”[245] Dessa forma, os Salmos apresentam o conhecimento da eterna salvação de Deus para nós.

Finalmente, porque Calvino estudava e vislumbrava os Salmos como meio para levá-lo a entender seus próprios conflitos e aplicar “ao presente uso qualquer instrução” dessas divinas comparações. Na compreensão dos conflitos pelos quais passou cada escritor, especialmente o principal deles, Davi, o crente pode, como olhando num espelho, compreender seus próprios

dilemas. Diante das perseguições e aflições, Calvino vê na vida de Davi alguns paralelos com a sua própria vida e vocação. Ele declara: “Eu sei com toda certeza que todos os inúmeros exemplos de sofrimento por que passou o rei Davi me foram exibidos por Deus como um exemplo a ser imitado.”[246]

Quem abre o Livro dos Salmos para a leitura e meditação descobre um tesouro. A devoção cristã, em sua herança judaica, coloca a leitura diária dos Salmos como suporte básico para a construção de uma devoção sincera e constante a Deus. Calvino sabe-se herdeiro dessa maravilhosa prática.

Nos Salmos, é despida a alma para que seja revestida pelo Espírito Santo. A leitura e a meditação nos Salmos nos colocam dentro da revelação divina sobre a nossa natureza, conflitos e necessidades, bem como nos levam às profundezas dos favores divinos. Os Salmos são a escola da oração dada pelo Espírito Santo ao crente. Quem não lê e medita neles, ainda não aprendeu a orar. Com a Oração do Senhor, Jesus nos matricula nessa santa escola. Ali encontramos os doutores de Deus nos ensinando pelo Espírito Santo a chorar, lamentar e gemer. Aprendemos com eles a receber os infortúnios e as injúrias debaixo da sombra do Onipotente. Nessa escola vivenciamos a maravilhosa experiência da nossa humanidade em Cristo. Os Salmos proporcionam a nossa educação na fé para que não desmaiemos diante do triunfo da dor. Ele nos mostra que a cama molhada em lágrimas, o pó sobre a cabeça e o corpo padecido pelo jejum são suportes para a exaltação a Deus.

Nos Salmos, Calvino compreendeu as aflições de sua vida e vocação. Se Davi e outros triunfaram, apesar de receber maior peso e infortúnio, haveremos de nos levantar e reinar em Cristo, pois maior é o que está em nós e conosco.

O escritor Gene Edwards, em seu livro *Perfil de três reis*, analisando a vida de Davi, diz que ele descobriu algo que poucos descobrem: “Deus não tinha, mas desejava muito possuir, homens que pudessem viver em meio ao sofrimento. Deus queria um vaso quebrado.”[247] Edwards completa:

> Deus possui uma universidade. É uma escola pequena. Pouca matrícula, ainda menor número de graduados. De fato muito, muito poucos.
>
> Deus possui essa escola porque ele não tem homens quebrados. Mas tem vários outros tipos de homens. Ele possui homens que dizem ter a autoridade de Deus... mas não tem; homens que se dizem quebrantados... mas não o são. E homens que são a

> autoridade de Deus, mas que são loucos e não quebrantados. E ele tem, dolorosamente, uma mistura espectroscópica de tudo quanto há entre esses extremos. Ele tem em abundância tudo isso; mas homens quebrados, quase nenhum.
>
> Na santa e divina escola de submissão e quebrantamento, por que são tão poucos os alunos? É porque todos os que se encontram nessa escola têm de sofrer muita dor.[248]

O Espírito Santo nos convida a entrar nessa escola. Os Salmos são o manual de estudo. Nele esperamos receber a formação necessária para crescer na graça e no conhecimento de Jesus e, principalmente, compreender a função da dor e a grandeza do consolo divino.

Calvino aprendeu aquilo que Davi descobriu ao se confrontar com a fúria de Saul, sendo ele inocente. Os Salmos nos convocam ao quebrantamento. Neles compreenderemos os propósitos de Deus para a nossa vida. Até mesmo um fio de cabelo que caia de nossa cabeça será compreendido e agradecido, uma vez educados na escola do Espírito Santo.

Devemos considerar que foi comentando os Salmos que Calvino nos legou os raros dados biográficos de sua pessoa. Ali ele expõe sentimentos e perspectivas sobre suas lutas e privações. Apesar dele ser profundamente reservado e dado a pouco falar de si, os Salmos conseguem desarmá-lo e levá-lo a falar de sua pessoa. Essa é a capacidade inspiradora do Livro dos Salmos. Ele, por mais que escondamos e desçamos às profundezas de nossa alma, nos leva a revelar o coração. Não lemos os Salmos; por eles somos lidos. Os Salmos mapeiam nossa alma e nos convocam à confissão. Nela escrevemos nossa biografia e assumimos nossa miséria e criaturalidade.

Nos Salmos somos confrontados por homens que assumiram sua humanidade diante de Deus em toda sua complexidade. A existência que parecia caótica encontra sua harmonia na busca sincera e dramática a Deus. Os heróis da fé eram pessoas que conheceram a dor e o significado da lágrima. Eles fizeram de cada oração um salmo, e de cada salmo uma oração. Seja no palácio ou no campo, a oração se tornou canção da alma e para a alma. J. I. Packer escreve que: “Quanto mais absorvermos o conteúdo dos salmos, mas aprenderemos como é grande a distância entre nós e esses modelos de madura pureza de coração.”[249]

Tal como Davi dedilhava sua harpa e expulsava os espíritos perturbadores da vida de Saul, os Salmos dedilham as cordas de nosso coração e, entre lágrimas e gemidos, começamos a cantar ao Senhor. Os

espíritos perturbadores são expulsos de nosso quarto e o sol brilha nas campinas. Talvez agora entendo por que Calvino considerava que somente os salmos eram lícitos de ser usados no canto congregacional e por que desprendeu esforços para que fossem metrificados.[250] O caminho da oração leva ao louvor. Não é por acaso que os Salmos são orações cantadas!

Paulo nos exorta a ser cheios do Espírito Santo. Ele coloca a mediação dos salmos nos relacionamentos como meio de nos encher do Espírito (Ef. 5.18-19). Sejamos enchidos pelo Espírito Santo a cada encontro com os Salmos – quer na oração ou na comunhão dos santos!

Concluímos com a resposta da pergunta feita por Dietrich Bonhoeffer: “Quem ora o Saltério?”.

> Davi (Salomão, Asafe etc.), Cristo ora, nós oramos. Nós, isto é, em primeiro lugar, toda a comunidade. Apenas nela poderá ser orada toda a riqueza do Saltério. Em segundo plano, também cada indivíduo ora os Salmos, já que é participante de Cristo e de sua comunidade e ora com ela. Davi, Cristo, a comunidade, eu mesmo – quando ponderamos isso em conjunto, reconhecemos o maravilhoso caminho que Deus trilha para nos ensinar a orar.[251]

O Espírito: a chave que abre os tesouros

A dinâmica de desenterrar os tesouros de Deus, que são as suas promessas reveladas no Evangelho, encontra-se plenamente fundamentada na obra do Espírito Santo. O Evangelho, a fé e a oração, segundo Calvino, encontram-se dentro do espaço da operação poderosa do Espírito.

O Espírito Santo é membro da Santíssima Trindade Divina. Conforme Calvino, a própria “beleza do mundo, que ora se contempla, vigora preservada pelo poder do Espírito.”[252] Ele media o envio dos profetas, e em sua onipresença “a tudo sustém, alenta e vivifica, no céu e na terra.”[253] O Espírito Santo encontra-se acima de qualquer limite. Ele, através de sua força, mantém a vida e o movimento de todas as coisas. O Espírito é autor da regeneração e da imortalidade futura. Ele a tudo perscruta, detém a suprema sabedoria e conselheiro nenhum há como ele, e dele provêm os dons e habilidades para edificação do corpo para a glória de Deus. Como diz Calvino:

> Dele procede o poder vivificante para conosco. Nossa

> justificação é obra sua. Dele procede o poder, a santificação, a verdade, a graça e tudo que de bom se possa imaginar, visto que um só é o Espírito, de quem procede toda espécie de dons. [254]

Uma observação extremamente necessária é o fato de o Espírito Santo ser o responsável por nos levar a Cristo, pois "de modo algum podemos aproximar-nos de Cristo, salvo se formos trazidos pelo Espírito de Deus."[255] O Espírito Santo também é "o elo pelo qual Cristo nos vincula efetivamente a si."[256] Como em Cristo encontra-se a perfeita salvação – nele, somente nele e através dele –, a participação nessa salvação acontece apenas quando somos batizados pelo Espírito, somos iluminados à fé viva de seu Evangelho, regenerados para sermos novas criaturas e purificados do pecado para sermos consagrados templos santos para habitação de Deus. Essa vinculação em Cristo através do Espírito não é apenas na ordem da salvação, mas na própria pessoa de Cristo, pois ele é a nossa salvação. A salvação não é apenas o contrário da perdição. Ela é estado de união com Cristo. O livramento da perdição é o resultado de uma realidade maior e melhor: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm. 8.1).



O Evangelho, por ser Palavra de Deus, é obra de inspiração do Espírito Santo. É ele que sela em nosso coração o Evangelho. Iluminados pelo seu poder, somos levados à certeza de que o Evangelho contém as promessas de Deus, de forma que "de nenhum efeito é a Palavra sem a iluminação do Espírito Santo",[257] e "a graça de Deus é insípida aos

homens até que o Espírito Santo lhe confira sabor."[258] A convicção interior é obra do Espírito Santo. A Palavra de Deus, no dizer de Calvino, é "rico tesouro de conhecimento"[259] e "escola do Espírito Santo."[260] De forma que, "se ansiamos por receber algum uso e fruto da parte do Espírito de Deus, imperioso nos é aplicar-nos diligentemente a ler tanto quanto ouvir a Escritura". Vê-se aí uma associação bendita. Conforme Calvino:

> A própria Palavra não nos é absolutamente certa, a não ser que seja confirmada pelo testemunho do Espírito. Pois o Senhor ligou entre si, como que por mútuo nexo, a certeza de sua Palavra e *a certeza de seu* Espírito, de sorte que a sólida religião da Palavra se implante em nossa alma quando brilha o Espírito, que nos faz aí contemplar a face de Deus, assim como, reciprocamente, abraçamos ao Espírito, sem nenhum temor de engano, quando o reconhecemos em sua imagem, isto é, na Palavra.[261]

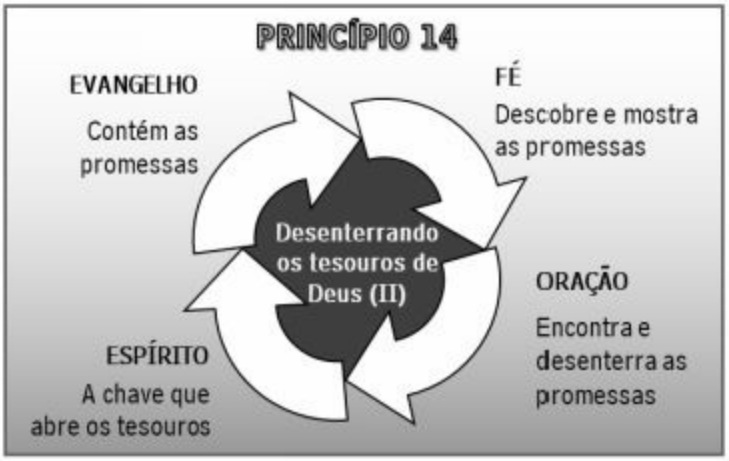
É, pois, "função do Espírito Santo selar-nos na mente aquela mesma doutrina que é recomendada no Evangelho."[262] Ele é o eterno ensinador da doutrina do Evangelho da glória e da graça de Deus. A doutrina do Evangelho são as ricas promessas de Deus. Ela não é dogma ou manual de moralidade. A doutrina do Evangelho são as graciosas ofertas do amor de Deus para o bem-estar do ser humano através de sua comunhão com Deus. Essa doutrina desenvolve-se através da busca da luz de Deus, sua presença – quanto mais próximo da luz, mais longe das trevas – e da aplicação de suas promessas pelo Espírito Santo. Uma vida em comunhão com Deus e com abundância nos favores divinos é bem-aventurada em tudo o que faz e é. O sucesso encontra-se na meditação e prática do Evangelho – a lei e doutrina do Senhor: "Tudo quanto ele faz será bem sucedido" (Sl. 1.3).

Segundo Calvino, a "fé verdadeira é aquela que o Espírito de Deus sela em nosso coração"[263] e "obra própria e inteira do Espírito Santo, por quem iluminados conhecemos a Deus e aos tesouros de sua benignidade."[264] Ele tem por "virtude e obra" iniciar, suster e consumar a fé.[265] Dessa forma, a fé é "a principal obra do Espírito", pois pelo seu poder e operação ele a aplica em nós, de forma que somente através da fé o Espírito nos conduz à luz do Evangelho.[266] Vê-se claramente, na definição da fé elaborada por João Calvino, que o Espírito se encontra estrategicamente relacionado à dinâmica do acontecer da verdadeira fé.[267] O ciclo se conclui

através da revelação e do selamento em nosso coração pelo Espírito do conhecimento do divino favor para conosco, cujo alicerce e segurança se encontram nas verdadeiras promessas de Cristo. É o Espírito que convence o nosso coração da bondade de Deus em nos ser favorável ao nos dar bênçãos por Jesus Cristo. Essas bênçãos são certas, pois Cristo não pode mentir ou iludir. Ele é a verdade que não somente liberta, mas dá a certeza das bênçãos de Deus para conosco. Como diz Calvino:

> Portanto, de uma e outra maneira singular, a fé é um dom de Deus, não só que *nela* é expurgada a mente do homem para degustar a verdade de Deus, mas também que nela o coração é firmado. Ora, tampouco é o Espírito meramente o iniciador da fé, mas *ele* a faz crescer passo a passo, até que ela nos conduza inteiramente ao reino celeste.[268]

Calvino chama o Espírito Santo de "a chave com que se nos abrem os tesouros do reino celestial e sua iluminação, a agudeza da visão de nossa mente."[269] Encontrados os tesouros e desenterrados pela oração, é pelo Espírito que os abrimos. Encontramos a promessa da salvação, mas é pela operação do Espírito que ela penetra em nossa mente e é aplicada em nossa vida. Encontramos a promessa da paz com Deus, mas é pelo Espírito que ela se torna fruto em nós. Ele é a chave que abre todas as promessas de Deus contidas no Evangelho, mostradas pela fé e desenterradas pela oração.



A oração é ato de confiança no amor paterno de Deus. Calvino, ao comentar a declaração de Paulo de que o Espírito testifica com o nosso

espírito que somos filhos de Deus (Rm. 8.16), pontua:

> Quando o Espírito nos testifica que somos filhos de Deus, ele, ao mesmo tempo imprime esta confiança em nossos corações, para que ousemos invocar a Deus como nosso Pai. E assim é, porquanto, visto que tão-somente a confiança do coração pode abrir nossos lábios, nossas línguas serão mudas para pronunciar orações, a não ser que o Espírito dê testemunho ao nosso coração a respeito do amor paternal de Deus. E assim devemos manter firme o princípio de que não podemos orar a Deus apropriadamente se não formos persuadidos pela certeza de nossos corações de que ele é nosso Pai quando o invocarmos como tal. Junto a este princípio há outro, ou seja: nossa fé só pode ser comprovada pelo ato de invocarmos a Deus.[270]

É o Espírito Santo que nos qualifica a suportar os fardos tão pesados que sobre nós sobrevierem. Paulo diz que "o Espírito nos assiste em nossa fraqueza" (Rm. 8.26). Ele nos ensina a orar como convém. Como declara Calvino, ele "inspira em nossos corações as orações que são próprias para nos achegarmos a Deus", de sorte que nossos corações, afetados por ele, produzam "orações, pelo seu fervor", que penetrem o próprio céu.[271] Calvino sugere que é possível conhecer o próprio pensamento do Espírito através de nossas orações, pois Deus assim lida com nossas orações em relação ao Espírito. Diz ele:

> O fato de Deus nos ouvir quando oramos através de seu Espírito é uma notável razão para confirmar nossa confiança, pois ele pessoalmente está intimamente familiarizado com nossas orações, como se fossem os pensamentos de seu próprio Espírito.[272]

Através da mediação de Cristo, orando sua oração e praticando a devoção através dos Salmos, estaremos caminhando para a plenificação da maturidade de nossa comunhão com Deus. É impossível crescer na graça e no conhecimento, e conhecer as Escrituras e o poder de Deus sem o uso desses instrumentos dados por Deus. Não é por acaso que Calvino destaca esses instrumentos com devidos esclarecimentos e ênfases. Era necessário desenterrar os tesouros de Deus! Com o Espírito Santo, temos a chave. Abrir os tesouros da bondade de Deus e deles usufruir as riquezas de seu amor, bondade, providência e cuidado será o céu para nós.

C|onsiderações finais

O exercício foi excelente. Espero ter contribuído para promover o esclarecimento dos princípios da verdadeira oração em Calvino, e motivado o seguimento a Jesus através da prática da oração.

João Calvino viveu na época em que era sentida a efervescência das grandes navegações marítimas. Ele cresceu, certamente, ouvindo histórias de além mar. Possivelmente, em alguma dessas histórias, era relatada a descoberta de tesouros. Com a genialidade que lhe é peculiar, Calvino aproveita-se do imaginário produzido por essas histórias para tratar dos princípios da oração verdadeira. A Palavra é o mapa do tesouro. A fé traduz o mapa. O tesouro são as promessas de Deus. A oração desenterra o tesouro, e o Espírito Santo, que é a chave, abre o tesouro.

Gostaria de vê-lo desenterrando os tesouros das promessas de Deus através da oração. Creio que necessitamos urgentemente receber a revigoração de nossa fé, bem como necessitamos de uma confissão de fé que desemboque em oração sincera e transformadora. Não existe tempo em que o crente não tenha necessidade de orar. Calvino diz:

> Os filhos de Deus – e isto é bem certo – possuem tal fé, que têm sempre necessidade de orar para que o Senhor socorra sua incredulidade. Esta é enfermidade tão enraizada em nossa natureza que nunca estamos completamente curados, até que sejamos libertados dessa prisão de nosso corpo. Além do mais, caminham em pureza de vida, mas de tal sorte que têm diariamente necessidade de orar, tanto para a remissão de seus pecados, quanto para pedir a graça de melhor progredir.[273]

A vida em Cristo do cristão respira através da oração. Esse é o chamado de João Calvino à igreja para perceber essa verdade quando escreve sobre a oração. Seguir esse chamado é assumir a postura de Jesus e dos apóstolos!

Na medida em que nos posicionamos, esperamos que a igreja responda positivamente em oração e vida diante de Deus e dos homens. Espero que o que foi estudado seja colocado em prática para iniciarmos uma

nova fase da reconstrução de nossa identidade bíblica e cristã através da prática da oração.

Até que essa graça seja realidade, invocamos a oração de João Calvino, realizada em uma de suas preleções ao Livro de Daniel:

> Deus Todo-Poderoso, já que nossas vidas não passam de um momento, um mero nada e uma névoa, permite que aprendamos a lançar todos os nossos cuidados sobre ti e de tal maneira dependermos do Senhor, que não duvidemos de que, quando for para nosso bem, o Senhor será nosso Libertador de todos os perigos que nos ameacem. Então, que também aprendamos a desprezar e ser indiferentes em relação às nossas vidas, especialmente em prol do testemunho de tua glória, para que estejamos prontos a partir assim que o Senhor nos chamar deste mundo. E que a esperança da vida eterna esteja tão arraigada em nossos corações, que possamos voluntariamente deixar o mundo e aspirar com toda nossa mente a bendita eternidade, a qual tu testificas por meio do evangelho, a qual está preparada para nós nos céus e a qual teu Unigênito Filho conquistou para nós pelo seu próprio sangue. Amém.[274]

R|eferências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. *Sermão da montanha*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BARTH, Karl. *Carta aos romanos*. São Paulo: Novo Século, 2002.

BONHOEFFER, Dietrich. *Orando os Salmos*. Curitiba: Encontrão Editora, 1995.

BRUNNER, Emil. *Nossa fé*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1970.

CALVINO, João. *Breve Instruccion cristiana*. 4. ed. Rijswijk (Z.H.): FELIRe, 1996.

_____. *Comentário à Sagrada Escritura*: Exposição de Hebreus. São Paulo: Edições Paracletos, 1997.

_____. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999.

_____. *O Livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999.

_____. *O Livro dos Salmos – III*. São Paulo: Paracletos, 1999.

_____. *Institución de la religión cristiana*. Trad. de Cipriano de Valera. 5. Ed. Rijswijk: FELIRe, 1999. Vol. II.

_____. *Commentary on Matthew, Mark, Luke – I*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Libraryp, 1999. Disponível em: http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom31.html. Acesso em: 14/01/11.

_____. *O Profeta Daniel – I*. São Paulo: Paracletos, 2000.

_____. *A verdadeira vida cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000.

_____. *Romanos*. São Paulo: Edições Parakletos, 2001.

_____. *The Institutes of the Christian Religion*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 2002. Disponível em: http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutes.html. Acesso em: 18/01/11.

_____. *1 Coríntios*. 2. ed. São Paulo: Paracletos, 2003.

_____. *O livro de ouro da oração*. São Paulo: Novo Século, 2003.

_____. *As Institutas*. Trad. de Waldir Carvalho Luz. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 1.

_____. *As Institutas*. Trad. de Waldir Carvalho Luz. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 3.

_____. *As Institutas: edição especial*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

Vol. 3.

_____. *Efésios*. São José dos Campos-SP: Fiel, 2007.

_____. *Beatitudes:* Sermões sobre as Bem-aventuranças. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

_____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Perdão Real, 2008.

_____. *A verdade para todos os tempos:* um breve esboço da fé cristã. São Paulo: PES, 2008.

_____. *2 Coríntios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2008.

_____. *Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2010.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. 3. Ed. Cambuci (SP): Cultura Cristã, 1997.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Fundamentos da teologia reformada*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

DRESCHER, John M. *Se eu começasse meu ministério de novo.* Campinas-SP: Cristã Unida, 1997.

DUEWEL, Wesley L. A *Oração poderosa que prevalece*. 2 ed. São Paulo: Candeia, 1996.

EDWARDS, Gene. *Perfil de três reis*. São Paulo: Betânia, 1987.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática.* Trad. de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GUIMARÃES, J. A. Lucas. *O coração a Deus:* síntese da espiritualidade de João Calvino. São Paulo: Ixtlan, 2010.

HALLESBY, O. *Oração*. 3. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. Trad. Frei Tomás Borgmeier. 28ª ed. Petrópolis, Vozes, 1993.

MARASCHIN, Jaci C. "O Espaço da Liturgia". *In: Culto Protestante no Brasil*. São Paulo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985.

MARIN, M. Gutiérrez (org). *Calvino, antologia*. Barcelona: Producciones Editoriales Del Nordeste, 1971.

NOVO CÂNTICO. São Paulo: Cultura Cristã, 1990.

PACKER, J. I.; NYSTROM, Carolyn. *Oração:* do dever ao prazer. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2009.

PETERSON, Eugene H. *A oração que Deus ouve:* os Salmos como guia

básico de oração. Brasília/DF: Palavra, 2007.
SPURGEON, C. H. *Firmes na verdade.* Lisboa: Edições Peregrino, 1987.
STROHL, Henri. *O Pensamento da reforma*. São Paulo: ASTE, 1963.
TONNA-BARTHET, Antonino. *Síntese da espiritualidade agostiniana.* São Paulo: Paulinas, 1995.
VVAA. *Culto protestante no Brasil*. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985.
WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

S|obre o autor

J. A. Lucas Guimarães é casado com a professora Neide Lucas. Licenciado em História (UVA/CE), Ciências da Religião (UVA/CE), Letras (UNIMES/SP), Bacharel em Teologia (EST/RS), Especialista em História e Sociologia (URCA/CE), Mestre em Teologia (STF/CE) e Ciência da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP), é pastor presbiteriano e professor da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo na disciplina de História. Atuou como professor na UNIESP nos cursos de pedagogia e teologia, em disciplina como Exegese do Novo Testamento e Antropologia Cultural. Atuou, também, como tutor em Curso de pós-graduação pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ). Iniciou sua licenciatura ao pastorado na Congregação Presbiteriana Cenáculo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza em 1998. De 1999 a 2006, esteve envolvido com a consolidação da Igreja Presbiteriana de Acopiara/CE. Assumiu a função de pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana de São Vicente/SP de 2007 a 2013. E, atualmente, encontra-se envolvido com a implantação de uma nova igreja, a Igreja Presbiteriana Vitória, na cidade de Praia Grande/SP. Em 2010, lançou seu primeiro livro intitulado “O coração a Deus: síntese da espiritualidade de João Calvino”.

N|OTAS

[1] Segundo comentário de DUEWEL, Wesley L. *A oração poderosa que prevalece*. 2ª ed. São Paulo: Candeia, 1996. p. 182.

[2] CALVINO, João. *1 Coríntios.* 2. ed. São Paulo: Paracletos, 2003a. p. 204.

[3] Para uma breve introdução à vida de João Calvino e leitura de suas obras, sugiro o livro, organizado por J. A. Lucas Guimarães, *O coração a Deus:* síntese da espiritualidade de João Calvino. São Paulo: Ixtlan, 2010. Ele é o primeiro volume da coleção espiritualidade calviniana.

[4] BRUNNER, Emil. *Nossa fé*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1970. p. 96.

[5] Os textos usados seguem duas traduções da obra *As Institutas* de João Calvino. A tradução de Waldir Carvalho Luz. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006 (que será indicada nas citações através de algarismo romano para o livro e algarismo arábico para o capítulo e as subdivisões); e a tradução em espanhol de Cipriano de Valera. 5ª Ed. Rijswijk: FELIRe, 1999 (que será indicada nas citações pela abreviatura CV, seguida de algarismo romano para o livro e algarismo arábico para o capítulo e as subdivisões).

[6] AGOSTINHO, Santo. *Confissões.* 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 19.

[7] PETERSON, Eugene H. *A oração que Deus ouve:* o livro de Salmos como guia básico de oração. Brasília/DF: Palavra, 2007. p. 11.

[8] Pode-se sugerir que o termo “sentimentos” não seja tão apropriado, tendo em vista serem volúveis e sofrerem alterações conforme sua interação com as situações existenciais. Quando usado pelo autor, quer ser sinônimo de experiência real e verdadeira com a oração e com o estudo da Palavra. Esses sentimentos não são meros sentimentalismos. Eles querem ser um chamado à valorização dos verdadeiros sentimentos que nascem do contato com a verdadeira oração e do estudo da Palavra, e que formam uma rica experiência de devoção a Deus.

[9] BARTH, Karl. *Carta aos romanos*. São Paulo: Novo Século, 2002. p. 707.

[10] BRUNNER, Emil. *Nossa fé*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1970. p. 94.

[11] CALVINO, João. *Efésios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2007. p. 141.

[12] *As Institutas da religião cristã*, obra formada por quatro livros, constitui o principal escrito de João Calvino. Nessa obra, ele expõe, de forma sistemática, os principais pontos da doutrina bíblica.

[13] Esse título constitui a conceituação geral da oração para João Calvino.

[14] CV: III, 20, 2.

[15] CALVINO, João. *O livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999b. p. 608.

[16] III, 20, 2.

[17] STROHL, Henri. *O pensamento da Reforma*. São Paulo: ASTE, 1963. p. 53.
[18] STROHL, 1963, p. 54.
[19] CV: III, 20, 1.
[20] BRUNNER, 1970, p. 93 e 95.
[21] BLOESCH, D. G. "Oração". *In:* ELWLL, Walter A (org.). *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 56.
[22] CALVINO, 2007, p. 157.
[23] III, 20, 1.
[24] III, 20, 1.
[25] CALVINO, João. *Gálatas – Filipenses – Colossenses*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2010. p. 417-418.
[26] III, 20, 1.
[27] III, 20, 1.
[28] CALVINO Juan. *Breve instruccion cristiana*. 4. ed. Rijswijk (Z.H.): FELIRe, 1996. p. 57.
[29] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 327.
[30] CALVINO, João. *A verdadeira vida cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000b. p. 31.
[31] CALVINO *apud* WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 176.
[32] BRUNNER, Emil. *Nossa fé.* São Leopoldo/RS: Sinodal, 1970. p. 95.
[33] FOSTER, Richard J. *Oração:* o refúgio da alma. Campinas/SP: United Press, 2001. p. 15.
[34] DRESCHER, John M. *Se eu começasse meu ministério de novo.* Campinas/SP: Cristã Unida, 1997. p. 61.
[35] KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 79.
[36] CV: III, 20, 2.
[37] III, 20,7.
[38] CV: III, 20, 7.
[39] III, 20, 7.
[40] CALVINO, João. *O livro de ouro da oração*. São Paulo: Novo Século, 2003b. p. 32-33.
[41] Como indica HALLESBY, O. *Oração*. 3ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. p. 07, que desde "tempos imemoráveis se tem chamado a oração de fôlego da alma."
[42] XX, 20, 7.
[43] "Vigilância e Oração, hino 129". *In:* NOVO CÂNTICO. São Paulo: Cultura Cristã, 1990. p. 111.
[44] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999b. p. 410.
[45] CALVINO, *O Profeta Daniel – I*. São Paulo: Paracletos, 2000a. p. 371.

[46] I, 2, 1.
[47] III, 20, 2.
[48] III, 20, 7.
[49] CALVINO, 1999b, p. 27.
[50] CALVINO, 2000a, p. 372.
[51] III, 20, 2.
[52] CALVINO, 1999a, p. 471.
[53] CV: III, 20, 52.
[54] CALVINO, 1999a, p. 266.
[55] A história de Jairo foi apresentada de forma não literal. Em Mc. 5. 21-24 e 35-43, você pode lê-la integralmente.
[56] SPURGEON, C. H. *Firmes na verdade*. Lisboa: Edições Peregrino, 1987. p. 09.
[57] GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 227.
[58] Essas perguntas foram formuladas pelo teólogo Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 178, com uma nova ênfase: "Se a oração tem efeito no que acontece, então parece que o plano de Deus não foi fixado em primeiro momento, tendo em vista que a quantidade da oração pode mudá-lo? Ou, se o plano de Deus já está estabelecido, então para que orar?"
[59] III, 20, 3.
[60] III, 20, 3.
[61] ERICKSON, 1997, p. 179.
[62] Ibid, p. 179.
[63] III, 20,3.
[64] III, 20, 3.
[65] CV: III, 20, 3.
[66] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 231.
[67] GEORGE, 1994, p. 227.
[68] ERICKSON, 1997, p. 178.
[69] CALVINO, João. *Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2010. p. 391.
[70] PETERSON, Eugene. *A oração que Deus ouve:* os Salmos como guia básico de oração. Brasília/DF: Palavra, 2007. p. 11.
[71] DUEWEL,Wesley L. *A oração poderosa que prevalece*. 2ª ed. São Paulo: Candeia, 1996. p. 109.
[72] CALVINO, João. *2ª Coríntios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2008d. p. 302-303.
[73] João Calvino *apud* GEORGE, Timothy.*Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 227.

[74] III, 20, 4.
[75] CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke – I*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Libraryp, 1999. p. 232. Disponível em: http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom31.html. Acessado em: 14/01/11.
[76] CALVINO, João. *A verdade para todos os tempos:* um breve esboço da fé cristã. São Paulo: PES, 2008c. p. 64.
[77] AGOSTINHO *apud* TONNA-BARTHET, Antonino. *Síntese da espiritualidade agostiniana.* São Paulo: Paulinas, 1995. p. 282.
[78] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 327-328.
[79] CALVINO, João. *As Institutas: edição especial – III*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 111.
[80] III, 20, 6.
[81] CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Edições Parakletos, 2001. p. 48.
[82] CALVINO, 1999a, p. 224.
[83] III, 20, 7.
[84] III, 20, 7.
[85] CALVINO, 1999a, p. 545.
[86] CALVINO, 1999a, p. 545.
[87] III, 20,7.
[88] III, 20,7.
[89] III, 20,7.
[90] III, 20, 8.
[91] GEORGE, 1994, p. 228.
[92] III, 20, 9.
[93] III, 20, 11.
[94] CALVINO, *O Livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999b. p. 607.
[95] III, 20, 11.
[96] CALVINO, 1999b, p. 607.
[97] CALVINO, 1999b, p. 607.
[98] III, 20, 11.
[99] CALVINO, 1999b, p. 609.
[100] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 480.
[101] XX, 20, 12.
[102] BRUNNER, Emil. *Nossa fé*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1970. p. 92.
[103] CALVINO, 1999a, p. 338.
[104] BRUNNER, 1970, p. 91.
[105] CV: XX, 12.
[106] BRUNNER, op.cit., p. 95.

[107] CV: III, 2, 7.
[108] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999b. p. 607.
[109] CV: III, 20, 11.
[110] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – III*. São Paulo: Paracletos, 1999c. p. 259.
[111] CALVINO, 1999b, p. 607.
[112] CALVINO, 1999a, p. 364.
[113] III, 20,13.
[114] CV, III, 20,14.
[115] CALVINO, João. *Comentário à Sagrada Escritura*: exposição de Hebreus. São Paulo: Edições Paracletos, 1997. p. 171-172.
[116] CALVINO, 1999b, p. 179.
[117] CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. 3ª ed. Cambuci (SP): Cultura Cristã, 1997. p. 08.
[118] XX, 20, 14.
[119] III, 20, 14.
[120] XX, 20, 11.
[121] CALVINO, João. *O Profeta Daniel – I*. São Paulo: Paracletos, 2000a. p. 373.
[122] CALVINO, João. *Gálatas – Filipenses – Colossenses*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2010. p. 395.
[123] CALVINO, *1 Coríntios*. 2ª ed. São Paulo: Paracletos, 2003. p. 425.
[124] CALVINO *apud* MARIN, M. Gutiérrez. *Calvino, antologia*. Barcelona: Producciones Editoriales Del Nordeste, 1971. p. 91. Calvino em seu comentário a Carta de Paulo aos efésios comenta: "Oração e súplica contêm uma leve diferença, sendo que súplica é a *espécie* e oração, o gênero" (CALVINO, João. *Efésios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2007. p. 157).
[125] XX, 20, 29.
[126]III, 20, 29. p. 356.
[127] AGOSTINHO, Santo. *Sermão da montanha*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 112.
[128] KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 79.
[129] AGOSTINHO *apud* TONNA-BARTHET, Antonino. *Síntese da espiritualidade agostiniana*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 19-20.
[130] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 471.
[131] CALVINO, João. *Beatitudes:* Sermões sobre as bem-aventuranças. São Paulo: Fonte Editorial, 2008a. p. 22.
[132] Ibid, p. 22-23.
[133] CALVINO, 2008a, p. 23.
[134] CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Edições Parakletos, 2001. p. 50.
[135] III, 20, 29.

[136] CALVINO, João. *Efésios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2007. p. 17.
[137] Ibid, p. 159.
[138] Idem, p. 159.
[139] CALVINO, João. *2 Coríntios.* São José dos Campos/SP: Fiel, 2008d. p. 37.
[140] Ibid, p. 37-38.
[141] CALVINO, 2001, p. 518.
[142] CALVINO, João. *Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2010. p. 582.
[143] Ibid, p. 582.
[144] Idem, p. 581.
[145] Idem, p. 581.
[146] III, 20, 29.
[147] CALVINO, 1999a, p. 456.
[148] CALVINO, 2008d, p. 26.
[149] III, 20, 29.
[150] MARASCHIN, Jaci C. "O Espaço da Liturgia". *In: Culto protestante no Brasil*. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985. p. 161. Estudos de Religião 2.
[151] III, 20, 30.
[152] III, 20, 50.
[153] III, 20, 32.
[154] III, 20, 50.
[155] III, 20, 50.
[156] CALVINO, João. *O Profeta Daniel – I*. São Paulo: Paracletos, 2000a. p. 375.
[157] CALVINO, 2007, p. 78.
[158] CALVINO, 2000, p. 375.
[159] CALVINO, *1 Coríntios*. 2ª ed. São Paulo: Paracletos, 2003a. p. 204.
[160] CALVINO, 2003a, p. 204.
[161] Ibid, p. 203.
[162] Idem, p. 203.
[163] Idem, p. 204.
[164] IV, 12, 14.
[165] IV, 12,15.
[166] IV, 12, 19.
[167] IV, 12, 19.
[168] CALVINO, 1999a, p. 230-231.
[169] III, 20, 51.
[170] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999b. p. 333.

[171] III, 20, 52.
[172] João Calvino *apud* MARIN, M. Gutiérrez (org.). *Calvino, antologia*. Barcelona: Producciones Editoriales Del Nordeste, 1971. p. 92. Ou: “Se de ânimo disposto para com esta obediência, nos deixamos ser regidos pelas leis da divina providência, aprenderemos facilmente a perseverar em oração e, suspensos os desejos, a pacientemente esperar no Senhor, certos de que, embora de modo algum se ponha ele à mostra, todavia nos está sempre presente, e a seu tempo haverá de declarar que seus ouvidos nunca foram surdos às nossas orações, as quais, aos olhos dos homens, pareciam ignoradas.” (III, 20,51).
[173] CALVINO, João. *Efésios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2007. p. 157.
[174] CALVINO, João. *1 Coríntios*. 2ª ed. São Paulo: Paracletos, 2003a. p. 410.
[175] CALVINO, 2003a, p. 203.
[176] CALVINO, 1999b, p. 410.
[177] BRUNNER, Emil. *Nossa fé*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1970. p. 96.
[178] III, XX, 14.
[179] PACKER, J. I.; NYSTROM, Carolyn. *Oração:* do dever ao prazer. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2009. p. 15.
[180] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 635.
[181] “Rude Cruz, hino 266”. *In:* NOVO CÂNTICO. São Paulo: Cultura Cristã, 1990. p. 233.
[182] CV: III, 20,51.
[183] CALVINO, 2003a, p. 410.
[184] CALVINO, 2009a, p. 473.
[185] CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Paracletos, 2001. p. 449.
[186] CALVINO, 2009a, p. 363-364.
[187] CALVINO, João. *Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses.* São José dos Campos/SP: Fiel, 2010. p. 494.
[188] DUEWEL, Wesley. *A oração poderosa que prevalece*. 2ª ed. São Paulo: Candeia, 1996. p. 92.
[189] DUEWEL, 1996, p. 91.
[190] CALVINO, João. *2 Coríntios*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2008. p. 34.
[191] CALVINO, João. *Beatitudes:* sermões sobre as Bem-aventuranças. São Paulo: Fonte Editorial, 2008b. p. 23.
[192] CALVINO, 2010, p. 376.
[193] CALVINO, 1999a, p. 633.
[194] Ibid, p. 267.
[195] CALVINO, 1999a, p. 231.
[196] CALVINO, 2010, p. 583.
[197] CALVINO, João. *O livro de ouro da oração*. São Paulo: Novo Século, 2003b. p. 71.
[198] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – II*. São Paulo: Paracletos, 1999b. p. 608.

[199] CALVINO, 1993b, p. 71.
[200] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos – I*. São Paulo: Paracletos, 1999a. p. 446.
[201] III, 20, 17.
[202] CALVINO, 2003b, p. 74.
[203] CALVIN, John. *The Institutes of the Christian Religion*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 2002. p. 622. Disponível em: http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutes.html. Acessado em: 18/01/11.
[204] CALVINO, 2003b, p. 75.
[205] Ibid, p. 76.
[206] Idem, p. 76.
[207] CALVINO, 1999a, p. 383.
[208] Ibid, p. 547.
[209] CALVINO *apud* WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 176.
[210] CALVINO, 1999a, p. 255.
[211] III, 20,48.
[212] III, 20, 49.
[213] III, 20, 34.
[214] CALVINO, 2003b, p. 124.
[215] Ibid, p. 125.
[216] Idem, p. 125.
[217] CALVINO, 2003b, p. 146.
[218] Ibid, p. 147.
[219] CALVINO, 2003b, p. 147-148.
[220] Ibid, p. 150.
[221] Idem, p. 150.
[222] Idem, p. 151.
[223] Idem, p. 153.
[224] Idem, p. 153.
[225] CALVINO, 2003b, p. 154.
[226] Ibid, p. 157.
[227] Idem, p. 157.
[228] CALVINO, 2003b, p. 158.
[229] Ibid, p. 160.
[230] Idem, p. 162.
[231] Idem, p. 163.
[232] BONHOEFFER, Dietrich. *Orando os Salmos*. Curitiba: Encontrão Editora, 1995. p. 15.

[233] BONHOEFFER, 1995, p. 15.
[234] CALVINO *apud* WALLACE, 2003, p. 177.
[235] WALLACE, 2003, p. 177.
[236] CALVINO, 1999a, p. 33.
[237] Ibid, p. 33.
[238] Idem, p. 35.
[239] CALVINO, 1999a, p. 33.
[240] Ibid, p. 34.
[241] Idem, p. 34.
[242] CALVINO, 1999a, p. 34
[243] Ibid, p. 34-35.
[244] CALVINO, 1999a, p. 36.
[245] Ibid, p. 36.
[246] Idem, p. 37.
[247] EDWARDS, Gene. *Perfil de três reis*. São Paulo: Betânia, 1987. p. 22.
[248] EDWARDS, 1987, p. 25.
[249] PACKER, J. I.; NYSTROM, Carolyn. *Oração:* do dever ao prazer. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2009. p. 47.
[250] No "Prefácio" do *saltério genebrino*, ele explicou os motivos dessa consideração: "Os salmos nos incitam a louvar a Deus, orar a ele, meditar nas suas obras a fim de que os amemos, temamos, honremos e o glorificamos. O que Santo Agostinho diz é totalmente verdade; a pessoa não pode cantar nada mais digno de Deus do que aquilo que recebermos dele." (CALVINO *apud* COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Fundamentos da teologia reformada*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 133-136).
[251] BONHOEFFER, 1995, p. 20.
[252] I, 13, 14.
[253] I, 13, 14.
[254] I, 13, 14.
[255] III, 2, 34.
[256] III, 1, 1.
[257] III, 2, 33.
[258] III, 24, 14.
[259] I, 7, 5.
[260] III, 21, 3.
[261] I, 9, 3.
[262] I, 9, 1.
[263] I, 7, 5.
[264] IV, 14, 8.

[265] IV, 14, 8.
[266] III, 1, 4.
[267] III, 2, 7. Veja o gráfico do princípio 10, pág. 62.
[268] III, 2, 33.
[269] III, 1, 4.
[270] CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Edições Parakletos, 2001. p. 288-289.
[271] CALVINO, 2001, p. 301.
[272] Ibid, p. 302.
[273] CALVINO, João.*Textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008b. p. 159.
[274] CALVINO, João. *O Profeta Daniel – I*. São Paulo: Paracletos, 2000a. p. 218-218-9.